



UBAM

UNIÃO BRASILEIRA DAS
ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA

30 anos

Anais do XXV
*Encontro Nacional de
Pesquisa em Musicoterapia*

Trajetórias da Pesquisa em Musicoterapia no Brasil

28 e 29 de novembro de 2025
(online)

ANAIS DO XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA

Edição especial de 25 anos: Trajetórias da Pesquisa em Musicoterapia no Brasil

ORGANIZAÇÃO, EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO DOS ANAIS

Ivan Moriá Borges Rodrigues – APEMEMG 1 – 0030

Leila Brito Bergold – AMTRJ 174/1

COORDENAÇÃO

COMISSÃO DE PESQUISA – UBAM

Coordenadoras

Leila Brito Bergold – AMTRJ 174/1

Maria Cláudia Mendes Caminha Muniz – CPMT – CE 069/23

Membros

Alana Oliveira Magalhães – ASBAMT 139D

Ana Carolina Arruda Costa – AMTRJ 515/1

Ana Maria Caramujo Pires de Campos – APEMESP 3-010176

Claudia Regina de Oliveira Zanini – AGMT 0003

Ivan Moriá Borges Rodrigues – APEMEMG 1-0030

Marly Chagas Oliveira Pinto – AMTRJ 068/1

Verônica Magalhães Rosário – APEMEMG 1-0027



UBAM
UNIÃO BRASILEIRA DAS
ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA

30 anos

ANAIS DO XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA

Edição especial de 25 anos: Trajetórias da Pesquisa em Musicoterapia no Brasil

UNIÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA (UBAM)

Presidente

Luiz Carlos Belizario Filho – AMTCE - 029/19

Vice-presidente

Claudia Eboli – AMTRJ - 296/1

1ª secretária

Gabriela Lelis Euzito Silva - AMTES 2018-022

2ª secretária

Edna Coelho Netto dos Santos - AMTRJ 479/1

1º tesoureiro

Ricardo Antônio Romanha Sousa – ASBAMT - 122-D



UBAM
UNIÃO BRASILEIRA DAS
ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA

30 anos

ANAIS DO XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA

Edição especial de 25 anos: Trajetórias da Pesquisa em Musicoterapia no Brasil

COMISSÃO CIENTÍFICA

COMISSÃO DE PESQUISA – UBAM

PARECERISTAS

Alexandra Monticeli Belato – APEMEMG 1-0002
Aline Moreira Brandão André – APEMEMG 10114
André Luiz Corrêa Brito – CPMT/SC 011/2016
Barbara Penteado – AMTRJ 538/1
Bianca Bruno Bárbara – AMTRJ 378/1
Claudia Regina de Oliveira Zanini – AGMT 0003
Hermes Soares dos Santos – CPMT 326/19-PR
Ivan Moriá Borges Rodrigues – APEMEMG 1-0030
Juliana Márcia Britto – APEMEMG 1-0037
Lara Teixeira Karst – AGMT 040
Leila Brito Bergold – AMTRJ 174/1
Luciana Saraiva e Silva – CPAMT-PI 1-011/18
Luiz Rogério Jorgensen Carrer – APEMESP 1-010300
Marco Antonio Carvalho Santos – AMTRJ 089/1
Maria Clotilde Henrique Tavares – AMT-DF 041
Maria Helena Rockenbach – AMTRS 457/2016
Maristela Smith – APEMESP 1-010079
Maryléa Elizabeth Ramos Vargas – AMT-RS 387/2001
Mauro Pereira Amoroso Anastacio Júnior – APEMESP 1-010512
Noemi Ansay – CPMT 078/94-PR
Raquel Siqueira – AMTRJ 418/1
Rafaela Zerbini – CPMT 295/14
Roseane Vargas Rohr – AMTES 2018-009
Rosemyriam Cunha – CPMT 101/99
Sheila Maria Ogasavara Beggiato – AMT-PR 031/94
Sofia Cristina Dreher – AMT-RS 402/2006
Tereza Raquel Alcântara Silva – AGMT 021



UBAM
UNIÃO BRASILEIRA DAS
ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA

30 anos

Todos os textos contidos nestes anais são de exclusiva responsabilidade de seus autores. Os textos não foram editados, salvo modificações necessárias para o enquadramento no formato do documento. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para fins comerciais.

Foto da capa: Ivan Moriá (2016)
Outras imagens: pixabay.com

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

A532

Anais do XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia: trajetórias da pesquisa em musicoterapia no Brasil, 28 e 29 de novembro de 2025, online / Organização de Ivan Moriá Borges Rodrigues, Leila Brito Bergold; Coordenação de Comissão de Pesquisa da UBAM. – Brasília: Musicoterapia Brasil, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-94394-13-2

1. Musicoterapia. 2. Pesquisa. I. Rodrigues, Ivan Moriá Borges (Organização). II. Bergold, Leila Brito (Organização). III. Comissão de Pesquisa da UBAM (Coordenação). IV. Título.

CDD 615.85154

Índice para catálogo sistemático

I. Musicoterapia

SUMÁRIO

Abertura do XXV ENPEMT	III
Carta de apresentação	V
Retrospectiva dos 25 anos do ENPEMT	VII
Programação	VIII
Premiações	IX
PALESTRA DE ABERTURA	10
SOBRE A INDISSOCIABILIDADE/INDISSOLUBILIDADE EM MUSICOTERAPIA: PRÁTICA CLÍNICA, TEORIA E PESQUISA	10
Lia Rejane Mendes Barcellos	11
PALESTRA ESPECIAL	26
PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS APRESENTADOS DURANTE OS 25 ANOS DO ENPEMT: CONTRIBUIÇÕES PARA A MUSICOTERAPIA	26
Leila Brito Bergold	27
Claudia Regina de Oliveira Zanini	27
Alana Oliveira Magalhães	27
Ana Carolina Arruda Costa	27
MESAS-REDONDAS	32
PESQUISA E PUBLICAÇÃO: TRAJETÓRIAS HISTÓRICAS E PERSPECTIVAS FUTURAS	33
Marco Antônio Santos	34
Rosemyriam Cunha	41
PESQUISAS QUE ORIGINARAM TEORIAS OU AMPLIARAM A PRÁTICA PROFISSIONAL	48
Renato Tocantins Sampaio	49
PESQUISAS PIONEIRAS EM MUSICOTERAPIA NO BRASIL	61
Maristela Smith	62
RESUMOS CONCORRENDO À PREMIAÇÃO	69
◆ Da Indignação À Ação Interseccional: Construindo Disciplina Decolonial, Anti-Opressiva E Emancipatória Para Graduação Em Musicoterapia	70
◆ Variações Na Repetição: Reflexões Teóricas Sobre A Ética Da Interação Sonora Em Musicoterapia Com Autistas	71
◆ Ritmo E Instrumentos De Percussão Na Formação Musical De Musicoterapeutas: Perspectivas Teóricas E Práticas Na Musicoterapia Brasileira	72
◆ Musicoterapia E Aba: Aspectos Conceituais Sobre Possibilidades De Uso Do Sonoro Musical No Ensino Do Comportamento Verbal	73
◆ BacktranslationIIm: Uma Arquitetura Agêntica Para Tradução E Validação De Conteúdo De Instrumentos Psicométricos	74
◆ Efeitos Da Musicoterapia Na Doença De Alzheimer: Uma Revisão Sistemática Da Literatura	75
◆ Anamnese Clínica: Proposta Metodológica Voltado À Musicoterapia	76
◆ Efeitos Da Musicoterapia E Análise Psicométrica No Uso De Cinco Escalas Da Prática Brasileira	77

SUMÁRIO

◆ Perfis De Preferência Musical Brasileiros: Caracterização E Implicações Para A Prática Clínica	78
A Produção Científica Em Musicoterapia No Brasil: Uma Análise Cienciométrica..	79
◆ Associação De Musicoterapia Do Rio Grande Do Sul – A História Contada Através De Musicoterapeutas Gaúchos.....	80
◆ O Pioneirismo E A Expansão Da Musicoterapia No Brasil: Análise Histórica Do Século XX.....	81
◆ Aquilombamento Na Musicoterapia: Construção Do Coletivo Musicoteraprets Brasil Como Atravessamento Decolonial Na História Da Musicoterapia	82

RESUMOS SIMPLES 83

Reis De Congo, O Álbum: Por Uma Musicoterapia Decolonial.....	84
Validade Ecológica Do Modelo Circumplexo: Classificação De Emoções Relacionadas À Música Com Inteligência Artificial.....	85
Confiabilidade Entre Avaliadores Do Manual De Instruções Do Individualized Music Therapy Assessment Profile (Imtap)	86
Abordagem Sistemática Sobre A Influência Da Valência Emocional Na Memória Musical, Episódica E Autobiográfica.....	87
Musicoterapia Musicocentrada: Aprofundando No Modelo Por Meio Da Análise Temática De Lives De Brandalise E Queiroz	88
Musicoterapia No Desenvolvimento Socioemocional De Adolescentes: Uma Revisão Sistemática	89
Significados E Sentidos Expressos Em Encontros Musicoterapêuticos Por Idosas Que Sofreram Violência	90
Diferenças E Semelhanças Na Formação De Educadores Musicais E Musicoterapeutas No Campus Curitiba Ii Da Universidade Estadual Do Paraná	91
Ouvindo O Silêncio: Musicoterapia Como Possibilidade De Expressão E Alento Para As Feridas Invisíveis Do Trauma De Violência Em Mulheres Que Sofrem/Sofreram Violência	92
Usos E Variações Terminológicas Em Musicoterapia: Uma Revisão Crítica À Luz Da Teoria Comunicativa Da Terminologia.....	93
A Musicoterapia Em Perspectiva Comunitária: Arte, Saúde E Educação Na Experiência De Grupos De Estudo Em Percussão Da Região Das Vertentes, Mg....	94
Composições Musicais Em Musicoterapia Voltadas À Expressão E Ao Restabelecimento De Pessoas Enlutadas.....	95
Reflexões Sobre Os Impactos Da Regulamentação Da Profissão De Musicoterapeuta Sobre A Formação E A Prática Profissional	96
Entrevistas Sobre Ronaldo P. Millecco: Homenagem Da Amt-Rj Aos 30 Anos Da Ubam	97
Diálogos Epistemológicos Entre Musicoterapia E Gestalt-Terapia:As Bases Teórico-Metodológicas Da Gestalt-Musicoterapia	98

Abertura do XXV ENPEMT

Queridas musicoterapeutas, queridos musicoterapeutas, pesquisadoras, pesquisadores, docentes, discentes e todas as pessoas que constroem a Musicoterapia brasileira: Boa noite. É com imensa alegria, orgulho e senso de responsabilidade histórica que declaro aberta esta edição especial do XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, celebrando também os 30 anos da UBAM — três décadas de luta, de construção coletiva e de afirmação da Musicoterapia como campo científico, clínico, artístico e social no Brasil.

Hoje nós não estamos apenas iniciando um evento. Estamos marcando um ponto na linha do tempo da nossa profissão. 25 anos de ENPEMT significam um quarto de século produzindo conhecimento, criando caminhos metodológicos, enfrentando desafios epistemológicos, ampliando fronteiras teóricas e construindo práticas mais éticas, mais consistentes e mais transformadoras. E 30 anos de UBAM significam 30 anos defendendo a dignidade desta profissão, articulando políticas, consolidando estruturas, reunindo vozes e garantindo que a Musicoterapia siga viva, reconhecida e fortalecida em cada território brasileiro.

Se hoje estamos aqui, é porque antes de nós vieram pessoas corajosas, visionárias, que acreditaram no que ainda não existia.

Acreditaram no SONORO como potência de cuidado.

Acreditaram na PESQUISA como fundamento.

Acreditaram na COLETIVIDADE como caminho político.

E acreditaram que a ciência, quando nasce da escuta e da sensibilidade, transforma vidas.

Por isso, este ENPEMT não é apenas uma programação acadêmica. Ele é um ato de memória. Ele é um ato de resistência. Ele é um ato de futuro. Durante estes dois dias, vamos revisitar as trajetórias que nos trouxeram até aqui, reconhecer pesquisas pioneiras, celebrar conquistas, analisar

criticamente nossos caminhos e abrir espaço para as novas vozes que estão chegando com força, com rigor e com sensibilidade para renovar a Musicoterapia brasileira.

Quero agradecer profundamente às pesquisadoras e pesquisadores que aceitaram nosso convite, às instituições que caminham conosco, às comissões da UBAM que tornaram este evento possível e, especialmente, à Comissão de Pesquisa, que trabalhou com dedicação exemplar para entregar um encontro à altura da história que celebramos.

Também agradeço às autoras e autores dos trabalhos apresentados. Vocês são a expressão viva de que a Musicoterapia produz ciência séria, relevante e impactante — ciência que toca pessoas e que transforma realidades. Este é um ENPEMT que honra o passado, ilumina o presente e projeta o futuro.

Que cada mesa, cada debate, cada trabalho, cada troca nos fortaleça como categoria, como comunidade científica e como campo profissional.

Que possamos seguir construindo uma Musicoterapia ética, crítica, plural, brasileira e internacionalmente reconhecida. E que essas celebrações de 25 e 30 anos sejam apenas o início de um novo ciclo — mais maduro, mais estruturado e ainda mais promissor.

Declaro oficialmente aberto o XXV ENPEMT – UBAM 30 anos.

Sejam todas e todos muito bem-vindos.

Luiz Belizario
Presidente da UBAM

Carta de apresentação

Neste ano de 2025, celebramos os 30 anos da União Brasileira de Associações de Musicoterapia (UBAM) e 25 anos do Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia (ENPEMT) com uma retrospectiva sobre trajetórias de pesquisadores brasileiros e sua relação com a Prática Clínica, Teorias e Publicações em Musicoterapia, ensejando a oportunidade de conhecer e valorizar a contribuição da pesquisa para o desenvolvimento da profissão no Brasil. O conhecimento científico sobre musicoterapia foi sendo sedimentado ao longo desses 25 anos de Encontros Nacionais de Pesquisa, contribuindo para divulgar os estudos desenvolvidos por todo o Brasil.

A Comissão de Pesquisa da UBAM, responsável pela organização dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Musicoterapia, definiu que nesse momento histórico seria importante resgatar a trajetória da pesquisa sobre musicoterapia para mostrar às novas gerações o que vem sendo construído pelos pesquisadores musicoterapeutas desde o início da nossa profissão no Brasil. A realização do XXV ENPEMT, no formato online, proporcionou a oportunidade de pesquisadores, estudantes e profissionais conhecerem e debaterem com pesquisadores renomados os diferentes caminhos da pesquisa que fomentaram a produção científica brasileira e contribuíram para o desenvolvimento da Musicoterapia no nosso país.

Para dar visibilidade a essas trajetórias históricas, foram organizadas Mesas Redondas que abordaram diferentes aspectos da construção de processos de pesquisa no Brasil, proporcionando o encontro de estudiosos veteranos com as novas gerações, e estimulando a reflexão sobre a construção de caminhos para o desenvolvimento do conhecimento científico sobre musicoterapia. Nessa perspectiva, também estimulamos excepcionalmente neste ENPEMT a apresentação de trabalhos com relatos históricos para que o conhecimento sobre a história da musicoterapia fosse ampliado e registrado.

Iniciamos no Encontro de Pesquisa em 2024 a premiação de trabalhos com as seguintes categorias: de profissionais com Prêmio Lia Rejane Mendes Barcelos e de estudantes com o Prêmio Cybelle Loureiro, que foram mantidos em 2025. Na perspectiva deste ENPEMT histórico, criamos para este ano o Prêmio Categoria Especial História da Musicoterapia. Todos os autores que concorreram a estas premiações enviaram trabalhos completos em formato de artigo, havendo a possibilidade de publicação, dos trabalhos premiados com 1º e 2º lugar em todas as categorias, no Brazilian Journal of Music Therapy, conforme parceria firmada com o Corpo Editorial da revista.

Dessa forma, o XXV ENPEMT também estimulou que os pesquisadores premiados publicassem seus trabalhos, contribuindo para a ampliação do conhecimento e divulgação dos estudos sobre Musicoterapia no Brasil.

Para a comunicação oral também foram aceitos resumos simples com resultados de pesquisas (dados parciais ou conclusivos); trabalhos que discutiam diferentes aspectos da pesquisa, e relatos sobre trajetórias históricas da Musicoterapia em Instituições de Saúde, de Ensino e nas Associações Estaduais de Musicoterapia. Neste XXV ENPEMT foram aceitos 28 trabalhos sendo 15 resumos simples e 13 trabalhos em forma de artigo completo. Estes trabalhos foram apresentados no formato de comunicação oral online, distribuídos em seis sessões de apresentações, sendo que três sessões simultâneas ocorreram pela manhã e três sessões à tarde.

Um aspecto importante discutido pela Comissão de Pesquisa foi a necessidade de retornarmos aos Encontros presenciais e/ou híbridos para que possamos estabelecer parcerias e ampliar as discussões sobre os possíveis caminhos da pesquisa em musicoterapia.

Que em 2026, no XXVI ENPEMT, possamos compartilhar não somente conhecimento, mas no encontro presencial possamos juntos vivenciar música, afeto e alegria.

Leila Brito Bergold

Coordenadora do XXV ENPEMT

Retrospectiva dos 25 anos do ENPEMT

Ivan Moriá Borges

Ao celebrarmos os 25 anos dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Musicoterapia (ENPEMT), reconhecemos sua relevância na consolidação da pesquisa em musicoterapia no Brasil. Como gesto de rememoração, propõe-se um vídeo de retrospectiva, a partir de alguns registros de edições anteriores, como convite a revisitar os encontros e momentos marcantes de sua trajetória. A tabela abaixo apresenta a relação de todas as edições. O vídeo está disponível em <https://vimeo.com/1141481934>.

Encontros Nacionais de Pesquisa em Musicoterapia (ENPEMT)			
Edição	Organização	Local	Ano
I	AGAMUSI	Porto Alegre (RS)	2000
II	AMT – PR	Curitiba (PR)	2001
III	APEMESP	São Paulo (SP)	2002
IV		Natal (RN)	2003
V	AMT – RJ	Rio de Janeiro (RJ)	2004
(não houve edição em 2005)			
VI	SGMT/UFG/EMAC/NEPAM	Goiânia (GO)	2006
VII	APEMESP	São Paulo (SP)	2007
VIII	AMT – RJ/UBAM	Rio de Janeiro (RJ)	2008
IX	AMT - PR	Curitiba (PR)	2009
X	ASBAMT	Salvador (BA)	2010
XI		Belo Horizonte (MG)	2011
XII	AMT – NE	Olinda (PE)	2012
XIII	AMT – RS	São Leopoldo (RS)	2013
XIV	AMT – DF	Brasília (DF)	2014
XV	AMT – RJ/ UFRJ/CBM/UBAM	Rio de Janeiro (RJ)	2015
XVI	APEMESP	São Paulo (SP)	2016
XVII	AMT – GO/ UFG	Goiânia (GO)	2017
XVIII	AMT – PI	Teresina (PI)	2018
XIX	AMT – CE	Fortaleza (CE)	2019
XX	APEMEMG	Belo Horizonte (MG), on-line	2020
XXI	APEMESP	São Paulo (SP), on-line	2021
XXII	APEMESP	São Paulo (SP), on-line	2022
XXIII	AMT – CE/UBAM	(Nacional, on-line)	2023
XXIV	Comissão de Pesquisa UBAM	(Nacional, on-line)	2024
XXV	Comissão de Pesquisa UBAM	(Nacional, on-line)	2025

Fonte: <https://ubammusicoterapia.com.br/institucional/historico-de-eventos/>

Programação

DIA 28 DE NOVEMBRO

19:00 - ABERTURA:
Mt. Luiz Carlos Belizário Filho
Presidente da UBAM

APRESENTAÇÃO:
Perspectivas dos estudos
apresentados durante os 25 anos
do ENPEMT: contribuições para a
Musicoterapia

Palestrantes: D^a Leila Bergold, D^a Claudia Zanini,
Ms Ana Carolina Arruda e Ms Alana Magalhães
Mediação: D^a Marly Chagas

**Vídeo de Retrospectiva sobre
os 25 anos do ENPEMT**
Ms Ivan Moriá

**19:30 – PALESTRA
DE ABERTURA:**
Indissociabilidade entre
Pesquisa. Prática Clínica
e Teoria

D^a Lia Rejane Mendes Barcellos

20:15 – MESA REDONDA:
Pesquisas Pioneiras em
Musicoterapia no Brasil

Convidados: D^a Cybelle Loureiro, Ms.
Jônia Maria Tozza Messagi, Ms. Clarice
Moura Costa, D^a Maristela Smith

Mediação: D^a Ana Maria Campos

DIA 29 DE NOVEMBRO

9:00 – MESA REDONDA:
Pesquisa e Publicação: trajetórias
históricas e perspectivas futuras

Convidados: Ms. Clara Piazzetta, Dr. Marco
Antônio Carvalho, D^a Rosemyria Cunha
Mediação: D^a Leila Bergold

10:00 – MESA REDONDA:
Pesquisas que originaram teorias
ou ampliaram a prática profissional

Convidados: Ms. Martha Negreiro,
Dr. Renato Tocantins Sampaio, Dr.
André Brandalise, Mt. Michele Mara
Mediação: D^a Marly Chagas

**11:30 – APRESENTAÇÃO
DE TRABALHOS**

13:00 – ALMOÇO

**14:00 – APRESENTAÇÃO
DE TRABALHOS**

15:30 – MESA REDONDA:
Pesquisas realizadas conjuntamente
entre Musicoterapia e outras áreas:
parcerias nacionais e internacionais

Convidados: D^a Claudia Zanini, Dr. Gustavo
Gattino, D^a Cléo Corrêa

Mediação: D^a Verônica Rosário


**17:00 – ENTREGA DE
PRÊMIOS E ENCERRAMENTO**

D^a Marly Chagas e D^a Leila Bergold


Premiações


Prêmio Lia Rejane (Categoria Profissional)

 **1º Lugar:** Backtranslationllm: Uma Arquitetura Agêntica Para Tradução E Validação De Conteúdo De Instrumentos Psicométricos
Autor: Frederico Gonçalves Pedrosa


 **2º Lugar:** Da Indignação À Ação Interseccional: Construindo Disciplina Decolonial, Anti-Opressiva E Emancipatória Para Graduação Em Musicoterapia
Autor: Wagner Junio Ribeiro, Luiz Paulo Ribeiro, Verônica Magalhães Rosário


Prêmio Cybelle Loureiro (Categoria Estudante)


 **1º Lugar:** Efeitos Da Musicoterapia E Análise Psicométrica No Uso De Cinco Escalas Da Prática Brasileira
Autor: Lanna Santos Lisboa, Patrícia Mara Silva, Leonardo Zschaber, Frederico Pedrosa, Aline André

 **2º Lugar:** Perfis De Preferência Musical Brasileiros: Caracterização E Implicações Para A Prática Clínica
Autor: Mariana Freitas Bahia Dos Santos, Luiza Ramos Carneiro, Frederico Gonçalves Pedrosa

Prêmio Trajetórias Históricas

 **1º Lugar:** Aquilombamento Na Musicoterapia: Construção Do Coletivo Musicoteraprets Brasil Como Atravessamento Decolonial Na História Da Musicoterapia
Autor: Wagner Junio Ribeiro, Kezia Paz

 **2º Lugar (empate):** O Pioneirismo E A Expansão Da Musicoterapia No Brasil: Análise Histórica Do Século XX
Autor: Viviane Barbosa De Magalhães

 **2º Lugar (empate):** Associação De Musicoterapia Do Rio Grande Do Sul – A História Contada Através De Musicoterapeutas Gaúchos
Autor: Rossana Flores Bastos, Sofia Cristina Dreher

Palestra de Abertura

Sobre a indissociabilidade/indissolubilidade em musicoterapia: prática clínica, teoria e pesquisa

Lia Rejane Mendes Barcellos

Sobre a autora



Lia Rejane Mendes Barcellos

Natural de Bagé (RS). Concurso Sul-Riograndense de Piano (Bagé - RS, 1960); Prêmio: Bolsa de Estudos no Rio de Janeiro - Academia de Música Lorenzo Fernández (AMLF-RJ); Graduação em Piano (AMLF-RJ, 1962); Especialização em Educação Musical (Conservatório Brasileiro de Música (CBM-RJ, 1963); Esp. em Regência Coral (CBM, 1964); Composição, Contraponto e Fuga (AMLF-RJ-1965); Graduação em Musicoterapia (CBM, 1975); Mestrado em Música: Musicologia (CBM, 1999); Doutorado em Música: Musicologia (UNIRIO, 2009); Criadora, Coordenadora e Profa. da Pós-graduação em Musicoterapia (CBM, 2002 - 2021); Criadora das disciplinas: “Música em Musicoterapia” e “Teorias e técnicas em Musicoterapia”. Fundadora da Clínica Social de Musicoterapia Ronaldo Millecco (CBM, 2002). Professora convidada de Cursos de Graduação e Pós-graduação em vários países e estados brasileiros. Musicoterapeuta clínica (1976-2023). Trabalhos em Congressos Mundiais: Argentina (1976, 2008); Porto Rico (1981); Brasil (Rio de Janeiro, 1990); Espanha (Vitória Gaszteiz, 1993); Alemanha (Hamburgo, 1996); USA (Washington, 1999); Inglaterra (Oxford, 2002); Áustria (Viena, 2014). Autora de livros, capítulos e artigos publicados em diversos países. Membro do Conselho Diretor e Coordenadora da Clinical Practice Commission (World Federation of Music Therapy (dois mandatos). Editora para a América do Sul do *Jornal Voices*. (Editado na Noruega): Publicação de 22 Colunas (2000 a 2015). Participação em Bancas de Doutorado, Mestrado e Graduação em Música e Musicoterapia. Presidente da AMT-RJ (dois mandatos). Publicação de sete livros sobre Musicoterapia.

Sobre a indissociabilidade/indissolubilidade em musicoterapia: prática clínica, teoria e pesquisa

Lia Rejane Mendes Barcellos

À guisa de Introdução¹

Em primeiro lugar, eu gostaria de me congratular com a atual gestão da *União Brasileira de Associações de Musicoterapia* – UBAM, liderada, atualmente, pelo musicoterapeuta cearense Luiz Carlos Belizário Filho e, embora pareça extemporâneo, aproveitar a oportunidade para agradecer àqueles que lutaram pela Regulamentação da Profissão de Musicoterapeuta, capitaneados pela nossa querida colega Mt. Dra. Marly Chagas, em 2024.² Este fato foi, sem dúvida, um dos marcos da nossa profissão, não só para a UBAM mas, principalmente, para nós musicoterapeutas brasileiros, por termos vencido uma luta que vinha sendo travada há décadas, ou seja, desde a época da máquina de escrever!

Gostaria, também, de agradecer à UBAM, pelo convite para participar deste evento, discorrendo sobre o tema que me foi dado, e que pode ser considerado de extrema relevância, ou mesmo fundamental, como objeto de reflexão e discussão para o desenvolvimento da área: A “Indissociabilidade” ou “indissolubilidade”³ na Musicoterapia.

Por fim, há que se destacar a dificuldade de referências sobre o tema central desta apresentação, o que pode apontar para um debate ainda pouco enfrentado pelos musicoterapeutas brasileiros.

Obrigada por me instigarem a enfrentar o referido assunto.

¹ Palestra proferida na abertura do XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, em novembro de 2025.

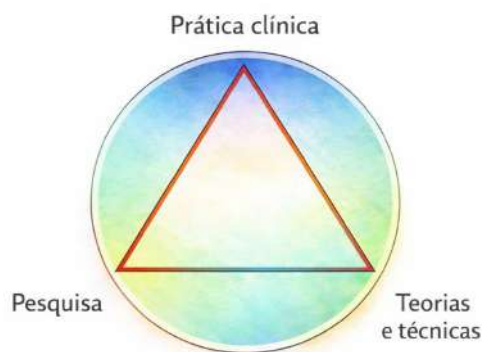
² Lei nº 14.842, de 11 de abril de 2024. BRASIL. [Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Brasília, DF: Presidência da República [2016]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/> Acesso em 26 de novembro de 2025. O Artigo 207 da Constituição Federal de 1988 garante às universidades autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, exigindo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e também se aplica a instituições de pesquisa científica, com parágrafos que permitem a contratação de estrangeiros e estendem a autonomia a instituições científicas, conforme o [Portal STF](#) e outros resultados.

³ Várias são as palavras que podem ser encontradas para se fazer referência à “indissociabilidade” tais como: “indissolubilidade”, inseparabilidade, inerência, dependência ou indivisibilidade. “Indissociabilidade” é formada pelo prefixo “in” (negação) + o radical “dissociabilidade” (que vem de “dissociar”, separar). Constituição Federal de 1988, Art. 207. DICIO.com.br.

1. Sobre a indissociabilidade em Musicoterapia


Inicialmente parece ser adequado falar sobre as palavras “indissociabilidade” ou “indissolubilidade”, aqui fundamentais, por se constituírem como o tema central de discussão, sugerido pela UBAM, e objeto de debate em várias áreas do conhecimento, tendo aqui como especificidade a utilização da música como elemento terapêutico.

“Indissociabilidade” ou “indissolubilidade” são palavras que se caracterizam, principalmente, pelo prefixo de negação “in” que vem seguido da palavra sociabilidade e que se refere a algo que **não se pode separar, desfazer, ou dissolver** como, em musicoterapia: a prática clínica, a teoria que a explica e que “dá as regras” para o seu emprego, e a pesquisa que, através da investigação, pode descobrir novos caminhos e, conseqüentemente, agregar conhecimento e possibilitar o desenvolvimento da área, como sugere o desenho a seguir:



Ainda se deve destacar o “**Artigo 207 da Constituição Federal de 1988**” que reza que: “As universidades gozam, na forma da lei, de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (**DICIO.com.br**).

Adequando-se a questão da indissociabilidade a diversos aspectos da Musicoterapia é possível se voltar aos primeiros tempos da utilização da música como elemento terapêutico para exemplificar e constatar a quebra de “indissolubilidade entre música e terapia, por exemplo, no exercício da prática clínica”, através do percurso dos primeiros musicoterapeutas formados (1975), embora à época, ainda não se tivesse conhecimento da palavra ou do referido conceito.



Ainda como aluna era possível se perceber que muitos de nós não conseguíamos acompanhar determinadas disciplinas que se referiam à utilização da música como elemento terapêutico.

Tanto no estágio obrigatório que fazíamos, na prática clínica, bem como na supervisão, era possível se identificar uma dificuldade quando o supervisor se remetia a aspectos referentes ao emprego da música nessa prática.


Por isto, logo que iniciei como docente em 1975, quando ainda aluna do 4º ano, sugeri a criação de duas disciplinas que não constavam do Programa do Curso de Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música,⁴ até então: “**Música em Musicoterapia**” e “**Teorias e técnicas em Musicoterapia**”. Isto se deveu ao fato da percepção de que deveríamos ter algum momento ou disciplina que nos desse suporte para discutir/aprender estes dois assuntos-chave.

E aqui vale explicar que deve existir uma **interseção fundamental entre teoria e técnica**, tanto no exercício da prática clínica – onde conceitos, princípios e outros aspectos da Teoria devem ser utilizados –, quanto nos momentos em que, fora do espaço da prática nos valem da Teoria para a compreensão do que foi feito e dos resultados, conseguidos ou não, na aplicação da mesma, fossem estes positivos ou negativos.

É importante clarificar que utilizamos a Teoria, também fora do espaço terapêutico, como acima referido, para a compreensão daquilo que nesse espaço é feito/realizado. Para isto, considera-se relevante entender que a teoria fornece o *porquê* e o *como* conceituais, enquanto a técnica/prática é a aplicação concreta no mundo real. Fundamental se entender que uma não existe plenamente sem a outra. No entanto, frequentemente, há uma lacuna – que acontece entre a teoria e a prática – que se considera que precisa ser preenchida através de uma reflexão, aprendizado contínuo e/ou adaptação, para que tanto a aplicação da música, como a sua compreensão, quando utilizada como elemento terapêutico, sejam eficazes.

Esta compreensão deveria vir do fato de que, apesar da música ser o nosso principal objeto de trabalho, pode-se perceber que muitos alunos/musicoterapeutas não tinham e que, ainda hoje não têm: proficiência em Música. Às vezes, nem conhecimento musical, o que fazia e faz com que, na

⁴ Vale dizer que o “Curso de Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música” (CBM), o primeiro em nível de Graduação no Brasil, foi fundado pelas professoras Cecília Conde, Doris Hoyer de Carvalho e Gabriele Souza e Silva, em 1972.



maioria das vezes, a música não seja nem mencionada no momento em que estes relatam as suas práticas, na supervisão, por exemplo, ou até em apresentações públicas de seus trabalhos em eventos da área, como fui testemunha, em uma apresentação recente num evento sobre Musicoterapia.

Por outro lado, também se poderia perceber que isto impedia, ou que pode impedir, que se leve em consideração a importância do lugar da Música em Musicoterapia, não só no que concerne à prática clínica – sem a compreensão suficiente do papel que esta exerce, como já referido –, como, também, no momento em que se utiliza uma Teoria⁵ para fundamentar o trabalho, sendo uma delas a “Teoria da Música”, para que se possa perceber/entender os acontecimentos da clínica ou, principalmente, para a sua aplicação na clínica.


Cabe assinalar que isto pode se caracterizar como “quebra da indissolubilidade” que pode ser apontada na própria palavra “Musicoterapia”, que se constitui tanto da utilização da música, como, repetindo, da compreensão da aplicação desta como elemento terapêutico. Assim, se uma delas: “a música” ou “a terapia” não estiver na clínica⁶, a nossa atuação não se caracteriza, evidentemente, como musicoterapia, aparecendo, então, a indissociabilidade que pode ser exemplificada por uma situação como a aqui referida.

Tanto Even Ruud, (1982/1990, 1987/1990)⁷ como Carolyn Kenny, (1982, 1989), musicoterapeutas, ele norueguês e ela canadense/americana, escreveram e tiveram como argumento, desde a década de 1980, que os musicoterapeutas deveriam considerar as relações entre prática, teoria, cultura e contexto, já introduzindo, aqui, o conceito de indissolubilidade em Musicoterapia, que pode aparecer em várias situações e nos diferentes cenários terapêuticos.

5 Dentre as Teorias mais utilizadas para se fundamentar o trabalho de musicoterapia estão: a Psicanálise, o Behaviorismo, e a Teoria Humanista Existencial, como nos apresenta Ruud, no seu livro: *Music Therapy and its relationship to current treatment theories* (1980), traduzido para o Português por Vera Bloch Wrobel, e publicado pela Summus, SP, em 1990, com o título “Caminhos da Musicoterapia”. BARCELLOS, L.R.M. (2009), entende a “Teoria da Música” também como possibilidade de fundamentação da prática clínica em musicoterapia, o que defende em sua Tese de Doutorado em Música.

6 Muitas vezes vemos sessões de musicoterapia, gravadas em vídeo e colocadas na mídia, que mais parecem aulas de música ou “recreação musical”. Mas, todo cuidado é pouco para uma afirmação como esta porque vai depender dos objetivos do musicoterapeuta, que nem sempre sabemos quais são ou, às vezes, de uma estratégia empregada para trabalhar um objetivo específico que não está assinalado e, portanto, não temos ferramentas suficientes para a compreensão daquilo que está sendo trabalhado.

7 1980/1990: a primeira data é a do lançamento do livro em inglês e, a segunda, da tradução em português.



Para ilustrar essa questão podem ser utilizados/estudados vídeos de musicoterapeutas no momento da prática ou, ainda, levar-se em conta a participação dos alunos na supervisão, quando trazem suas atuações como estagiários e o supervisor, por exemplo, pergunta: **por que você cantou, ou tocou esta música?** E não vamos nos surpreender, se ele não souber dizer. É bem verdade que, muitas vezes, a música vem à cabeça e você “sai cantando”.....”ou tocando”, o que também acontece/acontecia conosco nas nossas práticas. E aí, só Freud na causa!


Ainda é comum um musicoterapeuta não saber dar explicações sobre a escolha de um determinado instrumento para acompanhar o(s) paciente(s), em uma situação específica. Por outro lado, frequentemente se deixa de executar um instrumento – ou uma música solicitada pelo paciente, mesmo que seja conhecida, – por não se ter nível musical suficiente para poder acompanhá-lo ou, ainda, condições mínimas de execução daquele instrumento que ele coloca na nossa mão, o que pode ser considerado um fato comum, até pela variedade de instrumentos que podem ser empregados na prática ou porque, nem sempre, somos multi-instrumentistas. E aí, paramos para pensar e nos fazemos a pergunta que vem a seguir!

1.1. Como prevenir/trabalhar a quebra da indissolubilidade entre Música e Terapia: a prova de música para ingresso no Curso

A primeira fase da prova para ingresso no Curso de Musicoterapia, de qualquer instituição, deveria ser uma prova de música para se avaliar a proficiência do candidato em música, porque esta será o “objeto intermediário”⁸ (Benenzon, 1985, p. 47), por nós utilizado para ‘chegar ao paciente’ e tentar “levá-lo” conosco durante o desenvolvimento do trabalho.

Pode-se afirmar que poucas são as instituições que oferecem cursos de musicoterapia que têm como exigência uma prova inicial, justificando que durante os quatro anos do Curso as disciplinas de música poderão dar uma “boa base” àqueles que pretendem ser musicoterapeutas. No entanto, isto vai depender da musicalidade do candidato, de qual instrumento este toca (se toca), e daquilo que ele sabe de música. Na verdade, são vários os fatores que contribuem para maior ou menor proficiência num

⁸ Este é um conceito que se define como “um instrumento de comunicação capaz de atuar terapêuticamente sobre o paciente mediante a relação, sem desencadear estados de alarma intensos”.



instrumento musical e, também, para o conhecimento da teoria da música. Mas, sabe-se que, estudar música nunca é demais, diante da amplitude que esta área tem. Por isto, é recomendável que os livros de música estejam “sempre por perto”, para serem consultados! Ou melhor: que um musicoterapeuta siga estudando música.

Ainda é importante trazer novamente as ideias de Ruud que, referindo-se ao trabalho da musicoterapia hospitalar utiliza e “cultiva” as bases da psicologia contemporânea, defendendo, para se empregar as palavras do próprio autor: “que a musicoterapia não é uma forma de terapia alternativa”. (2010, p. 15).

1.2. A criação da Disciplina “Música em Musicoterapia”.

A **primeira proposta que fiz** – como uma das coordenadoras⁹ do Curso de Musicoterapia do CBM (Conservatório Brasileiro de Música – RJ, 1976) – para contornar as situações relativas ao “emprego da música” foi a de se colocar uma **prova de música** para os candidatos a serem admitidos no Curso. Isto, para que se pudesse avaliar o nível musical de cada um dos interessados na área.

E, a **segunda sugestão** foi a criação de uma disciplina de “Música em Musicoterapia”, que eu não saberia dizer se faz parte da grade de outros cursos da área existentes no Brasil, mas que considero fundamental, pelas especificidades do emprego desta na área. As duas propostas foram discutidas e aceitas tanto pela Direção do Curso do *Conservatório Brasileiro de Música*, a Profa. Cecília Conde, como pelas outras musicoterapeutas: Jeanette Elpern e Lenita Moraes, que compunham a Coordenação do mesmo, da qual eu também fazia parte e que era, à época, o único existente no Rio de Janeiro desde 1972 até 2017, quando foi criado o Curso da *Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*, que também tem na sua grade a disciplina de “Música em Musicoterapia”.

Após a inserção dessa disciplina no Curso do CBM foi possível perceber que as dificuldades relativas à música foram ‘parcialmente’ minimizadas. Mas, certamente, não seria possível contornar inteiramente a situação, até porque, em geral, música não se aprende em tão pouco tempo. Fui

⁹ Nos dois primeiros anos depois de formadas, pertencentes à primeira Turma do CBM e, conseqüentemente do Brasil, porque só existia o Curso do Conservatório Brasileiro de Música (1975), éramos quatro coordenadores: o Dr. René Leibinger (neurologista e professor das disciplinas da área médica) e as musicoterapeutas Jeanette Elpern, Lenita Moraes e eu.

indicada para ministrar a referida disciplina, (de Música em Musicoterapia), o que me fez estudar e me levou ao doutorado em Música, onde, minha tese de final de Curso foi sobre “A música como metáfora em Musicoterapia”¹⁰.

2. A indissolubilidade entre Teoria, Prática Clínica e Supervisão

2.1. Sobre Teoria: aspectos históricos

Só a partir de 1982, depois do “World Symposium on Music Therapy”, realizado pela *New York University* (NYU) -- do qual fui uma dentre os 29 musicoterapeutas convidados – e que foi um divisor de águas na minha carreira –, foi possível pensar sobre a **fundamentação teórica** da Musicoterapia, a partir do contato e trabalho, durante uma semana, com musicoterapeutas de vários países mas, principalmente, com o musicoterapeuta norueguês, Even Ruud, que fazia parte do mesmo grupo de discussão do qual eu participava e que trabalhou durante a semana inteira com a mesma constituição.


Até então, (1982), quando fui convidada para o referido evento, o único livro sobre Musicoterapia do qual dispúnhamos no Rio de Janeiro, era o *Tratado de Musicoterapia* (Thayer Gaston - 1968) que não se refere, por exemplo, às Teorias de Fundamentação da Musicoterapia. As técnicas utilizadas na área já estão aí contempladas, mas, a Fundamentação Teórica ainda não aparece na obra referida, que era a única que tínhamos à disposição. Por conseguinte, ainda não se falava em fundamentação teórica da musicoterapia, no Brasil, até este momento.

Assim, em 1982, quando ouvi o próprio autor – Even Ruud¹¹ – referir-se ao seu livro: *Music Therapy and its Relationship to Current Treatment Theories*¹² (Gilsum, N.H., 1980), que era assunto de debate no grupo de trabalho ali constituído e ao qual pertencíamos (N. York, 1982), desci para o almoço e comprei o livro na livraria da própria Universidade de New York (onde estávamos trabalhando)! E, aqui chegando, fiz uma proposta para que este fosse traduzido pela nossa “tradutora oficial”, a musicoterapeuta Vera Bloch Wrobel, o que foi feito com o título: “Caminhos da Musicoterapia” (publicado em 1990).

10 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. UNIRIO. Tese de Doutorado em Música – Musicologia. Programa de Pós-Graduação em Música, 2009.

11 Musicoterapeuta Norueguês e um dos maiores pensadores, teóricos e escritores da área.

12 “A Musicoterapia e sua relação com as atuais teorias de tratamento” (Grifo meu). Traduzido no Brasil pela Musicoterapeuta Vera Bloch Wrobel, com o título de “Caminhos da Musicoterapia”. Editora Summus, (São Paulo, 1990).



Mas, voltando a Ruud, vale destacar que nesse livro, o autor apresenta e discute, por vez primeira, o emprego das principais teorias que podem fundamentar a Musicoterapia: a “Teoria do Modelo Médico” e “Teorias da Psicologia”, tais como: o Behaviorismo, a Psicanálise e a Psicologia Humanista Existencial. Cabe ressaltar que esta obra muito contribuiu e, vem contribuindo, para o desenvolvimento do musicoterapeuta brasileiro no que diz respeito à utilização das Teorias que podem fundamentar a prática da musicoterapia.

Cabe ainda mencionar que, além disto, sugeri que se criasse uma disciplina de “Teorias e técnicas em Musicoterapia”, o que foi feito também em agosto de 1982, no Curso de Graduação em Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música (RJ), quando fui designada para ministrar a referida disciplina.

E aqui cabe uma observação: até então, o único livro que tínhamos era o “Tratado de Musicoterapia”, escrito por Thayer Gaston (1968), e que se referia exclusivamente às técnicas empregadas na prática clínica mas, como citado anteriormente, ainda não mencionava as Teorias que podem/devem ser utilizadas para a fundamentação da área.

Assim, decidimos introduzir na mesma disciplina que abordava o emprego das Técnicas na prática clínica, incluída no Curriculum do Curso de Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, também as Teorias utilizadas para a fundamentação da Musicoterapia.

A partir desse momento (1982), nascia a disciplina de “Teorias e Técnicas em Musicoterapia” ocupando um espaço que se fazia absolutamente necessário no nosso curso, para dar ferramentas tanto para o exercício da prática clínica, como para a fundamentação desta através das Teorias já sendo estudadas a partir da publicação e tradução da obra de Ruud para o Português.

Cabe destacar que no Brasil, até então, não se mencionava a necessidade de fundamentação teórica da área, o que só nesse Congresso (Nova York, 1982) começou a ser debatido, e que é apresentado e discutido no livro de Ruud, que examina essa possibilidade através das várias Teorias, advindas principalmente da Psicologia, como já referido anteriormente.

Ainda se pode apontar a possibilidade de fundamentação da musicoterapia através da própria música, que Ruud não aborda, como apresentada em minha tese de Doutorado intitulada: “A música como Metáfora em Musicoterapia” (2009).

Mas, voltando-se ao conceito de “indissolubilidade”, deve-se destacar que este foi evoluindo ao longo do tempo, mas, ideias-chave emergiram, particularmente, por volta da década de 80. À época, a musicoterapia buscava estabelecer a sua própria identidade, distinta de outras disciplinas que também utilizam música como, por exemplo, a *Educação Musical* ou, principalmente, a *Educação Musical Especial*. (revista.ecos@presi.unlp.edu.ar Vol. 6, núm. 1, e003, 2021).

2.2. Sobre a indissociabilidade entre Teoria e Prática clínica

Para os musicoterapeutas noruegueses Randi Rolvsjord e Brynjulf Stige (2021), a “indissolubilidade” entre teoria e prática clínica em musicoterapia se refere a uma ligação essencial e inseparável entre a fundamentação teórica e o mundo real da aplicação desta na prática, ou seja, o que acontece no “setting” terapêutico. Este conceito destaca que a efetividade da prática da musicoterapia é **sempre** sustentada ou guiada por uma teoria, ou deveria ser, enquanto a teoria resulta de, e é validada por/pelas experiências clínicas utilizadas na prática ou, pode se dizer, também, pela utilização das técnicas.

Ainda se deve observar o pensamento do musicoterapeuta americano, Kenneth Bruscia, expressando a sua posição a respeito da teoria, compatível com a ideia de indissolubilidade. Para esse autor, “A Teoria tem um lugar central na Musicoterapia: ela dá forma e é formada pela prática clínica e pela pesquisa” (In: Wheeler, 2005, p. 540).


Cabe ainda ressaltar que Randi Rolvsjord ^{a,*}, Brynjulf Stige ^{a,b}, em publicação na **Revista ECOS**, da Universidad Nacional de la Plata (UNLP), vol. 6, n. 1, no artigo e003, de 2021, (n/p.),¹³ apresentam aspectos-chave do conceito de indissolubilidade concluindo que:

- **A teoria guia a prática:** Modelos teóricos (como, por exemplo: Psicodinâmico; Comportamental e a Musicoterapia Neurológica), dão uma base para o pensamento do musicoterapeuta, ajudando o mesmo a entender “por que” ou “como” uma determinada intervenção atua ou opera ou, ainda, se a estrutura das sessões e o conjunto dos objetivos estão funcionando. Sem uma base teórica, o musicoterapeuta teria apenas uma limitada experiência pessoal para guiá-lo;

13 Não paginado.

- **A teoria fornece uma base para o pensamento profissional do musicoterapeuta**, ajudando este a entender "por que" uma determinada intervenção está funcionando, ou, ainda, "para que" ele deve estruturar as sessões e definir metas. Sem uma base teórica, um musicoterapeuta teria apenas uma experiência pessoal e limitada para orientá-lo, a menos que ele tivesse uma supervisão;
- **A prática informa a teoria:** as Teorias que fundamentam a musicoterapia frequentemente vêm da prática. As experiências clínicas e os resultados obtidos **levam ao aprimoramento, desenvolvimento e validação de princípios teóricos** existentes ou novos. Isso cria um ciclo de *feedback* no qual os resultados do mundo real moldam a compreensão acadêmica da área;
- **Teorias em musicoterapia frequentemente vêm da prática.** As experiências clínicas e os resultados obtidos levam **ao aprimoramento, desenvolvimento e validação de princípios teóricos**, existentes ou novos;
- **A Integração na formação:** a formação em musicoterapia enfatiza a integração destes dois elementos - teoria e prática. É exigido dos alunos que eles se envolvam profundamente com os conceitos teóricos, enquanto, simultaneamente, se desenvolvem na **apreensão das técnicas e métodos**, e, por fim, internalizam **as bases teóricas** do pensamento profissional para utilizá-lo, posteriormente, na prática clínica;
- **O aprimoramento da eficácia:** essa integração garante que as intervenções não sejam aleatórias, mas sim sistemáticas, direcionadas a objetivos e baseadas em evidências. Esta eficácia permite que os musicoterapeutas sejam flexíveis e abertos, ao lidar com as necessidades complexas dos clientes, pois podem contar com uma estrutura teórica robusta para 'navegar' na incerteza;
- **A Abordagem Holística:** O conceito de "indissolubilidade" reflete uma compreensão holística, ou da totalidade do processo terapêutico, onde os aspectos intelectuais (que vêm da teoria) e que são aplicados (na prática) são vistos como um todo unificado, essencial para o cuidado eficaz e o crescimento pessoal do cliente.

Resumindo: em essência, o que se quer significar com a "indissolubilidade", no geral, é que um musicoterapeuta competente não deveria exercer a sua função, unicamente realizando a prática (isto



não só é possível como, também, comum), sem utilizar a Teoria para compreendê-la: as duas são mutuamente dependentes e absolutamente essenciais para que um trabalho clínico seja efetivo e ético, **o que marca mais uma indissociabilidade: entre a efetividade e a ética.**

2.3. O papel da Supervisão de estágios


Também se pode constatar, na supervisão, quando os alunos ou profissionais relatam as suas práticas e trazem questões daí advindas, que existem dificuldades não só no emprego da música, mas, também, para perceber/entender/explicar os resultados dessa utilização, ou seja: na maioria das vezes, os alunos e até musicoterapeutas, têm dificuldade em justificar, por exemplo, a escolha de uma determinada música ou de um instrumento e, ainda, a forma como essa música foi cantada ou tocada, além dos resultados desse emprego.

Na verdade, sem a “música”, na palavra ou no exercício da musicoterapia, ficaríamos restritos, exclusivamente, à “terapia” porque, sem esta, não se tem Musicoterapia! E sem a terapia, evidentemente, não é Musicoterapia! É música. E o musicoterapeuta não é formado para utilizar outro meio que não seja a música. Assim, muitas vezes, a forma como atuamos denota a quebra da “indissociabilidade” na aplicação da musicoterapia, causada, pelas nossas questões musicais e, porque: sem música, não é musicoterapia e, sem terapia, é “só” música! Então, esta pode ser considerada a primeira forma de indissociabilidade na musicoterapia e deve ser apontada na supervisão para que o musicoterapeuta possa se adequar à aplicação da Música como elemento terapêutico.

3. A indissociabilidade entre Pesquisa e Musicoterapia

Um dos aspectos mais difíceis de serem abordados em Musicoterapia é aquele que se refere à indissociabilidade ou indissolubilidade entre “Pesquisa e Musicoterapia”. No entanto, é um assunto que deve ser levado em conta, pelas contribuições que pode trazer ao debate.

A indissociabilidade entre pesquisa e prática clínica em Musicoterapia pode nos levar a reconhecer, ou reiterar, que a “Musicoterapia e a Pesquisa” deveriam ou devem ser indissociáveis porque a contribuição da pesquisa para a musicoterapia é, sem dúvida, de extrema relevância para o desenvolvimento da área, como todos nós sabemos.



Vale dizer que quando começamos, em 1972, a pesquisa ainda não era uma das possibilidades em nosso percurso. E isto se devia a vários motivos:

1. Porque na década de 70, a pesquisa ainda não tinha sido **inserida no nível de graduação (o que hoje já existe)**;
2. Porque muitos de nós, musicoterapeutas, tínhamos várias atribuições além da prática clínica, como no meu caso, por exemplo, que tinha como função, além da prática clínica, **a docência das disciplinas de musicoterapia nas quatro turmas e a supervisão de estágios, além da prática clínica em instituição e, posteriormente, em consultório particular**;
3. Porque a nossa Instituição era de Ensino Particular, **e não tinha subsídios de órgãos oficiais**.

E, aqui, parece que estão reunidas as maiores dificuldades ou impedimentos para a realização da pesquisa:

- a. O tipo de instituição onde é realizada;
- b. As possibilidades de apoio da Instituição;
- c. A existência de verba de fomento do governo ou de outras fontes;
- d. O nível do curso do qual faz parte o pesquisador.

No entanto, ainda cabe registrar que, no nosso caso, mesmo sendo uma instituição particular, foi possível a realização de duas pesquisas, com a participação de alunos e apoio da Instituição.

4. Ainda cabe uma observação pessoal, **no exercício da pesquisa**.

Aqui me permito comentar um aspecto muito particular, sobre pesquisa, mesmo tendo uma experiência pequena na área: eu não saberia descrever, o que acontece quando vão “aparecendo os achados”, ou resultados da pesquisa. Na verdade, é uma sensação que, para mim, se apresentava como ‘indescritível’. Entretanto, devo dizer que, no pouco que fiz, e a cada momento que as indagações me levavam a uma resposta ou a alguma “descoberta”, era como se “uma nova porta se abrisse”! Uma sensação, como já referido, muito especial!

Mas, cabe observar a situação atual da pesquisa em Musicoterapia no Brasil. Evidentemente, hoje, a Musicoterapia já está dentro de Universidades Federais, sendo que na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), “existe o Mestrado e Doutorado em Música, com uma linha de pesquisa em Musicoterapia”: resposta recebida da referida Universidade, a uma consulta feita no momento da organização desta palestra, o que pode contribuir sobremaneira para o nosso desenvolvimento.

Considerações Finais

Para concluir, deve-se reiterar a importância da criação não só de novos Cursos de Musicoterapia no Brasil, como, também, considerar maiores possibilidades de realização de Pesquisas já existentes, para consolidar, principalmente, a indissolubilidade entre a utilização da Música como elemento terapêutico e a prática clínica e, conseqüentemente, alcançar melhores resultados nesse emprego. Sem dúvida, isto pode trazer grandes avanços não só para o desenvolvimento da Teoria como, também, da Prática clínica e, por conseguinte, daqueles que se beneficiam da Musicoterapia: os nossos pacientes!

Muito obrigada!

Referências

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. **A música como Metáfora em Musicoterapia**. Tese (Doutorado em Música – Musicologia. Programa de Pós-Graduação em Música). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, 2009.

BENENZON, Rolando. **Manual de Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.

BRASIL [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 26 de nov. 2025.

BRUSCIA, Kenneth. **Developing Theory**. In: Wheeler, Barbara: Music Therapy Research I (2nd Edition). Gilsum: Barcelona Publishers, 2005.

GASTON, Thayer y otros. **Tratado de Musicoterapia**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968.

KENNY, Carolyn. The essence of Music Therapy. International Symposium on Music Therapy. New York University. New York, 1982.

_____. The field of play: a guide for the theory and practice of Music Therapy. Atascadero, CA: Ridgeway publishing, 1989.

Lei nº 14.842, de 11 de abril de 2024. BRASIL. [Constituição da República Federativa do Brasil (1988)]. Brasília, DF: Presidência da República [2016]. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/civil-03/Constituição/Constituição> Acesso em 26 de novembro de 2025.

MARANTO, Cheryl Dileo. Ed.. **Music Therapy: International Perspectives**. Jeffrey Books. Pipersville, PA.. 1993.

MARSDEN, Melissa. **A indissociabilidade entre teoria e prática: experiências de ensino na formação de profissionais de saúde nos níveis superior e médio.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Fundação Osvaldo Cruz, 2009.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro e ANDRADE, Fernando César Bezerra. **Rev. Bras. Educ.** **14(41)**. Ago. 2009.

MOURA COSTA. C. & NEGREIROS, M.. **Musicoterapia – uma pesquisa sobre a sua utilização para pacientes esquizofrênicos.** *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 1984, 33 (3) 178-185.

MURAKAMI, Brea. **The Music Therapy and Harm Model (MTHM).** Conceptualizing harm within music therapy practice. *Revista Ecos*; Vol. 6, núm. 1, 2003, Feb. 2021.

<https://doi.org/10.24215/27186199e003>.

NASCIMENTO, Carina Soares do. **Pesquisa científica no Ensino Médio e Técnico.** Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia. v. 2, n. 21, e12270, 2021. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0619-8313>.

NORDOFF, Paul and ROBBINS, Clive. **Music Therapy in Special Education.** New York: The John Day Company, 1971.

OSELAME, Mariane. **A Pesquisa em Musicoterapia no Cenário Social Brasileiro.** Monografia apresentada como exigência parcial do Curso de Especialização em Psicologia – Ênfase em Saúde Comunitária. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Porto Alegre, agosto/2012.

Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, v. 2, n. 21, e12270, 2021, p. 12 de 12. CC BY 4.0| ISSN 2447-1801 |DOI: <https://doi.org/10.15628/rbept.2021.12270>.

ROLVSJORD, Randi; STIGE, Brynjulf. “Concepts of context” in Music Therapy. **Nordic Journal of Music Therapy.** R2013 2013 Dec 12;24(1):44–66.

RUUD, Even. **Music Therapy and its relationship to current treatment theories.** St. Louis, Magnamusic-Baton, 1980.

RUUD, Even. **Aspects of a theory of Music Therapy.** International Symposium on Music Therapy. New York University. New York, 1982.

RUUD, Even. **Caminhos da Musicoterapia.** São Paulo: Summus, 1990.

RUUD, Even. **Music Therapy: a perspective from the humanities.** Gilsum,; Barcelona Publishers, 2010.

WHEELER, Barbara (Ed.). **Music Therapy Research.** 2nd. Ed. Gilson (USA): Barcelona Publishers, 2005. Third Edition, 2016.

Constituição Federal de 1988, Art. 207. DICIO.com.br.

Palestra Especial

Perspectivas dos estudos apresentados durante os 25 anos do ENPEMT: contribuições para a Musicoterapia

Leila Brito Bergold

Claudia Regina de Oliveira Zanini

Ana Carolina Arruda

Alana Oliveira Magalhães

Leila Brito Bergold

Sobre as autoras



Graduada em Musicoterapia e Enfermagem, foi chefe do Serviço de Musicoterapia do Hospital Central do Exército onde se aposentou em 2011. Doutora em Enfermagem, foi professora do Instituto de Enfermagem, Coordenadora de Extensão do Centro Multidisciplinar e integrante do Conselho de Extensão Universitária da UFRJ. Atualmente é professora do Curso de Musicoterapia nesta universidade. Coordenou em 2025 a Comissão de Pesquisa e integrou a Comissão de Políticas Públicas da UBAM. É membro da Comissão de Ética da AMT-RJ desde 2023.

Claudia Regina de Oliveira Zanini

Musicoterapeuta. Doutora em Ciências da Saúde, Mestre em Música, Especialista em Musicoterapia (Educação Especial e Saúde Mental) pela UFG - Universidade Federal de Goiás. Pós-doutorado no Programa de Musicoterapia da Temple University. Bolsista de Produtividade do CNPq (2018-21). Especialista em Gerontologia titulada pela SBGG (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia). Especialista em Cuidados Paliativos (Artmed/PUC-PR). Posgrado em Musicoterapia em Áreas Críticas (SATI - Argentina). Primeira docente de Musicoterapia do Curso de Musicoterapia da UFG (1999). Presidente do Departamento de Gerontologia da SBGG-GO. Membro do Conselho da IAMM (International Association for Music and Medicine). Membro da Comissão de Educação e Certificação da WFMT - World Federation of Music Therapy (Desde 2020). Ex-coordenadora da Comissão de Pesquisa e Ética da WFMT. Membro de comissões da UBAM.



Alana Oliveira Magalhães



Natural de Ilhéus (BA). Musicoterapeuta, com atuação nas áreas de saúde mental e gerontogeriatria; corista; regente; e educadora musical. Mestranda em Música, linha de pesquisa Musicoterapia, pela Universidade Federal de Minas Gerais (2024)- vinculada ao grupo de pesquisa Centro de Estudos em Musicoterapia; Especialista em Musicoterapia pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias (2019); licenciada em Música Popular Brasileira pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (2024); licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2012); técnica em canto e documentação musical pelo Centro Estadual de Educação Profissional em Música (2019 e 2021). Membro da Comissão de Pesquisa da UBAM (2025-), secretaria da UBAM (gestão 2023-2024) e membro do GT Arquivo e Documentação da UBAM (2021-2024).

Ana Carolina Arruda Costa

Mestre em Saúde Perinatal. Especialista em Psico-oncologia. Musicoterapeuta do quadro técnico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora do Serviço de Musicoterapia da Maternidade-Escola da UFRJ.



Perspectivas dos estudos apresentados durante os 25 anos do ENPEMT: contribuições para a Musicoterapia

Leila Brito Bergold, Claudia Regina de Oliveira Zanini, Alana Oliveira Magalhães, Ana Carolina Arruda Costa
Comissão de pesquisa – UBAM

Introdução

No planejamento do XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia (ENPEMT), em caráter histórico e comemorativo, a Comissão de Pesquisa da União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM) considerou importante fazer um levantamento sobre as pesquisas apresentadas nesses 25 anos de encontro. Uma parte da Comissão se encarregou de fazer essa pesquisa e organizou-se para realizar a análise dos dados a serem apresentados na abertura do XXV ENPEMT. O presente resumo registra esse processo que teve por objetivo realizar um levantamento de pesquisas publicadas nos anais dos ENPEMTs desde sua primeira edição, em 2000. Buscou-se, com isso, compor e divulgar um panorama do que vem sendo abordado e analisar a expansão e evolução das pesquisas em musicoterapia no Brasil. Portanto, apresentamos aqui somente parte dos dados analisados, visto que futuramente a pesquisa será publicada integralmente.

Método

Trata-se de uma pesquisa documental (Gil, 2002), tendo como base de dados o site da UBAM: <https://ubammusicoterapia.com.br/institucional/historico-de-eventos>. Os critérios de inclusão foram: ser trabalho de pesquisa publicado nos anais do ENPEMT; trabalho completo ou resumo; pesquisa concluída ou em andamento. Os critérios de exclusão foram: ser relato de experiência ou proposta de abordagem ou atividade; projeto de pesquisa; trabalhos incluídos em anais compartilhados com o Simpósio Brasileiro de Musicoterapia sem a identificação daqueles que seriam correspondentes ao ENPEMT (anteriormente esses eventos ocorriam na mesma data).

Os dados levantados foram planilhados para análise e identificados de acordo com as seguintes classificações: título; autoria; ano de publicação; temática (musicoterapia ou outras áreas); área de aplicação; natureza (quali/quantitativa); método; intervenção (abordagem/método/técnica) de

musicoterapia e/ou de outras áreas; modalidade (grupo ou individual); público-alvo; referencial teórico; estado (finalizado/em andamento/projeto) e se está completo ou foi publicado apenas o resumo.

Resultados

A busca inicial no site da UBAM revelou que diversas edições dos anais do ENPEMT não constavam disponíveis ou não estavam identificados separados dos anais dos Simpósios Brasileiros de Musicoterapia. A não disponibilização de todo o material e a dificuldade para rastrear quais seriam os trabalhos de pesquisa vinculados ao ENPEMT foram uma limitação para a pesquisa, pois reduziu o escopo do estudo à metade dos anais pretendidos para o levantamento.

Das 25 edições do evento realizadas, foram identificadas 12 com os anais disponíveis, referentes aos seguintes anos: 2001; 2003; 2004; 2008; 2010; 2013; 2015; 2017; 2020; 2022; 2023; 2024. Destes, foram analisados 222 estudos, sendo incluídos 168 e excluídos 54. Diversos trabalhos eram relatos de experiência, projetos de pesquisa ou ensaios, não se qualificando como pesquisa.

A maioria eram pesquisas identificadas pelos autores como qualitativas; e em menor número, como quantitativas ou quanti-quali. Muitos estudos não tinham definição sobre o tipo de pesquisa. O método de pesquisa mais citado foi a Pesquisa Bibliográfica e depois, em menor quantidade, Estudo exploratório descritivo, Estudo de Caso, Tradução e desenvolvimento de protocolos e psicometria. A maioria dos estudos não especificou o método de pesquisa.

As modalidades de intervenções em musicoterapia mais citadas foram as grupais. Grande parte dos estudos não se referiram às intervenções por serem pesquisas bibliográficas ou pesquisas teóricas. Sobre as técnicas realizadas nas intervenções, destaca-se que composição, recriação e improvisação musicais foram as mais citadas. Muitos estudos não especificaram as abordagens ou técnicas utilizadas, o que dificultou a análise dos dados.

Discussões iniciais

Destaca-se que, com frequência, os resumos não citaram de forma mais objetiva e clara tópicos imprescindíveis, como objetivos, método (instrumentos de coleta de dados e procedimentos),

resultados e conclusão. A ausência de menção à definição ou descrição do método de pesquisa dificulta a replicação em outros cenários. Esse fato aponta para a necessidade de qualificar melhor os trabalhos de pesquisa apresentados nos ENPEMTs e criar estratégias para capacitar os musicoterapeutas para a escrita científica.

A partir dos dados encontrados, foi identificada a predominância de estudos qualitativos, o que converge para a própria natureza da musicoterapia, que demanda estudos que incluam a percepção da subjetividade dos participantes. Embora o método de pesquisa mais citado tenha sido a pesquisa bibliográfica, também foram realizados estudos de intervenção, pesquisa de campo e ensaio/estudo clínico baseados na prática clínica, mas ainda em número pequeno.

Ao longo dos anos, houve uma mudança sobre as temáticas abordadas. Desde 2013 há um crescente número de pesquisas sobre protocolos/avaliações em musicoterapia, desenvolvidas em sua maioria, na Universidade Federal de Minas Gerais. De 2015 até o presente, foram realizados de forma mais constante estudos sobre teorias de musicoterapia, o que indica a busca pela fundamentação da prática, importante para o desenvolvimento da musicoterapia. A partir de 2016, foram ampliados os estudos sobre TEA, relacionado ao aumento do número de diagnósticos nos últimos anos e de evidências clínicas da musicoterapia na área do autismo (Godoy, 2024).

Verificou-se a predominância de estudos sobre atendimentos grupais, o que enfatiza a potência da musicoterapia em promover interação social, e aponta como possibilidade a ampliação do alcance do cuidado à população através de práticas coletivas (Arndt; Maheirie 2019).

Destaca-se como um obstáculo desse levantamento de dados o fato de que os estudos que envolviam pesquisa de campo, ou pesquisa-ação/intervenção, não citavam os métodos e modelos utilizados na prática. Isso dificultou o conhecimento sobre o que é realizado no *setting* sobre novas formas de abordagens e técnicas musicoterapêuticas.

Considerações Finais

Há alguns aspectos sobre os trabalhos científicos apresentados nos ENPEMTs que se destacaram nessa pesquisa documental: há necessidade de melhorar a elaboração de textos científicos e aprimorar o arquivamento e divulgação destes textos.

Nessa perspectiva, seria importante promover a recuperação e disponibilização dos anais faltantes em meio digital, além da necessidade de reavaliar as normas de submissão de trabalhos nos editais dos ENPEMETS para assegurar maior objetividade na descrição dos métodos e resultados das pesquisas.

Recomenda-se também promover aos musicoterapeutas cursos de atualização em escrita científica e métodos de pesquisa, visando estimular a apresentação de trabalhos e ampliar a pesquisa no Brasil.

Os ENPEMETS têm contribuído para dar visibilidade às pesquisas desenvolvidas, mas para a preservação destes estudos, é importante garantir a publicação dos anais e manutenção destes registros organizados e disponíveis para facilitar o acesso ao conhecimento sobre a teoria e a prática musicoterapêutica, incluindo novas evidências, abordagens e técnicas da musicoterapia.

Referências

ARNDT, A.D.; MAHEIRIE, K. Musicoterapia: dos fazeres biomédicos aos saberes sociocomunitários. *Rev. Polis e Psique*, 2019; 9 (1): 54 – 71.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Marcia Regina. O processo de submissão para inclusão da musicoterapia na Agência Nacional de Saúde Suplementar. org. Leonardo Campos Mendes da Cunha, Marly Chagas Oliveira Pinto, Sofia Cristina Dreher. Ed. *Rev. Brasília, Musicoterapia Brasil*, 2024. Disponível em: <https://ubammusicoterapia.com.br/wp-content/uploads/2025/06/O-processo-de-submissao-para-inclusao-da-musicoterapia-na-Agencia-Nacional-de-Saude-Suplementar12jun25.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2026

Mesas-redondas

As mesas-redondas foram realizadas de maneira virtual, sendo opcional o envio de textos dos convidados. Dessa forma, está sendo apresentado em cada mesa somente os textos das palestras que foram enviadas pelos autores apresentados nestes Anais.

Mesa redonda

Pesquisa e Publicação: trajetórias
históricas e perspectivas futuras

Mediação: Leila Bergold

Clara Piazzetta

Marco Antônio Santos

Rosemyriam Cunha



Marco Antônio Santos

Graduado em Musicoterapia - Conservatório Brasileiro de Música (CBM) (1979), licenciado em Educação Artística Habilitação em Música - CBM (1983), mestre em Educação - Universidade Federal Fluminense (1996) e doutorado em Educação - UFF (2004). Professor e pesquisador aposentado da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ Fundação Oswaldo Cruz. Lecionou no mestrado profissional em Educação Profissional em Saúde EPSJV/Fiocruz), na graduação e pós-graduação em Musicoterapia (CBM). Foi presidente da AMT-RJ (1986-1988 e 1988-1990), membro do primeiro Secretariado (1995 -1997) e Secretário Geral da UBAM(2006-2008), editor dos primeiros 4 números da Revista Brasileira de Musicoterapia (atual Brazilian Journal of Music Therapy). Musicoterapeuta e arteterapeuta na Clínica Pomar (RJ) (1983-1997), jornalista responsável e membro do Conselho Editorial da revista Imagens da Transformação (1994-1996).

Pesquisa e publicações:
trajetórias e perspectivas para a musicoterapia

Introdução

A regulamentação da profissão de musicoterapeuta coloca na ordem do dia a necessidade de consolidar a musicoterapia como campo de conhecimento nos diferentes espaços acadêmicos no Brasil. A consolidação de um campo de conhecimento, no entanto, envolve um conjunto bastante complexo de elementos entre os quais a pesquisa e as publicações. Procurarei nesta breve fala elencar algumas questões.

Nos primeiros anos da musicoterapia brasileira, a formação dos profissionais se dava em instituições privadas com a exceção do curso do Paraná, oferecido na universidade estadual. Ora, as instituições privadas de ensino não ocupam, salvo poucas exceções, um espaço significativo na pesquisa acadêmica no Brasil. Assim, no início dos cursos de graduação, os formandos não tiveram acesso a um ambiente universitário onde a pesquisa fosse valorizada e estimulada. No nosso país o

locus, por excelência, da pesquisa são os programas de pós-graduação *stricto sensu* das universidades públicas federais e estaduais.

Não temos ainda programas de pós-graduação em Musicoterapia e só mais recentemente foram criados, depois do da UNESPAR, cursos de graduação em instituições universitárias públicas, ainda que em pequeno número: UFG, UFMG e UFRJ. Ouvi notícias da criação de um curso na Universidade Federal da Paraíba, mas não tenho informações precisa sobre isso.

É bom lembrar que a própria universidade brasileira é criação bastante tardia. Antes da criação da USP em 1934 e da Universidade do Distrito Federal em 1935, o padrão eram as escolas isoladas de cunho profissionalizante. Segundo Carlos Benedito Martins, no livro *Para onde vai a Pós-graduação em Ciências Sociais no Brasil*, publicado em 2005 (2005, p. 15), “a criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em 1948 indicava o gradativo crescimento da atividade científica no País”. A seguir,

o sistema de pós-graduação foi impulsionado com a criação do Conselho Nacional de Pesquisas – CNPq (atualmente Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e a Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes (atualmente Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) em 1951 (MARTINS, 2005, p. 16).

Segundo o mesmo autor, “na década de 1960 existiam, quando muito, 45 mestrados e 17 doutorados (...). No ano de 2003, o sistema contava com 1.172 cursos de mestrado, 986 cursos de doutorado e 111 mestrados profissionalizantes” (MARTINS, 2005, p. 24). A própria regulamentação da pós-graduação que distinguiu dois tipos de pós-graduação – os cursos de *stricto sensu* e os de *lato sensu* – é de 1965. Segundo dados publicados pela CAPES em maio de 2024,

A Pós-graduação *stricto sensu* do Brasil superou o patamar de 350 mil matriculados em 2023. (...) Em 2021, o Brasil contava com 322.969 mestrados e doutorandos e 7.163 cursos de pós-graduação *stricto sensu*, o que dava uma média de 45 matriculados por curso.

Esses são alguns dados para situar os primeiros passos da implantação de uma política nacional de pós-graduação e apontar a sua grande aceleração posterior. No Rio de Janeiro, onde foi criado o primeiro curso de graduação em MT, logo após a realização, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), do VI Congresso Mundial de Musicoterapia em 1990, não havia nenhum

musicoterapeuta com o título de mestre, o que inviabilizou a criação nesta universidade de curso de pós-graduação, mesmo o de *lato sensu*. Na ausência de mestrados e doutorados em musicoterapia no país, as duas opções que se colocam até hoje para os que pretendem aprofundar estudos na área acadêmica são os cursos de musicoterapia no exterior ou o ingresso em programas de outras áreas como música, educação, psicologia ...

Se, por um lado, essa situação pode apresentar a vantagem de proporcionar o contato com outras áreas do conhecimento, por outro, dificulta a constituição de grupos de pesquisa de musicoterapia vinculados a programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Importante destacar que a formação dos pesquisadores é o aspecto fundamental para o desenvolvimento de qualquer campo científico. A construção de uma mentalidade científica aberta e crítica é o resultado de um processo bastante complexo que exige planejamento e acompanhamento cuidadoso. Por isso, o estudo de onde se formaram os pesquisadores brasileiros em Musicoterapia, quais as principais referências teóricas na área e as relações entre as instituições formadoras e os referenciais teóricos adotados pelos musicoterapeutas é fundamental para o desenvolvimento da musicoterapia no Brasil.

Um aspecto que é preciso enfatizar a respeito da indissociabilidade entre pesquisa e clínica, afirmada corretamente por Lia Rejane na palestra de ontem, é que essa noção de indissociabilidade e a responsabilidade por tal articulação é da carreira, do conjunto dos profissionais que atuam de diferentes formas no campo da musicoterapia. Mesmo considerando que é possível, em certas circunstâncias, realizar pesquisa com poucos recursos, isso não acontece na maioria das vezes.

A pesquisa não pode ser cobrada de cada musicoterapeuta individualmente na medida em que esta exige condições particulares como: uma formação específica (a que, em geral, só se tem acesso na pós-graduação *stricto sensu*); financiamento e disponibilidade de tempo dedicado a esse tipo de trabalho; equipamentos e instalações em certos casos, apoio institucional. Neste sentido, cabe, em especial, às associações e aos professores que atuam nos cursos de musicoterapia trabalhar para que sejam criadas oportunidades e espaços dedicados à pesquisa.

O que me parece caber a todos os profissionais é um esforço permanente de atualização de forma a poder apoiar o seu trabalho no que a musicoterapia produziu de mais avançado em termos de conhecimento.

Grupos de pesquisa em Musicoterapia

Em consulta realizada em 2/11/2025 à Plataforma Lattes do CNPq, encontramos o registro 5 grupos de pesquisa certificados pela instituição a partir do termo de busca “Musicoterapia”. O grupo mais antigo foi criado na UNESPAR em 2008. Seguem-se dois grupos criados na UFMG em 2011 e 2018, um na UFRJ em 2018 e o último na UFG em 2020. Os da UNESPAR e da UFRJ indicam como área predominante de pesquisa “Ciências da Saúde” e “Saúde Coletiva”, enquanto os dois da UFMG e o da UFG indicam as áreas de “Linguística, Letras e Artes” e “Artes”.

A liderança dos grupos é ocupada integralmente por musicoterapeutas (UFMG e UFRJ) ou por musicoterapeutas e profissionais de outras áreas (UNESPAR e UFG). Considerando a participação de pesquisadores mestres e doutores temos o seguinte quadro:

Instituição	Doutores	Mestres
UNESPAR	17	4
UFMG (1)	9	0
UFMG (2)	13	0
UFRJ	9	0
UFG	4	1

O quadro apresenta participação significativa de pesquisadores com doutorado em grupos de pesquisa de musicoterapia, um panorama que pode ser considerado promissor. Apenas um dos grupos não registrou, na data da consulta, a participação de estudantes e apenas um conta com a participação de um colaborador estrangeiro, aspectos que podem merecer considerações por se tratar de elementos capazes de contribuir para a consolidação de grupos de pesquisa.

A participação de estudantes de todos os níveis contempla a dimensão formativa de novos pesquisadores e a participação de colaboradores estrangeiros favorece um intercâmbio mais

sistemático com outros centros e tradições de pesquisa. Um último dado: todas as instituições públicas que oferecem graduação em musicoterapia contam com grupos de pesquisa registrados no CNPq, o que não acontece com as instituições privadas.

Financiamento de pesquisa

O financiamento é uma das questões estratégicas para a pesquisa. Mesmo considerando que é possível realizar pesquisa com poucos recursos, alguns projetos de maior fôlego só se tornam viáveis com financiamento que garanta, por um período por vezes longo, a dedicação de profissionais e gastos com equipamentos, participação em eventos, etc.

O exemplo da pesquisa realizada na década de 1980 por Clarice Moura Costa e Martha Negreiros de Sampaio Vianna com financiamento da FINEP para uma pesquisa de Musicoterapia no Instituto de Psiquiatria da UFRJ é extremamente importante. As musicoterapeutas conseguiram mobilizar outros profissionais da área de saúde e obtiveram o apoio da instituição onde se desenvolveu a pesquisa. Um trabalho que não só deu visibilidade à prática clínica como desenvolveu uma rica base teórica para o campo da musicoterapia na saúde mental.

Hoje as exigências para a obtenção de apoio do CNPq, CAPES ou FINEP para projetos de pesquisa continuam grandes. Apesar da forte concorrência por recursos junto às financiadoras de pesquisa, hoje já contamos com muitos doutores e mestres musicoterapeutas o que possibilita reivindicar financiamentos para novos projetos específicos na área da musicoterapia.

Instituições de pesquisa e a urgência de pós-graduações stricto sensu em MT

O movimento nacional da Musicoterapia se inicia com a criação de associações e cursos. As associações de musicoterapia são instituições que buscam alcançar objetivos bastante amplos como a divulgação da carreira (tanto junto ao grande público quanto na área acadêmica e nas instituições que empregam profissionais da saúde e educação); a criação de novos espaços profissionais para os seus associados; o intercâmbio entre musicoterapeutas e outros profissionais; a formação dos musicoterapeutas e as questões éticas.

A criação da UBAM estimulou o intercâmbio entre os musicoterapeutas das diversas regiões. Com isso passou-se a sentir a necessidade de promover encontros voltados especialmente para as questões da pesquisa, levando a organização do ENPEMT que agora comemora 25 anos com o presente encontro.

Não temos ainda instituições voltadas especificamente para questões científicas da carreira que tematizem campos de atuação (autismo, saúde mental, educação especial, gerontologia, ...), metodologias de pesquisa e avaliação ou abordagens teóricas (humanista existencial, psicanalítica, comportamental ...). Este tipo de instituição reúne e organiza o debate e as pesquisas em campos específicos proporcionando espaços mais especializados de intercâmbio.

Publicações

Temos apenas uma única publicação especializada, criada em 1995 na mesma ocasião em que foi criada a UBAM. Mesmo considerando a existência de outras publicações que têm publicado de forma mais ou menos sistemática a produção da musicoterapia, ainda é pequeno o número de publicações interessadas especialmente nesta área.

Merece destaque a *InCantare*, publicação vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia (NEPIM), da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), criada em 2010, que no seu site indica que seu escopo contempla pesquisas que contribuam para os campos da Musicoterapia, Música, Educação, Saúde e áreas afins.

Quando olhamos para outros campos de conhecimento, nos damos conta das dimensões do problema. A rede latinoamericana de Periódicos de Psicologia (PePsic), mesmo considerando que inclui publicações de toda a América Latina, registra como títulos atuais 84 publicações, em grande parte brasileiras. Cabe informar que a rede não registra todos os periódicos, mas apresenta várias exigências para a inclusão de publicações:

As revistas pretendentes a ingressar ao PePsic devem estar vinculadas, obrigatoriamente, a associações científicas, programas de pós-graduação, departamentos, núcleos ou laboratórios de pesquisa reconhecidos oficialmente por instituições acadêmicas e/ou profissionais e estarem ativos há, no mínimo, três anos de forma ininterrupta.

Uma outra questão de grande interesse para o tema (pesquisa e publicações) seria a da necessidade de considerar que as especificidades da música no contexto terapêutico continuam sendo um grande desafio em especial quando a pesquisa se orienta fortemente por parâmetros quantitativos. A articulação entre arte e ciência na teoria e prática da musicoterapia merece atenção especial diante de algumas tendências que poderíamos chamar de “cientificistas” que, a partir de uma visão marcada pelo positivismo, empobrecem a análise da experiência da música no trabalho clínico. O esforço para medir, calcular e “demonstrar” resultados, por vezes, leva a perder de vista a dimensão da arte envolvida na musicoterapia e a preocupação com a “objetividade” obscurece o que há de “subjetividade” envolvido no processo musicoterápico.

Por fim, se tivesse de selecionar os aspectos que considero mais estratégicos sobre pesquisa e publicações no nosso campo, diria que:

1. é essencial trabalhar pela criação de, pelo menos, uma pós-graduação *stricto sensu* específica no Brasil;
2. precisamos ampliar os grupos de pesquisa e cuidar do financiamento para projetos coletivos de fôlego;
3. precisamos de novas publicações na área;
4. precisamos de um amplo debate sobre metodologias de pesquisa que questionem visões simplificadas de ciência e método científico, insuficientes para dar consistência ao trabalho de pesquisa.

Descritores: Musicoterapia; Pesquisa em Musicoterapia; Publicações em Musicoterapia.

Referências

CAPES - <https://www.gov.br/> - publicado em 08/05/2024

MARTINS, Carlos Benedito (org.). *Para onde vai a Pós-graduação em Ciências Sociais no Brasil*. Bauru - SP: EDUSC, 2005.

Periódicos em Psicologia – PEPSIC <https://pepsic.bvsalud.org/> – consulta em 8/11/2025

Rosemyriam Cunha



Graduada em Musicoterapia pela Faculdades de Artes do Paraná (1995). Especialista em Gerontologia pela Universidade Tuiuti e em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, também titulada Gerontóloga pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia.

Concluiu o mestrado em Psicologia da Infância e da Adolescência pela Universidade Federal do Paraná (2003) e o doutoramento em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2008). Atualmente atua como professora associada da UNESPAR, Campus de Curitiba II - FAP, no curso de Musicoterapia e no Programa de Pós-Graduação em Rede Mestrado Profissional em Educação Inclusiva - PROFEI. É membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia - NEPIM-CNPq e do Grupo de Pesquisa em Ensino e Práticas Inclusivas da UNESPAR. Tem experiência de prática musicoterapêutica nas áreas da saúde (gerontologia, demências, oncologia), educação (crianças com autismo e síndromes neurodegenerativas) e na área social comunitária (comunidades, pessoas em situação de vulnerabilidade social), com predominância em trabalhos em grupos. É membro parecerista da Revista InCantare, da Revista Brasileira de Musicoterapia.

Publicações em musicoterapia:
brazilian journal of music therapy e incantare

Resumo

Este texto, em formato ensaístico, é o registro dos argumentos apresentados em mesa redonda realizada no XXV Encontro Nacional de Pesquisa e Musicoterapia de 2025, ocasião em que foram debatidas perspectivas sobre as publicações em Musicoterapia, no Brasil. No cenário aqui abordado, figuraram as duas revistas brasileiras que se dedicam a publicar temáticas do campo musicoterapêutico: a Brazilian Journal of Music Therapy e a Revista InCantare. A pauta da mesa se estendeu para os desafios e contradições que autores e autoras do campo enfrentam para criar e submeter textos, como também sondagens a respeito do futuro das publicações nessa área de práticas e saberes. O diálogo estabelecido

ênfatezou a continuidade dos esforços para a divulgação dos trabalhos escritos e para o aprimoramento das descrições teóricas e metodológicas nas produções escritas.

Palavras-chave: Musicoterapia, artigos, metodologia, produção de textos.

Introdução

Em 2010, o conjunto de docentes Colegiado de Musicoterapia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), passou por experiências contraditórias em relação às publicações dos textos que estávamos produzindo. Na época, contávamos com a Revista Brasileira de Musicoterapia (atual Brazilian Journal of Music Therapy-BJMT), mas percebíamos que o campo de possibilidades de divulgação de artigos que mostrassem interconexões entre arte, música, educação e saúde era fértil em horizontes de divulgação e demandava mais espaços de publicações. A abertura de grupos de pesquisa, na nossa instituição estava efervescente, dinâmica que nos levou a sonhar com uma revista própria do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia (NEPIM). Concordamos, então, em abrir frentes e nos dedicamos a criar um periódico que acatasse textos interdisciplinares, com ênfase nos escritos de Musicoterapia. Nesse ímpeto, fruto de esforços conjuntos dos membros do NEPIM, a revista atualmente denominada InCantare foi criada.

A InCantare convive, desde então com a BJMT, sem tentar competir com esse importante periódico, mas ampliando espaços de diálogo entre campos de saberes que conversam com a Musicoterapia, no esforço de dar espaços para a divulgação e socialização de nossas produções. Por essa razão, a revista se aventura em campos afins com a arte, saúde e educação, no sentido de colaborar com a criação de pensamentos abertos às manifestações humanas que transitam nessas áreas.

Desde 2010, essas duas revistas têm participado paralelamente, mas em união de forças, nos processos de construção de um ambiente especializado nas publicações sobre Musicoterapia, no Brasil. Escrever, relatar e publicar nossas reflexões, teorizações, pesquisas e práticas é o meio, ou estratégia, ao nosso alcance, para construir e socializar conhecimentos. Logo, sabemos que, em nome da divulgação das práticas e teorias musicoterapêuticas, publicar é preciso.

Historicamente, a União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM) defende essa ideia. Tanto é que a BJMT, apoiada pela UBAM, conta desde a década de 1990, com 40 volumes

publicados e disponíveis no site da revista. A InCantare, desde 2010, soma 26 volumes igualmente à disposição de leitores e leitoras, em formato online. Embora a jornada intensa até agora, com destaque para o número de artigos que cresce a cada número, ainda precisamos de aportes teóricos para situações fundamentais da nossa prática. Essa demanda se evidencia ainda mais quando nos percebemos inseridos/as em um mundo que se transforma com muita rapidez e que nos impulsiona a adentrar em campos de ações diversificadas.

Nos último cinco anos, tendo em conta os anos de 2020 a 2025, essa diversificação acompanhou mudanças sociais que ressoaram no campo musicoterapêutico. Entre estas, destacamos a pandemia do COVID 19 que desafiou o mundo a criar estratégias para sobreviver em realidades antes impensadas. As práticas do nosso campo seguiram esse movimento em busca de metodologias alternativas para apoiar as pessoas isoladas na quarentena. Atendimento online foram estabelecidos, desafiando interações e criações musicais convencionadas até aquele momento. Mais ainda, nesse quinquênio vimos o incremento de pesquisas quantitativas, a validação de protocolos de pesquisa, o destaque nas práticas com pessoas no âmbito do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e da Gerontologia, a utilização de recurso da inteligência artificial nos encontros, entre os aspectos que se destacaram nesse recorte de tempo.

Os exemplos acima citados mostram parte da diversidade de temas abordadas por profissionais e pesquisadores/as musicoterapeutas em textos publicados nas revistas acima mencionadas, desde 2020. Essa amostra revela que a musicoterapia se trata de um campo de ação que tem muito a contar sobre a ação humana de criar de sons, melodias, gestos e dinâmicas emocionais que se conectam com realidades atuais. São expressões sonoras humanas que traduzem o cuidado da saúde, o acolhimento das pessoas, a escuta atenta, a atitude ética e política de buscar protagonismo e autonomia onde a precariedade e a vulnerabilidade habitam. Esse cenário expressivo tem descortinado as provocações que habitam o ato de escrever sobre ações musicoterapêuticas. Um destes desafios se mostra no enfrentamento de tensões e contradições encontradas na dificuldade de colocar no papel o sensível, o poético, a presença; aspectos que permeiam as interações que realizamos.

Percebe-se que há tentativas de aproximar leitores e leitoras da ambientação relacional que as técnicas do campo da musicoterapia propiciam. No entanto, palavras e expressões nem sempre

conseguem revelar o processo encadeado de ação-reação, os sinais observados, a sensibilidade das sonoridades produzidas na estética humana que permeia as interações. Essas dimensões parecem extrapolar as possibilidades do nosso vocabulário. Percebe-se então, que temos especificidades plenas de potências, mas que, na mesma grandeza, colidem com o ato escrever: as interações e seus resultados são experienciados, mas as descrições se distanciam do real vivenciado. Acredito que essa é uma das razões pelas quais nossos artigos demandam mais e mais... mais descrições da prática, mais metodologias profundamente detalhadas e bem contadas, mais resultados relatados em suas particularidades.

Esta condição exigente e angustiante, tem movido nosso campo para aprimoramentos na construção de literatura. Nas publicações de ambas as revistas aqui destacadas, é possível verificar o processo de crescimento de autores/as e pesquisadores/as em relação às possibilidades da escrita. Os primeiros volumes da BJMT, de 1996 a 2000, são apanhados de textos, muito importantes, mas com conteúdos organizados de maneira pessoal, sem preocupação com normas e formatações da escrita acadêmica.

Após a virada do milênio, percebe-se a crescente atenção com a formatação e apresentação de conteúdos que compõem os textos cada vez mais próximos da escrita científica. Repito aqui a perspectiva de evolução histórica da produção de artigos que apresentei em pesquisa publicada na BJMT (Cunha; Lorenzino, 2021) e que considerou as publicações das duas revistas, InCantare e BJMT, para traçar um caminho já percorrido e conquistado nas publicações.

De 1996 a 2001: profissionais musicoterapeutas respondem ao chamamento para a realização de pesquisas: qualificação profissional (Santos, 2004a).

De 2002 a 2008: Ética na Pesquisa e os Comitês de Ética: profissionais atendem à convocação para o enfrentamento desses processos nas pesquisas (Santos, 2004b).

De 2009 a 2014: Entra em cena a Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia. A qualificação profissional reflete na estruturação dos trabalhos que, em comparação com as duas fases anteriores, agora se mostraram em formato de artigo científico (resumo, introdução, revisão, procedimentos metodológicos, discussão de dados e reflexões finais).

De 2015 a 2019: Ênfase em revisões sistematizadas, total de 22, em paralelo às pesquisas de campo de caráter qualitativo que somaram duas.

Para este trabalho, foram atualizados os dados encontrados na pesquisa publicada em 2021 para incorporar o período dos últimos cinco anos, ou seja de 2020 a 2025.

Os resultados da atual busca mostraram que mais 55 artigos foram publicados nesse recorte de cinco anos, somadas as duas revistas. Foram excluídas as entrevistas. Nesse conjunto de publicações houve manutenção do predomínio das revisões de literatura com 15 artigos. Os relatos de experiência somaram dez textos, os relatórios de pesquisa qualitativa foram nove, enquanto os de pesquisas quantitativas, mais presentes neste período, totalizaram cinco artigos.

A marca histórica da COVID 19 resultou em sete artigos sobre impactos e estratégias para atendimentos online na pandemia. As proposições de protocolos de avaliação e de intervenção figuraram com destaque de seis textos e três artigos versaram sobre aspectos históricos de associações.

Esse período, pós 2021, parece ter se desenvolvido sem um chamado geral ao campo para as produções, no entanto, o investimento na produção de conhecimento tem sido marcante com o aprimoramento profissional em cursos de mestrado e doutorado.

Essa formação, como dito acima, se mostra nas produções textuais mais consistentes em formatação e conteúdo. No entanto, a presença da qualidade agregada nos textos submetidos às revistas, ressalta a ausência dos relatos das pesquisas produzidas nos âmbitos da pós-graduação, tanto na BJMT como na InCantare.

Esse fato talvez resulte das exigências, dos próprios programas, de que textos gerados das teses e dissertações sejam publicados em periódicos especializadas nas áreas de concentração dos cursos.

Como é de conhecimento, musicoterapeutas se qualificam em programas de áreas diversas, que não a da Musicoterapia, nos diferentes estados brasileiros, pela ausência de programas de pós-graduação específicos ao campo, salvo linhas de pesquisa que acolhem a Musicoterapia.

O Quadro 1, mostra o quantitativo e as temáticas em que se inseriram os artigos aqui comentados e que foram publicados entre **2020 a 2025**.

Período: 2020 - 2025	
Caráter do artigo	Total
Revisão de literatura	15
Relato de experiência	10
Pesquisa qualitativa	9
Pesquisa quantitativa	5
Estratégias na pandemia COVID 19	7
Protocolos avaliação/intervenção	6
História da MT no BR	3
Total de artigos: 55	

Quadro 1: Artigos da BJMT e InCantare entre 2020-2025. Fonte: Cunha, 2025

Os dados acima mostraram que os protocolos de avaliação se mostram crescentes no interesse de profissionais, nas publicações dos últimos cinco anos, e as pesquisas quantitativas continuam em número crescente. A presença de produções que descreveram o enfrentamento de situações que exigiram inovação, como a modalidade online, impulsionada pela pandemia, mostrou força e resistência do campo quando em face de desafios. A presença de textos com registros históricos e das entrevistas com pioneiros/as da profissão também conta da preocupação em marcar a trajetória da musicoterapia brasileira nos marcos e personagens que construíram, no passado, o que continuamos no presente.

Possíveis considerações

Para finalizar os comentários sobre as publicações em Musicoterapia na perspectiva dessa autora e no âmbito das revistas BJMT e InCantare, no recorte 2020- 2025, podemos indicar algumas percepções. Uma delas, mais geral, sinalizou que ainda carecemos de aportes teóricos que deem sustentação para situações fundamentais da nossa prática. Por essa razão, escrever e publicar se torna uma necessidade para o fortalecimento do campo de saberes da musicoterapia. Mas como seguiremos nessa trajetória de publicações?

A análise do processo de construção de textos aqui realizada mostrou que, do início das publicações para a atualidade, os artigos incrementaram forma e conteúdo. Esse ganho parece ser

reflexo do aperfeiçoamento profissional de musicoterapeutas que, em quantidade representativa, buscaram qualificação em mestrados e doutorados. Logo, concluímos que temos traçado bons caminhos e que vale dar continuidade aos esforços e vitórias obtidas.

Para o futuro, talvez possamos pensar em agregar forças, uma vez que pesquisadores/as e profissionais da prática estão por todo o país. Com isso, temos condições de seguir as tendências atuais de pesquisas, como as multicêntricas, as pesquisas em colaboração com grupos de pesquisa de diferentes áreas de conhecimentos e de regiões distintas do Brasil, as pesquisas comparativas em questões de regionalidade e cultura, para citar alguns exemplos.

Com o amadurecimento do nosso campo, em questões de construção de conhecimentos interdisciplinares, oportunidades criativas e avançadas abrem-se para práticas e pesquisas. Outra possibilidade que se coloca são artigos construídos na metodologia de Perspectivas de Prática com textos que contribuirão com aspectos teóricos advindos de descrições do aqui e agora da ação musicoterapêutica.

Para o amanhã que se descortina, as publicações poderão representar uma produção que agregue forças e diminua o isolamento de construção de saberes. Nós musicoterapeutas, estamos por todo o Brasil, trabalhando e produzindo. Me parece que já podemos abrir cenários de produções literárias que unam forças na construção teórica.

Temos uma história cheia de belezas, contradições e sucessos. Nos cabe valorizar caminhos já traçados e abrir outros ainda inéditos. Saldamos a UBAM, que nos seus trinta anos de existência, tem apoiado e figurado em todos os momentos dessa trajetória.

Referências

CUNHA, Rosemyriam; LORENZINO, Lisa. Musicoterapia e pesquisa qualitativa: diálogos. **Brazilian Journal of Music Therapy**, Ed. Comemorativa, ano XXIII, n. 32, 2021, p. 129-161. DOI <https://doi.org/10.51914/brjmt.32.2021.354>.

SANTOS, Marco Antonio. Ética na pesquisa em musicoterapia. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, ano IX, 7, 2004a, p. 43-48. <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/11/6-%C3%89tica-na-Pesquisa-em-Musicoterapia.pdf>

SANTOS, Marco Antonio. Para a Construção de uma Agenda Nacional de Pesquisa em Musicoterapia (Resumo expandido). In: Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro. **Anais**. V Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia. Curitiba, Brasil,

Mesa-redonda

Pesquisas que originaram teorias ou
ampliaram a prática profissional

Mediação: Marly Chagas

André Brandalise

Martha Negreiros

Michele Mara

Renato Tocantins Sampaio



Renato Tocantins Sampaio

Natural de Belém (PA). Musicoterapeuta, Educador Musical, Especialista em Gestalt-terapia e Análise Existencial, Mestre em Comunicação e Semiótica, Doutor em Neurociências. Musicoterapeuta clínico com experiência nas áreas de Neurodesenvolvimento, Saúde Mental, Hospitalar e Social. Publicou

livro, capítulos de livro e artigos científicos sobre Musicoterapia e sobre Educação Musical Inclusiva no Brasil e no exterior. Professor Adjunto de Musicoterapia na Universidade Federal de Minas Gerais, onde atua na Graduação em Música/Musicoterapia, no Programa de Pós-graduação em Música – Linha de Pesquisa Musicoterapia, e no Programa de Pós-graduação em Neurociências. Foi Presidente da Associação de Profissionais e Estudantes de Musicoterapia do Estado de São Paulo (APEMESP) e do Comitê Latino-americano de Musicoterapia (CLAM). Foi representante da América Latina no Conselho Diretor da Federação Mundial de Musicoterapia (WFMT)

Música e Comunicação em Musicoterapia: Desdobramentos Clínicos

1. Por quê Música e Comunicação?

Ao longo de quase 30 anos de prática clínica e de docência em Musicoterapia, tenho desenvolvido reflexões clínicas e teóricas, de modo a poder melhor compreender o que faço como clínico, explicar¹ minhas ações, avaliar a melhora clínica das pessoas com que atuo e, ainda, colaborar com a formação profissional de musicoterapeutas no Brasil. Este texto, baseado em minha participação na Mesa Redonda “Pesquisas que originaram teorias ou ampliaram a prática profissional”, durante o XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, em novembro de 2025, apresenta alguns frutos deste percurso.

1 A palavra Pli em francês, significa dobra ou vinco. Desta forma, ex-plicar seria expor a dobra, enquanto a-plicar, seria fazer a dobra. Assim, considero que, como terapeutas, é imprescindível compreender o que fizemos – explicar – para podermos fazer melhor e de modo (mais) adequado – aplicar – em um momento futuro.

Iniciei a graduação em Musicoterapia em 1993 e os dois primeiros livros que li foram “O despertar para o Outro” (Costa, 1989) e “Teoria da Musicoterapia” (Benenzon, 1988). Em ambos os livros, havia a afirmação que a Musicoterapia seria capaz de abrir canais de comunicação para que se possa empreender o tratamento necessário à melhora da condição de saúde de indivíduos, grupos e sociedade. Porém, sempre fiquei intrigado com estas afirmações e muitos questionamentos foram derivados desta sensação de estranhamento:

O que a música comunica? Como ela comunica? Qual a relação entre comunicação entre pessoas e melhora da saúde? dentre outras. Desde então, em meus estudos, em minhas reflexões sobre a clínica, em minhas pesquisas, o binômio Música e Comunicação sempre esteve presente, em maior ou menor grau.

À medida que fui evoluindo em meus estudos e prática em Musicoterapia, fui identificando que minha posição teórica sobre ser humano, mundo, música e diversos outros conceitos estava mais alinhada com a fundamentação humanista-existencial e, em particular, na abordagem gestáltica. Costumo dizer, em muitas ocasiões, que não escolhi a abordagem humanista-existencial, fui me reconhecendo nela, e, em particular, na abordagem gestáltica.

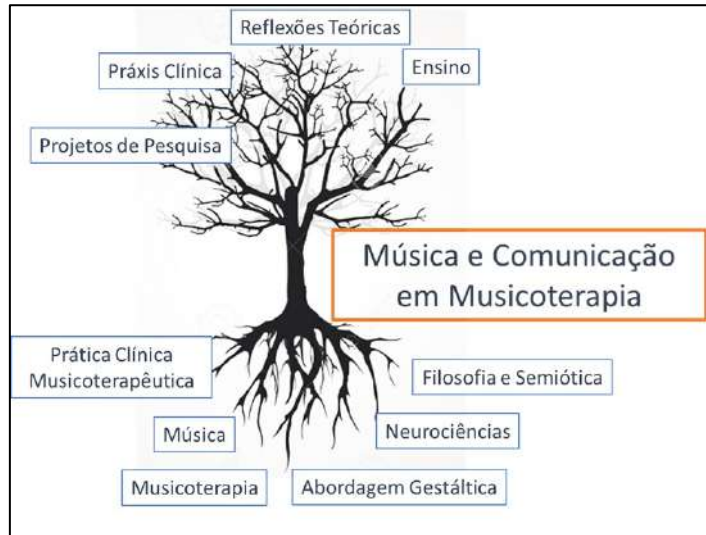
Fui particularmente atraído por sua [abordagem gestáltica] concepção de homem e de mundo, pela valorização da liberdade e das infinitas possibilidades de vir-a-ser-no-mundo, principalmente quando ampliamos nossa *awareness* sobre nós mesmos, sobre nossas relações e sobre nossos modos de ser-no-mundo, ou melhor, nossos modos de estarmos-sendo-no-mundo. Isto está em perfeita consonância com minha forma de sentir e pensar, e de como busco agir em minha vida pessoal e profissional. Na verdade, desde que comecei a estudar Gestalt-terapia, ainda durante minha graduação, fui percebendo o quanto eu já era assim e já tentava pôr isso em prática. Nesse sentido, talvez eu possa até mesmo afirmar com certa segurança que fui muito mais me reconhecendo na Abordagem Gestáltica, do que a escolhendo racionalmente. (Sampaio, 2021a, p. 1-2)

2. A Árvore: tronco, raízes, galhos e frutos

Em 2007, fui convidado para ministrar uma palestra no VII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, em São Paulo. Para tal palestra, a partir da prosta das Árvores de Conhecimentos (Levy; Aulthier, 1995), criei uma imagem na qual o tronco da árvore, que consiste na temática central

de minha atuação profissional seria “Música e Comunicação em Musicoterapia”. As raízes desta árvore representam os fundamentos desta atuação e, os galhos e frutos, por sua vez, as ações e produtos resultantes desta atuação.

Figura 1: Árvore de Conhecimentos para a atuação profissional de Renato Sampaio (2025).



Fonte: Autor. Adaptado em 2025, a partir de Sampaio (2007a).

Deste modo, em 2025, compreendo que a base para minha práxis clínica, minhas pesquisas e reflexões teóricas e o ensino de Musicoterapia (em graduação e pós-graduação) são a própria Prática Clínica Musicoterapêutica, principalmente o que podemos construir teoricamente a partir dela em uma perspectiva de Teoria Fundamentada (Aigen, 2005)², e as teorias próprias da Musicoterapia e da Música, com elementos da Filosofia, da Semiótica, das Neurociências e da Abordagem Gestáltica. (Figura 1).

Na segunda edição do Livro Definindo Musicoterapia, Bruscia (2000) descreve o processo clínico musicoterapêutico como sendo um conjunto de intervenções sistemáticas, planejadas, longitudinais e sequenciais. Já na terceira edição (Bruscia, 2014), o processo musicoterapêutico é descrito como focado na saúde, que requer interação entre pelo menos duas pessoas que mantêm papéis específicos – terapeuta e cliente(s), na terminologia utilizada pelo autor –, é metódico e baseado

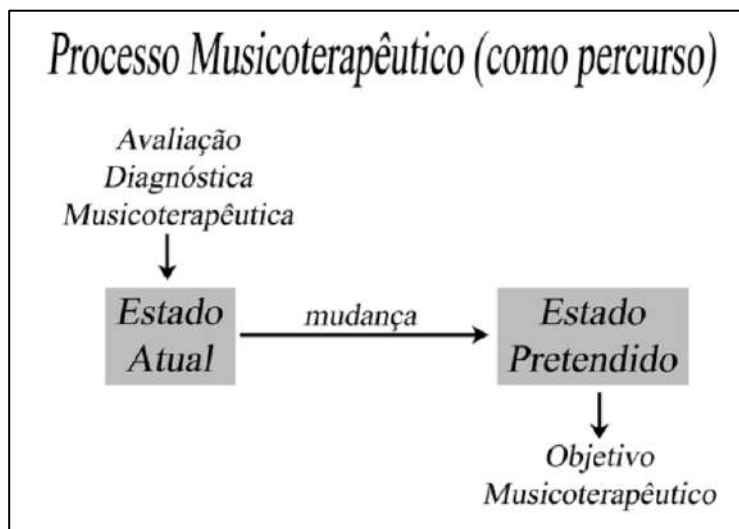
² Barcellos (2004a) descreve um caminho com o qual concordo inteiramente e o qual busco seguir em vários momentos. A partir da prática clínica em si, com o estudo dos registros das sessões (relatórios escritos e verbais, gravações em áudio e/ou vídeo etc.) e da supervisão clínica musicoterapêutica, chega-se a uma práxis, ou seja, a uma prática com reflexão. Quando temos bons registros e teremos em mãos, por conseguinte, um material riquíssimo para produzir artigos de relatos de experiência e relatos de casos clínicos até realizar pesquisas propriamente ditas.

em um comprometimento comum entre cliente(s) e terapeuta, é baseado e regulado em conhecimento científico, dentre outras características.

Concordo com o que foi descrito por Bruscia (2000, 2014) e acrescento a imagem de um percurso, que sai de um lugar de menos ou pior saúde – dependendo do conceito de Saúde utilizado -, para alcançar um lugar de mais ou melhor saúde. O ponto de partida é o estado atual de saúde do cliente, definido a partir da avaliação diagnóstica musicoterapêutica, enquanto o ponto de chegada deste percurso corresponde ao(s) objetivo(s) terapêutico(s) traçados no plano de atendimento terapêutico (Sampaio, 2018).

A mudança na condição da saúde do cliente irá acontecer ao longo do processo por meio da experiência musical compartilhada entre terapeuta e cliente, sendo a experiência do cliente mediada pelas intervenções clínicas do terapeuta. (Figura 2).

Figura 2: Representação esquemática do Processo Musicoterapêutico como percurso.



Fonte: Sampaio, 2018, p.308.

É importante ressaltar, no entanto, que não considero a música como um objeto, como algo que está entre o terapeuta e o cliente, como descrito por Benenzon (1988), ou como uma outra entidade no setting terapêutico, o que Carpenente e Brandalise descrevem como instalação triangular (Brandalise, 2001). Considero a música como um território no qual cliente e terapeuta se encontram e interagem (Sampaio, 2007b). Como afirma Costa, “O espaço sonoro é interativo por sua própria natureza, uma vez que o que soa é percebido pelo próprio sujeito e pelo outro. O espaço sonoro é, portanto, intrinsecamente compartilhado e tem a propriedade de comunicar” (Costa, 1989, p. 85).

Porém, o encontro cliente-terapeuta – por ser dentro de um processo musicoterapêutico e não em um encontro de experiência musical comunitária, por exemplo – também se dá em um outro território que é o da Clínica. Assim, o encontro cliente-terapeuta se dá na intersecção dos territórios musical e clínico, havendo forças em jogo de ambos os territórios. Tal encontro neste território híbrido, possibilitará ao cliente a experiência de ser-com-o-outro-na-música, porém, num ambiente [clínico] que é protegido e que estimulará a otimização de sua saúde (Sampaio, 2021a; Sampaio; Cursi, 2005).

O fazer musical compartilhado entre cliente e terapeuta, numa perspectiva de Musicoterapia Interativa (Barcellos, 2016), pode ser avaliado a partir da relação terapêutica, do fazer musical (enquanto processo) e do produto do fazer musical (vestígio sonoro) (Sampaio, 2015) e considero que o processo de comunicação evolui de explorações das possibilidades sonoras de instrumentos musicais, do corpo, de equipamentos sonoro-digitais e de objetos do ambiente, passando pela criação de vocabulário, através de processos de significação (com diferenças e repetições), e alcançando o diálogo no discurso musical, a comunicação (no sentido de compartilhamento de experiências), a eventual enunciação de conteúdos e, por fim, a produção de subjetividade (Sampaio, 2023).

Logicamente este processo não é linear e contínuo, podendo ter muitas “idas e vindas” entre estes três estágios. (Figura 3)

Figura 3: Representação esquemática do processo de desenvolvimento de linguagem musical ao longo do processo clínico



Fonte: Sampaio, 2023, p.464.

Meyer (2008) descreve que ao longo da experiência musical, são produzidos e reconhecidos padrões sonoros, formando hábitos mentais que geram expectativas de como a música deve prosseguir. Para Meyer, as emoções em música não estão nas características sonoro-musicais de altura, andamento, melodia etc., mas sim na relação entre o que é esperado (expectativa a partir da percepção de padrões sonoros) e o que realmente ocorre na música³. Quando a expectativa é atendida, há uma distensão e, quando ela é mantida ou frustrada, há uma manutenção da tensão ou seu aumento. O Musicoterapeuta deverá, por exemplo em uma improvisação musical não-referencial interativa, explorar este jogo de tensões e distensões derivados dos padrões sonoro-musicais para alcançar o contato e a exploração do discurso musical com seu(s) cliente(s) (Sampaio, 2006) a fim de endereçar as necessidades clínicas nesta experiência musical compartilhada.

3. Implicações e aplicações no atendimento a pessoas autistas

Ao longo de minha prática profissional, tenho realizado muitos atendimentos clínicos e pesquisas envolvendo pessoas autistas, principalmente crianças e adolescentes. Em muitos momentos, principalmente com autistas mais comprometidos em termos de interação social e comunicação, me percebo buscando uma aproximação de meu fazer musical – principalmente em improvisações, mas também em outros tipos de experiência musical – ao que meus clientes executam musicalmente⁴.

Deste modo, com meu fazer musical, espero despertar o desejo de ação do cliente para também musicar e, em muitos momentos, o fazer musical conjunto se caracteriza como fusionado⁵. Contudo, a partir do desenvolvimento da relação terapêutica e do desenvolvimento de habilidades e

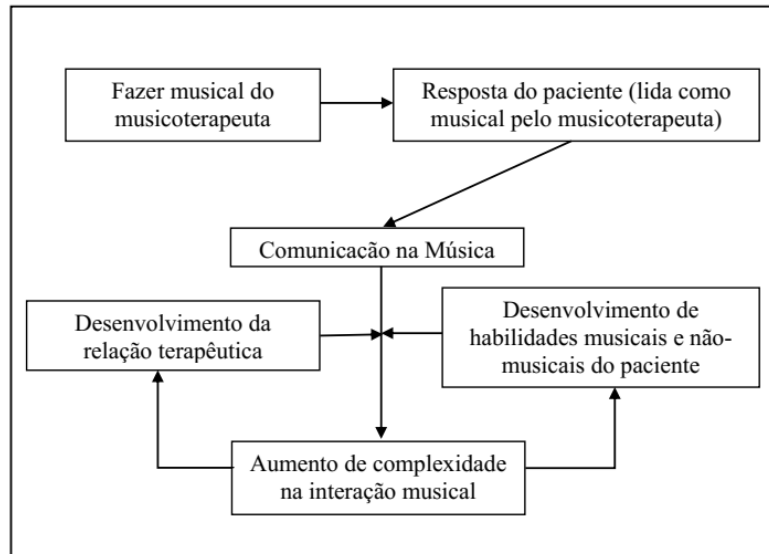
³ Embora, para Meyer (2008), a Música opere como um sistema fechado, no qual as construções e desconstruções de padrões evoquem sentimentos, não se referindo diretamente ao mundo externo à música, podemos considerar que, segundo a classificação descrita por Bruscia (2000), sua teoria pode ser aplicada a uma perspectiva expressionista sobre significação da experiência musical.

⁴ Seguindo tanto o Princípio de ISO descrito por Altshuler (Benenzon, 1988), como o que Barcellos (2004b) descreve a respeito da Musicalidade Clínica.

⁵ Segundo Bruscia (1987, p. 423–424), estar fusionado implica que as entidades estão separadas, mas convergem para formar uma unidade ou uniformidade. Elas são mais parecidas que diferentes e usualmente coincidem no tempo. Em termos de relação fusionada, embora as entidades sonoras sejam distinguíveis, há uma independente e a outra dependente. Recomendo o estudo sobre os Improvisation Assessment Profiles, de Kenneth Bruscia (Bruscia, 1987; Gattino et al., 2016a, 2016b), em especial sobre o perfil de Integração.

competências musicais do cliente⁶ ao longo do processo musicoterapêutico é possível observar o aumento da complexidade do fazer musical do cliente, do terapeuta e dos dois e conjunto (Sampaio; Loureiro; Gomes, 2015). (Figura 4)

Figura 4: Representação esquemática do modelo criado por SAMPAIO (2002) para descrever o fluxo do processo clínico musicoterapêutico de crianças autistas com comprometimentos em comunicação



Fonte: Sampaio, Loureiro e Gomes, 2015, p.157.

No atendimento a pessoas autistas, descrevo duas formas de atuar: a primeira, focada no desenvolvimento de alguma habilidade específica, como um “treinamento”; e, a segunda, buscando o desenvolvimento global, a partir do desenvolvimento da consciência na experiência musical compartilhada (Sampaio, 2000, 2023). É importante salientar que o atendimento musicoterapêutico pode ser realizado de modo individual (com a pessoa autista), grupal, familiar e comunitário.

Nos quase trinta anos atuando com pessoas autistas, no entanto, por muito tempo fiquei incomodado pelo fato da maior parte das publicações, tanto na literatura da Musicoterapia, como da Psicologia e de outras áreas, se referir ao Autismo a partir de uma perspectiva psicanalítica ou de uma perspectiva comportamental. Há até mesmo vários autores que parecem restringir as possíveis fundamentações teóricas para o trabalho clínico com pessoas com autismo somente a estas duas perspectivas. Por este motivo, realizei um estudo sobre a concepção de Autismo na literatura da

⁶ Embora na Musicoterapia não tenhamos como objetivo primário o desenvolvimento de habilidades e competências musicais em si (como ocorre na Educação Musical), há usualmente, de fato, tal desenvolvimento, que pode ser considerado como um subproduto da melhora clínica do cliente. Recomendando a leitura de Sampaio (2021b).

Gestalt-terapia e encontrei 3 modos de compreender o Autismo: como uma alteração do Sistema Id; como uma alteração do Contato; e, como uma alteração de Campo (Sampaio, 2021a, 2025). Esta divisão é “[...] puramente didática, tentando agrupar os trabalhos encontrados por semelhanças e diferenças. Há uma grande relação entre estas três concepções, uma vez que não é possível separar a função Id (enquanto parte do sistema *self*) do contato, que sempre ocorre em um campo” (Sampaio, 2025, p. 95). Neste capítulo, não tenho como descrever e diferenciar estas três concepções, mas afirmo que me alinho com a concepção de Autismo como alteração no Campo, que por sua vez, se relaciona com o conceito de neurodiversidade (Pickard, 2019; Silberman, 2015) e com o modelo social de deficiência (Gabel; Connor, 2009).

Conforme descrevi em Sampaio (2021a, 2025), no processo terapêutico, inclusive o musicoterapêutico, o foco do trabalho deve estar no “entre” relacional para que o cliente autista ganhe consciência das diferenças que a pessoa autista tem em uma forma de realizar contato. Deve-se reconhecer e valorizar a diversidade – e a neurodiversidade –, e, mais do que ensinar a pessoa autista como ela deve estabelecer contatos com as demais pessoas no mundo, buscar que a pessoa autista não perca seu modo particular de contatar, devido à incompreensão gerada pela não inteligibilidade de seu modo de interação/ comportamento. Assim, devemos oferecer a possibilidade de novas experiências na fronteira do contato à relação entre organismo e ambiente, transformando o que está enrijecido e padronizado em algo fluído, flexível e dinâmico.

Não podemos negligenciar o “entre” relacional em favor de programas terapêuticos baseados na modificação de comportamentos patológicos, pois senão haverá um grande risco de fomentar o modo de contato organismo-ambiente “dessensibilizado” e assíncrono, com um inevitável impacto na qualidade do encontro.

O processo, então, não pode ser de retirar aquilo que incomoda, ou de dessensibilizar (numa perspectiva de pura mudança de comportamento). Deve-se criar um ambiente acolhedor para que o incômodo e o sofrimento dele emergente seja aceitável e possa ser elaborado e incorporado pela pessoa autista à medida que ela pode ir desenvolvendo novos mecanismos de lidar com estas situações de imprevisibilidade, ganhando assim, flexibilidade para ser-no-mundo de um modo que seja menos afetada negativamente pelas imprevisibilidades. Dois aspectos aqui são importantes, a atenção e o cuidado permanente para não ultrapassar o limite do aceitável e uma postura que seja mais simétrica em termos de relação e, portanto, não de treinamento de habilidade ou de comportamento. (Sampaio, 2025, p. 112)

Quando o musicoterapeuta se coloca em uma posição de disponibilidade para um encontro mais simétrico na música – um estar-com-o-outro-na-música –, ele poderá utilizar das experiências estéticas para lhe informar sobre o quão o cliente autista está confortável ou não na relação. Ainda, assumindo uma postura menos pedagógica, diretiva e verticalizada, pode experimentar o estar-com-o-outro como uma espécie de brincar-com-o-outro.

4. Considerações Finais

A partir da descrição utilizada por McFerran e colaboradores (2023) sobre Orientação, Abordagem, Modelo e Método, considero que meu trabalho configura, em alguns momentos, uma abordagem e, em outros, um método. Contudo, pelo meu modo de ser/agir como pessoa, bem como pelo modo como atuo na clínica, não seria um método fechado e prescritivo, mas algo como um “não método”, onde há mais princípios e direcionamentos gerais do que passos definidos sequenciais.

Sempre compreendi e procurei vivenciar a Musicoterapia como uma terapia experiencial – utilizando a terminologia de Perls (1988, p. 76) –, e busco estar com o outro (o cliente) na experiência musical compartilhada de um modo vivo, dinâmico e explorando possibilidades, almejando ser-com-o-outro-na-música e propiciar e explorar novos modos de ser-no-mundo – o que Rehfeld (2000) descreve como “alargamento de mundo”.

As reflexões, os conceitos, as descrições e os esquemas apresentados neste capítulo compõem uma parte do que venho desenvolvendo neste grande projeto “Música e Comunicação em Musicoterapia”, em particular, aplicados ao atendimento musicoterapêutico a pessoas autistas. Também tenho me dedicado ao estudo, desenvolvimento, validação e utilização de Protocolos de Avaliação Musicoterapêuticos (Sampaio, 2015, 2018) aplicáveis tanto ao atendimento a pessoas autistas como a outros públicos, mas, por motivo de limitação de espaço neste capítulo, precisei deixar tal assunto de fora. Mas, me coloco à disposição para dialogar com os interessados sobre estes temas.

5. Referências

AIGEN, Kenneth. Naturalistic Inquiry. In: WHEELER, Barbara L. (Org.). **Music therapy research: quantitative and qualitative perspectives**. 2. ed. Phoenixville: Barcelona Publishers, 2005. p. 352–364.

- BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. Da Prática Clínica à Sistematização: Um Caminho para o Desenvolvimento da Musicoterapia. In: **Musicoterapia: Alguns Escritos**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004a. p. 43–66.
- BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. Musicalidade Clínica. In: **Musicoterapia: Alguns Escritos**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004b. p. 67–84.
- BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. **Quaternos de Musicoterapia e Coda**. Dallas: Barcelona Publishers, 2016.
- BENENZON, Rolando Omar. **Teoria da Musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1988.
- BRANDALISE, André. **Musicoterapia Músico-Centrada**. São Paulo: Apontamentos, 2001.
- BRUSCIA, Kenneth E. **Improvisational Models of Music Therapy**. Springfield: Charles C. Thomas, 1987.
- BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- BRUSCIA, Kenneth E. **Defining Music Therapy**. 3. ed. University Park: Barcelona Publishers, 2014.
- COSTA, Clarice Moura. **O Despertar para o Outro: Musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1989.
- GABEL, Susan; CONNOR, David. Theorizing Disability: Implications and Applications for Social Justice in Education. In: AYERS, William; QUINN, Therese; STOVALL, David (Orgs.). **The Handbook of Social Justice in Education**. New York: Routledge, 2009. p. 377–399.
- GATTINO, Gustavo Schulz *et al.* Tradução, adaptação transcultural e evidências de validade da escala Improvisation Assessment Profiles (IAPs) para uso no brasil: parte 1. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, v. 20, p. 92–116, 2016a.
- GATTINO, Gustavo Schulz *et al.* Tradução, adaptação transcultural e evidências de validade da escala Improvisation Assessment Profiles (IAPs) para uso no brasil: parte 2. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, v. 21, p. 51–72, 2016b.
- LEVY, Pierre; AULTHER, Michel. **As árvores de conhecimentos**. São Paulo: Escuta, 1995.
- MCFERRAN, Katrina *et al.* A Comprehensive Review Classifying Contemporary Global Practices In Music Therapy. **Music Therapy Today**, v. 18, p. 474–493, 2023.
- MEYER, Leonard B. **Emotion and meaning in music**. Chicago: Univ. of Chicago Press, 2008.

PERLS, Frederick S. **Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

PICKARD, Beth. Valuing Neurodiversity: A Humanistic, Non-normative Model of Music Therapy Exploring Rogers' Person-Centred Approach with Young Adults with Autism Spectrum Conditions. *In: DUNN, Henry et al. (Orgs.). Music Therapy and Autism across the lifespan: a spectrum of approaches*. London: Jessica Kingsley, 2019. p. 297–330.

REHFELD, Ari. A Prática Clínica Fenomenológico-Existencial. **Revista de Gestalt**, p. 1–4, 2000.

SAMPAIO, Renato Tocantins. Musicoterapia. *In: CASA DO AUTISTA (Org.). Autismo: Orientação para Pais*. Brasília: Ministério da Saúde, 2000. p. 19.

SAMPAIO, Renato Tocantins. Um estudo preliminar sobre a construção da Comunicação Musical em Musicoterapia. **XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia... Anais**. Goiânia: Sociedade Goiana de Musicoterapia, 2006.

SAMPAIO, Renato Tocantins. Música e Comunicação em Musicoterapia: um percurso de pesquisa. **VII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia... Anais**. São Paulo: APEMESP, 2007a.

SAMPAIO, Renato Tocantins. Considerações sobre a Linguagem na Prática Clínica Musicoterapêutica numa Abordagem Gestáltica. **XVII Encontro Nacional da ANPPOM... Anais**. São Paulo: Instituto de Artes - UNESP, 2007b.

SAMPAIO, Renato Tocantins. **Avaliação da Sincronia Rítmica em crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em Atendimento Musicoterapêutico**. Tese (Doutorado em Neurociências). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

SAMPAIO, Renato Tocantins. O Protocolo de Análise Semiótica Musicoterapêutica de Canções e seu uso como instrumento de Avaliação Musicoterapêutica. **Musica Hodie**, v. 18, n. 2, p. 307–326, 2018.

SAMPAIO, Renato Tocantins. **Compreensões Gestálticas sobre o Autismo: implicações para a prática clínica**. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2021a.

SAMPAIO, Renato Tocantins. Música e Inclusão Escolar. *In: SOARES, Ângela Mathylde et al. (Eds.). Caminhos da Aprendizagem e Inclusão: entretecendo múltiplos saberes*. Belo Horizonte: Artesã, 2021b. v. III p. 355–376.

SAMPAIO, Renato Tocantins. Do treinamento de habilidades ao ser-com-o-outro-na-música: duas formas de abordar o desenvolvimento de processos comunicativos com crianças e adolescentes autistas em Musicoterapia. **Estudos da Língua(gem)**, v. 21, n. 1, p. 447–272, 2023.

SAMPAIO, Renato Tocantins. Três Concepções de Autismo na abordagem gestáltica. *In*: CARDOSO, Claudia Lins; GIOVANETTI, José Paulo; EVANGELISTA, Paulo Eduardo R. A. (Eds.). **Gestalt-terapia e Análise Existencial: Temas Clínicos**. Belo Horizonte: Artesã, 2025. p. 85–120.

SAMPAIO, Renato Tocantins; CURSI, Alexandra Ribeiro. Musicoterapia, um encontro sonoro com o ser. *In*: SAMPAIO, Ana Cristina; SAMPAIO, Renato Tocantins (Eds.). **Apontamentos em Musicoterapia, volume 1**. São Paulo: Apontamentos, 2005. p. 33–38.

SAMPAIO, Renato Tocantins; LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga; GOMES, Cristiano Mauro Assis. A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica. **Per Musi**, n. 32, p. 137–170, 2015.

SILBERMAN, Steve. **NeuroTribes: The Legacy of Autism and the Future of Neurodiversity**. [S.l.]: Penguin Publishing Group, 2015.

Mesa-redonda

Pesquisas Pioneiras em
Musicoterapia no Brasil

Mediação: Ana Maria Campos

Maristela Smith

Clarice Moura Costa

Cybelle Loureiro

Jônia Maria Tozza Messagi

Sobre a autora

Maristela Smith



Musicoterapeuta, pianista, psicomotricista, especialista em Neuropsicologia da Emoção, mestre e doutora em Psicologia Social. Fundadora dos cursos de Musicoterapia na FMU e implementadora dos serviços de Musicoterapia no Instituto de Reabilitação Lucy Montoro, do Hospital das Clínicas de São Paulo. Escritora técnico-científica e autora de livros sobre Musicoterapia.

Membro da NeuroMus (Neurociência da Música UFG). Professora de cursos de pós-graduação. Membro da comissão fiscal da UBAM e parecerista das revistas científicas *Hodie*, *Neurociências* (UNIFESP) e *Brazilian Journal of Music Therapy*.

Metamorfozes da Metamorfose Humana: uma 'pausa breve' no processo de identidade da pessoa em reabilitação por amputação

Introdução

A reabilitação em Musicoterapia é uma forma de tratamento que tem se mostrado eficaz em pacientes que são acometidos por síndromes incapacitantes adquiridas, como é o caso de pessoas que sofrem perdas de membros do próprio corpo. A melhora mostra-se clara, assim como a mais rápida readaptação do sujeito ao mundo em que se insere, quando é submetido a técnicas musicoterapêuticas. Convém lembrar que tais estratégias devem ser aplicadas por musicoterapeutas formados na área.

Infelizmente lidamos com estigmas sociais, uma vez que a visão de homem em nossa sociedade é vinculada, diretamente, ao 'belo' do corpo. Essa forma de encarar a pessoa, por meio de sua aparência é cultural e fortemente influenciada pela mídia, que impõe padrões estéticos, muitas vezes inatingíveis.

Aqui, entendemos o *homo musicus* (In: Matos, 2001) – uma variação do termo *homo sapiens* - como um ser total e composto da própria música. Esta foi a visão de homem seguida nesta pesquisa. Ela propõe que a musicalidade seja uma característica constitutiva da espécie humana e não apenas uma habilidade cultural opcional. Desta forma, o ser humano é música.

Este artigo tem, como objetivo, relatar uma experiência científica pioneira, ocorrida durante o curso de doutoramento (PUC/SP), em 2017, em parceria com a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em sala de atendimento musicoterapêutico, especialmente montada para este fim, no IMREA – Instituto de Medicina e Reabilitação do Hospital das Clínicas da FMUSP, Unidade do bairro de Vila Mariana. O trabalho foi desenvolvido, teoricamente, em conjunto com a Psicologia Social, *stricto sensu* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e, na prática, com pacientes adultos do IMREA, que haviam adquirido amputações e que foram encaminhados por esta instituição estadual, pelos setores de Psicologia, Fonoaudiologia e Medicina Fisiátrica. Ao todo foram atendidos 32 pacientes, tendo sido extraídos 5, por terem se voluntariado e que constituíram o estudo em questão.

O método utilizado foi qualitativo/exploratório e a principal estratégia baseou-se na pesquisa ação-participativa. Tendo a neurociência da Musicoterapia como suporte, abordou-se a teoria da identidade como metamorfose, de autoria de Antonio da Costa Ciampa (1986). Entende-se que o musicoterapeuta se distingue pelo seu sentido social. Ele é um reformador, um transformador; um ser capaz de atuar com e para a pessoa sob seus cuidados. Por outro lado, é reformado, transformado e modificado por essa pessoa, que o complementa. Na equipe multidisciplinar, é importante que os relatórios escritos nos prontuários do hospital sejam claros e de fácil linguagem musical, para que todos possam participar nas reuniões clínicas, onde o musicoterapeuta fala e mostra seu trabalho e os resultados obtidos com evidências científicas.

O conteúdo da pesquisa se deu por meio de narrativas dos discursos verbais e não verbais (sonoro-rítmico-musicais, corporais, vocais e comportamentais), expressados e/ou manifestados desses 5 pacientes, interpretados em Musicoterapia, pelo lirismo popular. Para analisar esse processo, usou-se o Modelo de Reações Sonoro-Rítmico-Musicais, Corpóreo-Vocais e Comportamentais (SMITH, 2002).

O objetivo geral prioritário, prescrito no início, foi o de levar essas pessoas, com amputações adquiridas, a ressignificarem suas vidas, por fragmentos de emancipação, como fruto da elaboração de composições. A ressignificação ocorre quando o sujeito, diante dos empecilhos da vida, consegue

significar seu corpo com um valor cultural e social capaz de enfrentar a luta e ir ao encontro de novas formas de vida, sendo como é e munido de pensamento e sentimento próprios.

O problema da pesquisa foi a pergunta que se fez de como compreender de que maneira o processo de metamorfose identitária poderia ocorrer em indivíduos, que haviam sofrido amputações, para que eles pudessem ir em busca de fragmentos emancipatórios, relacionando-se de forma mais criativa consigo mesmos e com a sociedade e, assim, poderem ressignificar suas visões de mundo.

Como critérios de elegibilidade, as pessoas deveriam: 1) participar do Programa de Reabilitação do IMREA; 2) ter sofrido membros amputados; 3) não ter déficits cognitivos importantes; 4) não ter estudado música formalmente; 5) ter assinado o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido); 6) ter idade maior que 18 anos e; 7) ser de qualquer gênero ou perfil.

O título do estudo: “Metamorfoses da Metamorfose Humana: uma ‘pausa breve’ no processo de identidade da pessoa em reabilitação por amputação”, nos levou à seguinte reflexão: diferentemente de uma ‘pausa breve’, na música antiga, que significava uma espera longa, um silêncio sem som, a atenção foi voltada ao oposto desse sentido da linguagem verbal. Em outras palavras, usando a metáfora posta, significou para os pacientes não uma pausa ‘breve’ na vida, mas uma ‘pausa breve’ atual, um momento menos longo de aceitação de novas personagens que deveriam assumir, não por escolha, mas por um inevitável fato.

Para que o objetivo geral fosse alcançado, ou seja, o de compreender o processo de metamorfose da identidade de pessoas que sofreram amputações, foi necessário desenvolver objetivos específicos, como: validar uma prática musicoterapêutica, que possibilitasse a essas pessoas, ressignificar suas existências e desenvolver potencialidades sonoro-musicais (música interna), respeitando-se as possibilidades reais dos cinco sujeitos, individualmente, como meio da externalização dos canais mais abertos de comunicação (corpo, voz e/ou objeto externo).

A abordagem neurocientífica da Musicoterapia Neuroreabilitadora explorou a música interna (potencialidades inerentes) de cada sujeito, um estímulo capaz de modular redes neurais específicas, promover plasticidade cerebral e melhorar funções motoras, cognitivas e da fala (voz cantada e falada).

O lirismo popular possibilitou o uso das letras criadas por eles e serviu para possibilitar a articulação entre o sintagma “identidade-metamorfose-emancipação” (Ciampa, 1977) e a Musicoterapia. Nesta abordagem, a visão é complementar entre homem social e música como linguagem. Entendemos que a expressão da palavra cantada, se transforma em música e, dessa forma, a comunicação pode ser facilitada.

No processo de metamorfose, o que caracteriza a emancipação, ou melhor, a busca constante de ‘fragmentos de emancipação’, é o projeto de vida futuro, aquele por meio do qual se atribui a esperança de viver, de realizar.

Metamorfose é o processo de transformação do sujeito humano, remetendo às alterações que se desenvolvem no modo como ele se vê a si mesmo e se percebe no mundo, vivenciando novas personagens, assumindo ou não novos papéis, enfim, ressignificando os sentidos de suas vidas, na busca constante de fragmentos de emancipação. A metamorfose existe naturalmente, isto é, enquanto os seres vivos mudam em relação ao mundo, o mundo se transforma em relação a eles.

‘Metamorfose da metamorfose’ significa, neste trabalho, as transformações da transformação adquirida.

A parceria Musicoterapia-Psicologia Social é explicada de acordo com o pensamento de que, em ambas as disciplinas, não há receitas prontas; não há formulação de leis. A Psicologia Social objetiva conhecer o indivíduo no conjunto de suas relações sociais, tanto naquilo que lhe é específico, como naquilo em que ele é manifestação grupal e social” (Lane, 2012). A música compõe o indivíduo. A Psicologia Social vê o homem como produto e produtor da história, assim como na música. Externar a própria música é iniciar um processo de metamorfose.

Foi crucial seguir um entendimento de ‘corporeidade’ e não de corpo. Este último é um objeto físico, uma mera aparência, uma embalagem. Em corporeidade, a essência da manifestação das emoções, sentimentos, pensamentos e ações é total e indispensável. (Kolyniak, 2002). A visão de corpo como corporeidade exprime bem o pensamento de totalidade. A corporeidade é o processo de construção social e histórica do corpo humano.

Foram realizados 12 encontros de pesquisa em Musicoterapia, dos quais dois deles constituíram a coleta de dados pessoais, clínicos e sonoro-musicais, bem como a avaliação de

potencialidades musicais presentes em cada pessoa. Então, na prática, os 5 sujeitos foram atendidos, observados e analisados em 10 encontros.

A montagem do setting musicoterapêutico foi o mesmo para todos os sujeitos. Havia dois instrumentos musicais de cada naipe: percussão determinada, percussão indeterminada, corda e sopro. Seguiu-se, para tanto, a classificação de Rolando Benenzon (1998) como critério de escolha, que se baseou em Curt Sachs (1947) e incluiu o que denomina “instrumentos corpóreo-sonoro-musicais” (In: Smith, 1999, p.71).

O uso de técnicas musicoterapêuticas variou conforme as respostas dos sujeitos, embora o objetivo da pesquisa nunca tenha sido relevado a segundo plano. Dentre elas podemos citar: aproximação, imitação, escuta musical, improvisação (livre e orientada), canção – cantos e suas funções, construção sonoro-musical, projetivo-sonora, composição musical / composição assistida, audição musical, relaxamento / aquecimento, recriação, provocativa-musical / Provocativa pré-musical. Apresentamos uma condição híbrida de técnicas da Musicoterapia interativa e receptiva.

O Registro dos encontros, como mencionado acima, foi feito utilizando-se os protocolos das “Reações Sonoro-Rítmico-Musicais, Corpóreo-Vocais e Comportamentais: um modelo de registro” (Smith, 2002). Este modelo permite ao musicoterapeuta ter uma visão organizada do perfil sonoro-musical da pessoa sob seus cuidados, pois detalha sessão por sessão, encontro por encontro, as formas como as expressões são demonstradas podendo ser, posteriormente, visualizadas por meio de gráficos, que o ajudarão a mostrar padrões, tendências e comparações em dados quantitativos e qualitativos, ao longo de um período. Na verdade, ele serve como um pré-diagnóstico e pode alavancar um plano de tratamento posterior mais focado no objetivo musicoterapêutico.

Seguiu-se a seguinte estratégia sequencial, em todos os encontros, variando-se a ordem e a data em que aconteceram: 1) Palavras soltas / meias frases / frases; 2) Contextualização; 3) Acentuação das palavras no texto; 4) Encontro do ritmo pelos intervalos (compasso de tempo); 5) Encontro da tonalidade pelo canto; 6) Encontro da melodia (intervalos cantados); 7) Encontro harmônico – a tonalidade básica; 8) Significados e atribuição de sentidos; 9) Título da composição.

A análise dos dados foi apresentada por meio da interpretação das letras e das músicas mais significativas, na seguinte sequência lógica: 1) Improvisação sonoro-musical – exploração sonoro-

espacial; 2) Expressão verbal ou não verbal; 3) Contextualização por palavras cantadas; 4) Transformação em composições criadas; 5) Atribuição de sentidos e significados e 6) Interpretação composicional.

O método da análise do discurso sonoro-musical das histórias de vida possibilitou a aproximação com o tema, no sentido de compreender de que forma o processo de metamorfose se dá em pessoas que sofreram amputações. O método narrativo buscou extrair ou externalizar sentimentos e racionalidades, em igualdade de proporção.

Cognomes foram usados para apresentar os sujeitos da pesquisa. Assim, temos:

1. Sujeito “Riqueza de Sonoridades” – 28 anos – amputação da perna e braço direitos e do olho direito – causa: acidente de moto.
2. Sujeito “Violão e Amigos” – 30 anos – amputação do braço direito e esmagamento do cotovelo – causa: acidente de trabalho.
3. Sujeito “Nostalgia em Sol Maior” – 50 anos – amputação bilateral dos membros inferiores – causa: acidente de carro.
4. Sujeito “As Palmeiras do Palmeiras” – 47 anos – amputação da perna esquerda – causa: AVE - trombose.
5. Sujeito “O Velho Acordeão” – 61 anos – amputação bilateral dos membros inferiores – causa: diabetes.

Nas discussões finais levantou-se a questão da metamorfose emancipatória, em Musicoterapia. Desta forma, podemos esclarecê-las como segue:

A Metamorfose Emancipatória, na Musicoterapia, foi definida como “O conjunto de ações sonoro-musicais, em que os pontos de convergência entre o significado das autodeterminações e das autorrealizações articuladas em cada caso concreto” (SMITH, 2019).

Pensando no final de um trabalho como este, o que podemos concluir?

O que vale lograr numa pesquisa científica é o conhecimento novo produzido e o compromisso social assumido.

“É como numa leitura de partitura: o músico que se configura um mero reprodutor daquele que imbui de compreensão pessoal a sua interpretação, produz um conhecimento novo a partir da leitura” (Bertolini, 2014).

Referências bibliográficas

BERTOLINI, I. Como a Educação Musical ajuda no aprendizado de leitura e escrita. Disponível em www.educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/como/educacao-musical-ajuda-aprendiz. Texto postado em 30/09/2014. Acesso em dezembro de 2016.

CIAMPA, A.C. A Identidade Social e suas relações com a Ideologia. Dissertação de Mestrado PUC/SP, 1977.

_____. A Estória de Severino e a História de Severina: um ensaio de Psicologia Social. Tese de doutorado. PUC/SP, 1986.

KOLYNYIAK, H.M.R. Identidade e Corporeidade; prolegômenos para uma abordagem psicossocial. Tese de doutorado. PUC/SP, 2002.

LANE, S.T.M. & CODO, W. (org.). Psicologia Social – o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SMITH, M.P.C. Musicoterapia e Identidade Humana: a concretização de um projeto de vida emancipatório. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UNIMARCO, 1999.

_____. Modelo de Avaliação em Musicoterapia: uma proposta diagnóstico-terapêutica. Certidão de registro ou averbação sob o nº 270.175 do Livro 485 – Folha 335. Classificação: trabalho técnico-científico. Lavrado na cidade do Rio de Janeiro, em 30 de setembro de 2002, analisado por Pedro José Guilherme de Aragão e por João Wellington, chefe do escritório de direitos autorais.

_____. Musicoterapia e a Pessoa com Amputação: ressignificando o futuro. São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2019.

Resumos concorrendo à premiação

Extraídos dos trabalhos completos
submetidos para comunicação oral e premiação



DA INDIGNAÇÃO À AÇÃO INTERSECCIONAL: CONSTRUINDO DISCIPLINA DECOLONIAL, ANTI-OPRESSIVA E EMANCIPATÓRIA PARA GRADUAÇÃO EM MUSICOTERAPIA

Wagner Junio Ribeiro, Luiz Paulo Ribeiro, Verônica Magalhães Rosário

Como o produto da dissertação para programa de Mestrado Profissional em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da UFMG, apresentamos neste trabalho a construção de uma disciplina decolonial, antiopressiva e emancipatória para o curso de Musicoterapia da UFMG, como resposta à lacuna curricular sobre as discussões de raça, gênero e sexualidade. A proposta, intitulada “Prevenção e Enfrentamento às Violências, Promoção da Saúde e Práticas Emancipatórias em Musicoterapia”, estrutura-se em quatro caminhos temáticos: Interseccionalidades; Violências; Teorias Decoloniais e Emancipatórias e; Promoção da Saúde e Práticas Emancipatórias em Musicoterapia. Fundamentada em referenciais críticos, o objetivo é delinear uma disciplina que ofereça a estudantes ferramentas para uma atuação profissional que compreenda e enfrente as violências estruturais e institucionais a partir de uma perspectiva interseccional. Desenvolvendo consciência crítica e capacitando práticas de cuidado alinhadas à justiça social e aos direitos humanos, contribuindo para a transformação das realidades em que atuam. A iniciativa posiciona a formação em musicoterapia como um ato ético-político, engajado com as lutas sociais contemporâneas.

Palavras-Chave: Formação em Musicoterapia; Interseccionalidade; Prevenção da Violência; Práticas Emancipatórias

FROM INDIGNATION TO INTERSECTIONAL ACTION: BUILDING A DECOLONIAL, ANTI-OPPRESSIVE, AND EMANCIPATORY DISCIPLINE FOR UNDERGRADUATE MUSIC THERAPY

As the dissertation product for the Professional Master's program in Health Promotion and Violence Prevention at the UFMG Faculty of Medicine, we present in this work the construction of a decolonial, anti-oppressive, and emancipatory course for the Music Therapy program at UFMG, in response to the curricular gap on discussions of race, gender, and sexuality. The proposal, titled "Prevention and Confrontation of Violence, Health Promotion, and Emancipatory Practices in Music Therapy," is structured into four thematic paths: Intersectionalities; Violence; Decolonial and Emancipatory Theories; and Health Promotion and Emancipatory Practices in Music Therapy. Grounded in critical theoretical frameworks, the objective is to outline a course that offers students tools for a professional practice that understands and confronts structural and institutional violence from an intersectional perspective. It aims to develop critical consciousness and empower care practices aligned with social justice and human rights, contributing to the transformation of the realities in which they work. The initiative positions music therapy training as an ethical-political act, engaged with contemporary social struggles

Keywords: Music Therapy Training; Intersectionality; Violence Prevention; Emancipatory Practice

VARIAÇÕES NA REPETIÇÃO: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A ÉTICA DA INTERAÇÃO SONORA EM MUSICOTERAPIA COM AUTISTAS

Diêgo Melo Oliveira

A repetição é frequentemente interpretada como comportamento ritualístico ou estereotipado em indivíduos autistas. Este estudo teórico/ensaio propõe uma análise teórica da repetição, articulando filosofia da diferença, neurociência e música minimalista, com foco em micro-variações sensoriais, aprendizagem perceptiva e criatividade. A partir de uma perspectiva qualitativa, discute-se como ciclos repetitivos funcionam como ritornelos perceptivos, possibilitando atenção a nuances mínimas, desenvolvimento de habilidades sensoriais avançadas e expressão criativa. O artigo também aborda implicações éticas, criticando práticas de normatização que desconsideram a neurodivergência, e defende uma abordagem centrada na experiência do sujeito, valorizando a repetição como método de aprendizagem e individuação.

Palavras-chave: autismo, micro-variação, ética, neurodiversidade

MICRO-VARIATIONS IN REPETITION: CRITICAL REFLECTIONS ON THE ETHICS OF MUSICAL INTERACTION IN MUSIC THERAPY WITH AUTISTIC INDIVIDUALS

Repetition is often interpreted as ritualistic or stereotyped behavior in autistic individuals. This article presents a theoretical analysis of repetition, integrating philosophy of difference, neuroscience, and minimalist music, with focus on sensory micro-variations, perceptual learning, and creativity. From a qualitative perspective, it is discussed how repetitive cycles function as perceptual ritornelos, enabling attention to subtle nuances, development of advanced sensory skills, and creative expression. The article also addresses ethical implications, criticizing normalization practices that disregard neurodiversity, and advocates an approach centered on the subject's experience, valuing repetition as a method of learning and individuation.

Keywords: autism, micro-variation, ethics, neurodiversity

RITMO E INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO NA FORMAÇÃO MUSICAL DE MUSICOTERAPEUTAS: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA MUSICOTERAPIA BRASILEIRA

Juliana Márcia Brito

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o papel do ritmo e dos instrumentos de percussão na Musicoterapia brasileira e na formação de musicoterapeutas. Para tanto, apresenta uma discussão teórica sobre o ritmo como elemento fundamental da experiência humana e musical, sua dimensão corporal e poética, bem como o sentido terapêutico da percussão. Em conjunto, analisa dados de uma pesquisa empírica realizada com estudantes de Musicoterapia de diferentes instituições brasileiras, a partir de um questionário exploratório que buscou compreender o contato, o conhecimento e a relevância atribuída à percussão na formação profissional. Os resultados apontam para uma valorização significativa do ritmo e dos instrumentos percussivos no contexto da Musicoterapia, mas também revelam lacunas na formação musical quanto ao ensino sistematizado e consciente desses instrumentos. Conclui-se que o fortalecimento da dimensão rítmica e percussiva na formação pode contribuir de forma expressiva para o desenvolvimento técnico, criativo e terapêutico de musicoterapeutas.

Palavras-chave: ritmo e musicoterapia; percussão e musicoterapia; formação musical; prática clínica.

RHYTHM AND PERCUSSION INSTRUMENTS IN THE MUSICAL TRAINING OF MUSIC THERAPISTS: THEORETICAL AND PRACTICAL PERSPECTIVES IN BRAZILIAN MUSIC THERAPY

This article reflects on the role of rhythm and percussion instruments in Brazilian Music Therapy and in the training of music therapists. It presents a theoretical discussion on rhythm as a fundamental element of human and musical experience, emphasizing its bodily and poetic dimensions, as well as the therapeutic significance of percussion. Additionally, the article analyzes empirical data collected from music therapy students across different Brazilian institutions through an exploratory questionnaire, aiming to understand their exposure to, knowledge of, and perception of the relevance of percussion in professional training. The results indicate a strong appreciation for rhythm and percussion within Music Therapy, while also revealing gaps in systematic and intentional instruction on these instruments. The study concludes that strengthening the rhythmic and percussive dimension in training can significantly enhance the technical, creative, and therapeutic development of music therapists.

Keywords: rhythm and music therapy; percussion and music therapy; musical training; clinical practice.

MUSICOTERAPIA E ABA: ASPECTOS CONCEITUAIS SOBRE POSSIBILIDADES DE USO DO SONORO MUSICAL NO ENSINO DO COMPORTAMENTO VERBAL

Ebenézer Rodrigues, Mayara Ribeiro

Este artigo propõe uma análise conceitual da integração entre a musicoterapia e a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), analisando as possibilidades de utilização do sonoro musical no ensino do comportamento verbal. A partir de uma revisão narrativa de literatura, o estudo examina as bases epistemológicas da musicoterapia e ABA e discute possíveis usos do som e da música como estímulos antecedentes, respostas e consequências no contexto terapêutico. São descritas estratégias analítico-comportamentais aplicadas à musicoterapia, como o controle de estímulos, as intervenções antecedentes e o uso da música como reforço. Além disso, propõe-se o entendimento do sonoro musical como comportamento verbal, realizando uma correspondência entre os operantes verbais descritos por Skinner e a aplicação da musicoterapia e ABA no ensino do comportamento verbal. O artigo ainda aponta para a escassez de pesquisas empíricas que sistematizem protocolos de registro de dados, técnicas e delineamentos experimentais que norteiem a prática clínica em musicoterapia e ABA. Conclui-se que a articulação entre musicoterapia e ABA constitui um campo promissor, mas ainda em desenvolvimento, exigindo dados teóricos e metodológicos para o fortalecimento de sua base científica e de sua aplicabilidade clínica.

Palavras-chave: autismo, operantes verbais, musicoterapia comportamental

MUSIC THERAPY AND ABA: CONCEPTUAL ASPECTS OF THE POSSIBILITIES OF USING MUSICAL AND SOUND IN TEACHING VERBAL BEHAVIOR

This article proposes a conceptual analysis of the integration between music therapy and Applied Behavior Analysis (ABA), examining the possibilities of using music and sound in teaching verbal behavior. Based on a narrative literature review, the study scrutinizes the epistemological foundations of music therapy and ABA and discusses potential uses of sound and music as antecedent stimuli, responses, and consequences within the therapeutic context. Behavior analytic strategies applied to music therapy are described, such as stimulus control, antecedent interventions, and the use of music as a reinforcer. Furthermore, it suggests an understanding of musical sounds as verbal behavior, establishing a correspondence between the verbal operants described by Skinner and the application of music therapy and ABA in teaching verbal behavior. The article also points to the scarcity of empirical research that systematizes data register protocols, techniques, and experimental designs to guide clinical practice in music therapy and ABA. It is concluded that the articulation between music therapy and ABA constitutes a promising, yet developing field, demanding theoretical and methodological data to strengthen its scientific foundation and clinical applicability.

Keywords: autism, verbal operants, behavioral music therapy



BACKTRANSLATIONLLM: UMA ARQUITETURA AGÊNTICA PARA TRADUÇÃO E VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO DE INSTRUMENTOS PSICOMÉTRICOS

Frederico Gonçalves Pedrosa

A adaptação transcultural de instrumentos psicométricos é um processo metodologicamente complexo, lento e custoso. Este estudo apresenta e avalia o BackTranslationLLM, uma arquitetura de Inteligência Artificial (IA) multiagente projetada para automatizar a tradução e validação de conteúdo de testes. Guiado por princípios de engenharia de IA, o sistema utiliza uma pipeline sequencial com agentes especializados para tradução, retrotradução e refinamento, seguida por um comitê diversificado de juízes de IA para avaliação. O sistema foi aplicado na adaptação do *Cuestionario de Impacto de la Sesión de Musicoterapia* do espanhol para o português brasileiro. Os resultados foram comparados com uma validação paralela conduzida por cinco juízes humanos. A Análise de Grafo Exploratória confirmou a preservação da estrutura semântica do instrumento. Tanto o comitês composto por Juízes de IA quanto por humanos atribuiu Coeficientes de Validade de Conteúdo (CVC) adequados. Contudo, a ausência de correlação entre os CVCs item a item (e.g., Clareza, $\rho = -0,37$) revelou padrões de julgamento distintos: a IA atuou como uma auditora de conformidade metodológica, enquanto os humanos se destacaram na avaliação de nuances culturais. Conclui-se que o BackTranslationLLM é uma ferramenta eficaz que complementa, em vez de substituir, a *expertise* humana, otimizando o processo de validação.

Palavras-chave: Psicometria, Musicoterapia, Tradução, Inteligência Artificial

BACKTRANSLATIONLLM: AN AGENTIC AI ARCHITECTURE FOR TRANSLATING AND VALIDATING THE CONTENT OF PSYCHOMETRIC INSTRUMENTS

The cross-cultural adaptation of psychometric instruments is a methodologically complex, time-consuming, and resource-intensive process. This study introduces and evaluates BackTranslationLLM, a multi-agent Artificial Intelligence (AI) architecture designed to automate the translation and content validation of psychological tests. Guided by principles of AI agent engineering, the system employs a sequential pipeline with specialized agents for translation, back-translation, and refinement, followed by a diversified committee of AI judges for evaluation. The framework was applied to adapt the *Cuestionario de Impacto de la Sesión de Musicoterapia* from Spanish to Brazilian Portuguese. The results were benchmarked against a parallel validation conducted by five human expert judges. Exploratory Graph Analysis confirmed that the automated translation preserved the instrument's semantic structure. Both the AI and human committees assigned adequate Content Validity Coefficients (CVCs) to the adapted instrument. However, a lack of correlation between the item-level CVCs (e.g., Clarity, $\rho = -0.37$) revealed divergent judgment heuristics: the AI acted as a auditor of methodological compliance, whereas human experts excelled at evaluating pragmatic and cultural nuances. We conclude that BackTranslationLLM is an effective framework that complements, rather than replaces, human expertise by optimizing the validation process.

Keywords: Psychometrics, Music Therapy, Translation, Artificial Intelligence Artificial

EFEITOS DA MUSICOTERAPIA NA DOENÇA DE ALZHEIMER: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Danielle de Oliveira Dias Freitas, Leila Brito Bergold, Marly Chagas

O envelhecimento populacional tem contribuído para o aumento da prevalência da Doença de Alzheimer (DA), uma demência progressiva e irreversível que afeta funções cognitivas, emocionais e comportamentais. A musicoterapia, prática clínica não invasiva conduzida por profissionais qualificados, tem se destacado por resgatar memórias afetivas, reduzir sintomas como ansiedade, depressão e agitação, e favorecer a comunicação não verbal. Este estudo teve como objetivo analisar os efeitos da musicoterapia em pessoas com DA, compreendendo seus benefícios cognitivos, emocionais e comportamentais. Realizou-se uma revisão sistemática da literatura recente, orientada pelo modelo PICO, incluindo estudos originais publicados entre 2020 e 2025, com participação de musicoterapeutas e descrição clara das técnicas utilizadas. Foram analisados cinco estudos, que evidenciaram benefícios significativos nas dimensões cognitivas, emocionais e sociais. As técnicas ativas, como canto, improvisação e uso de instrumentos, mostraram maior impacto nos estágios iniciais e moderados, enquanto as receptivas, baseadas na escuta musical, favoreceram o conforto emocional e a evocação de memórias em estágios avançados. Os resultados reforçam o papel da musicoterapia no cuidado integral de pessoas com Alzheimer, ao integrar ciência, técnica e sensibilidade na preservação da identidade, vínculos afetivos e qualidade de vida.

Palavras-chave: Musicoterapia. Doença de Alzheimer. Idoso. Qualidade de Vida.

EFFECTS OF MUSIC THERAPY ON ALZHEIMER'S DISEASE: A SYSTEMATIC REVIEW OF RECENT LITERATURE

Population aging has contributed to the increasing prevalence of Alzheimer's disease (AD), a progressive and irreversible dementia that affects cognitive, emotional, and behavioral functions. Music therapy, a non-invasive clinical practice conducted by qualified professionals, has stood out for its ability to evoke affective memories, reduce symptoms such as anxiety, depression, and agitation, and foster nonverbal communication. This study aimed to analyze the effects of music therapy on individuals with AD, focusing on cognitive, emotional, and behavioral benefits. A systematic review of recent literature, guided by the PICO model, was conducted, including original studies published between 2020 and 2025 involving music therapists and clearly described techniques. Five studies were analyzed, revealing significant cognitive, emotional, and social benefits. Active techniques such as singing, improvisation, and instrumental use had greater effects in early and moderate stages, while receptive techniques, based on musical listening, promoted emotional comfort and memory recall in advanced stages. The findings highlight the role of music therapy in the comprehensive care of people with Alzheimer's disease, integrating science, technique, and sensitivity to preserve identity, emotional bonds, and quality of life.

Keywords: Music therapy. Alzheimer's disease. Elderly. Quality of life.

ANAMNESE CLÍNICA: PROPOSTA METODOLÓGICA VOLTADO À MUSICOTERAPIA

Alberto Erich Steimber de Pereira Okada, Elvira Alves dos Santos

Este estudo teve como objetivo elaborar uma proposta metodológica de anamnese clínica aplicada à musicoterapia, capaz de equilibrar rigor técnico, acolhimento e escuta ampliada. A questão norteadora foi: como aplicar uma anamnese efetiva, humanizada e interdisciplinar no contexto clínico? Partiu-se da hipótese de que é necessário um modelo mais sensível à subjetividade, que favoreça o vínculo terapêutico e a integração entre profissionais. A justificativa baseia-se na necessidade de superar práticas rígidas, fragmentadas e lineares de cumprimento de um roteiro estruturado de perguntas no contato presencial, promovendo um modelo em que o paciente é compreendido como sujeito ativo do processo, capaz de produzir sentidos e significados a partir de sua própria narrativa e expressão sonora. Autores como Barcellos (1999) e Benenzon (1985) reforçam que a entrevista inicial, a ficha musicoterapêutica e a testificação são instrumentos essenciais para compreender o paciente em suas dimensões sonoras, afetivas e simbólicas. Os resultados consistiram na elaboração de uma proposta em três etapas: (1) ficha musicoterapêutica por autorrelato ou terceiro relato; (2) anamnese presencial dialógica; e (3) testificação do enquadre não verbal. O modelo contribui para a prática clínica e para a formação de profissionais comprometidos com a saúde integral.

Palavras Chaves: neuromusicoterapia, musicoterapia, anamnese, subjetividade.

CLINICAL ANAMNESIS: A METHODOLOGICAL PROPOSAL APPLIED TO MUSIC THERAPY

This study aimed to develop a methodological proposal for clinical anamnesis applied to music therapy, capable of balancing technical rigor, empathy, and expanded listening. The guiding question was: how to apply an effective, humanized, and interdisciplinary anamnesis in the clinical context? The study was based on the hypothesis that a model more sensitive to subjectivity is necessary, one that fosters therapeutic bonding and integration among professionals. The justification lies in the need to overcome rigid, fragmented, and linear practices based on structured questionnaires during face-to-face contact, promoting a model in which the patient is understood as an active subject in the process, capable of producing meanings and interpretations from their own narrative and sound expression. Authors such as Barcellos (1999) and Benenzon (1985) emphasize that the initial interview, the music therapy record form, and the testification are essential tools for understanding the patient in their sound, affective, and symbolic dimensions. The results consisted of the elaboration of a three-stage proposal: (1) music therapy record form through self-report or third-party report; (2) dialogical face-to-face anamnesis; and (3) testification of the nonverbal framework. The model contributes to clinical practice and to the training of professionals committed to integral health.

Keywords: neuromusic therapy; music therapy; anamnesis; subjectivity.



EFEITOS DA MUSICOTERAPIA E ANÁLISE PSICOMÉTRICA NO USO DE CINCO ESCALAS DA PRÁTICA BRASILEIRA

Lanna Santos Lisboa, Patrícia Mara Silva, Leonardo Zschaber, Frederico Pedrosa, Aline André

Este estudo investigou os efeitos da intervenção musicoterapêutica por meio da aplicação conjunta de cinco escalas de avaliação: a versão brasileira das três Escalas Nordoff Robbins, a Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo (DEMUCA) e a versão brasileira da Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP). A amostra foi composta por 35 participantes, predominantemente crianças com diagnósticos diversos, submetidos a, no total, 847 sessões de musicoterapia. Os dados foram para verificar a significância dos escores antes e depois das intervenções bem como de que forma estes escores correlacionaram. Os resultados evidenciaram efeitos significativo nos itens avaliados, com destaque para as Escalas Nordoff Robbins e IMTAP. A DEMUCA apresentou menor número de itens significativos, o que pode refletir tanto a sensibilidade da Escala quanto as características da amostra. As análises de correlação indicaram fortes associações entre as escalas, sugerindo validade concorrente entre elas. Conclui-se que a aplicação integrada desses instrumentos fornece uma visão abrangente do processo terapêutico, validando seu uso complementar na prática clínica.

Palavras-chave: Musicoterapia, Psicometria, Reprodutibilidade de Testes

EFFECTS OF MUSIC THERAPY AND PSYCHOMETRIC ANALYSIS ON THE USE OF FIVE SCALES IN BRAZILIAN PRACTICE

This study investigated the effects of music therapy intervention through the combined application of five assessment scales: the Brazilian version of the three Nordoff Robbins Scales, the Development of Music in Children with Autism Scale (DEMUCA), and the Brazilian version of the Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP). The sample consisted of 35 participants, predominantly children with various diagnoses, who underwent 847 music therapy sessions. Data were analyzed using the Wilcoxon and Spearman correlation tests, considering a significance level of 5%. The results showed significant effects on the items evaluated, with emphasis on the Nordoff Robbins and IMTAP Scales. The DEMUCA presented a lower number of significant items, which may reflect both the sensitivity of the scale and the characteristics of the sample. Correlation analyses indicated strong associations between the scales, suggesting concurrent validity. We conclude that the integrated application of these instruments provides a comprehensive view of the therapeutic process, validating their complementary use in clinical practice.

Keywords: Music Therapy, Psychometrics, Test Reproducibility



PERFIS DE PREFERÊNCIA MUSICAL BRASILEIROS: CARACTERIZAÇÃO E IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA CLÍNICA

Mariana Freitas Bahia dos Santos, Luiza Ramos Carneiro, Frederico Gonçalves Pedrosa

Este estudo utilizou o modelo êmico RITMO para identificar perfis de preferência musical no Brasil e investigar sua associação com o bem-estar. Uma Análise de Perfis Latentes (LPA) foi aplicada a uma amostra de 473 adultos. Os perfis foram comparados em demografia, afeto, qualidade de vida e coping musical, e análises de moderação testaram a eficácia do coping. A LPA identificou três perfis: Indiferentes (13%), Moderados (55%) e Entusiastas (32%). Embora largamente independentes da demografia, os perfis se associaram ao bem-estar: Entusiastas reportaram maior afeto positivo e qualidade de vida. Não foi encontrada diferença no uso de coping entre os perfis, mas a moderação revelou um desdobramento crucial: a relação positiva entre coping e afeto positivo existiu apenas para Moderados e Entusiastas. Os resultados apoiam um modelo de duplo efeito do engajamento musical: um efeito direto no bem-estar basal para Entusiastas e um efeito permissivo, em que um engajamento pelo menos moderado é necessário para que o coping musical seja eficaz. As implicações para a teoria e a prática clínica da musicoterapia são discutidas, assim como premissas da Análise do Comportamento Aplicada no que concerne a música enquanto prática cultural.

Palavras-Chave: Música, Afeto, Musicoterapia, Análise do Comportamento

BRAZILIAN MUSICAL PREFERENCE PROFILES: CHARACTERIZATION AND IMPLICATIONS FOR CLINICAL PRACTICE

This study explores musical preference profiles in Brazil and their association with key psychosocial outcomes. Drawing upon the emic RITMO model, the study applies Latent Profile Analysis (LPA) to a sample of 473 adults and compares the resulting profiles based on sociodemographic characteristics, affect, quality of life, and music-based coping strategies. Furthermore, it conducts moderation analyses to examine whether coping efficacy is contingent upon profile membership. The LPA yielded three distinct profiles: Indifferents (13%), Moderates (55%), and Enthusiasts (32%). While profile membership was independent of sociodemographic, it was associated significantly with well-being. Enthusiasts reported higher positive affect and quality of life, yet no inter-profile differences in coping frequency emerged. The moderation analysis provided a critical insight: the positive association between coping (both emotion- and problem-focused) and positive affect proved significant only for Moderates and Enthusiasts, while absent for Indifferents. These findings support a dual-effect model of musical engagement, comprising a direct effect on baseline well-being for Enthusiasts and a permissive effect, whereby at least moderate engagement is necessary to unlock the benefits of functional music use. The study concludes by discussing implications for music therapy, as well as premises of Applied Behavior Analysis regarding music as a cultural practice.

Keywords: Music, Affect, Music Therapy, Applied Behavior Analysis

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM MUSICOTERAPIA NO BRASIL: UMA ANÁLISE CIENCIOMÉTRICA

Renato dos Santos Fernandes de Sousa; Mayara Kelly Alves Ribeiro; Frederico Gonçalves Pedrosa

Este estudo apresenta uma análise cientiométrica da produção científica em musicoterapia no Brasil entre 1997 e 2025. As buscas foram realizadas nas bases de dados Scopus, Web of Science e na Brazilian Journal of Music Therapy (BRJMT), reunindo 454 documentos após triagem baseada no modelo PRISMA 2020. A análise foi conduzida no software R, com o uso do pacote Bibliometrix, que permitiu a aplicação de indicadores de desempenho (produção anual, taxa de crescimento, autores e periódicos mais produtivos), redes de coautoria e análise da estrutura intelectual por meio de coocorrência de palavras-chave, mapa temático, análise de correspondência múltipla e clusterização hierárquica. Os resultados apontam crescimento contínuo da produção (taxa média de 10,15%), concentração de publicações na BRJMT e núcleos de coautoria ainda pouco integrados. As áreas temáticas identificadas abrangem principalmente aplicações clínicas e de reabilitação, com destaque para estudos em contextos de saúde mental, desenvolvimento infantil e outras interfaces interdisciplinares. Conclui-se que o campo apresenta consolidação científica e institucional, mas carece de maior internacionalização e diversificação de periódicos. Recomenda-se o fortalecimento de programas de pós-graduação e o estímulo à colaboração interinstitucional como estratégias essenciais para o avanço da musicoterapia como ciência e profissão no Brasil.

Palavras-chave: musicoterapia; cientiometria; bibliometria; Brasil.

SCIENTIFIC PRODUCTION IN MUSIC THERAPY IN BRAZIL: A SCIENTIOMETRIC ANALYSIS

This study presents a scientometric analysis of music therapy research in Brazil between 1997 and 2025. Data were collected from Scopus, Web of Science, and the Brazilian Journal of Music Therapy (BRJMT), resulting in a corpus of 454 documents after PRISMA 2020-based screening. Analyses were performed using RStudio with Bibliometrix package, enabling performance indicators (annual production, growth rate, leading authors and journals), co-authorship networks, and intellectual structure mapping through keyword co-occurrence, thematic mapping, multiple correspondence analysis, and hierarchical clustering. Results reveal a steady increase in scientific production (average growth rate of 10.15%), a strong publication concentration in BRJMT, and relatively isolated author networks. The identified thematic areas mainly encompass clinical and rehabilitation applications, with emphasis on studies in mental health, child development, and other interdisciplinary interfaces. Findings indicate growing institutional and scientific consolidation of the field but highlight the need for broader internationalization and diversification of publication outlets. Strengthening graduate programs and interinstitutional collaborations is essential for advancing music therapy as both a science and profession in Brazil.

Keywords: music therapy; scientometrics; bibliometrics; Brazil



ASSOCIAÇÃO DE MUSICOTERAPIA DO RIO GRANDE DO SUL – A HISTÓRIA CONTADA ATRAVÉS DE MUSICOTERAPEUTAS GAÚCHOS

Rossana Flores Bastos, Sofia Cristina Dreher

A Associação de Musicoterapia do Rio Grande do Sul foi fundada em 11 de novembro de 1968, sendo uma das primeiras associações fundadas no Brasil. O presente relato tem como objetivo organizar e registrar a história da associação do Rio Grande do Sul (AMT-RS) através das vozes que fizeram parte dessa história ao longo dos anos. A metodologia utilizada foi a entrevista estruturada, realizada por meio virtual em contato direto com musicoterapeutas que fizeram parte de gestões anteriores e/ou contribuíram com relatos históricos sobre a AMT-RS. Conclui-se que muito da história não coube nessas linhas e precisa ser considerada como um projeto futuro, para que as novas gerações possam perceber o longo caminho que foi percorrido e que sirva de inspiração para novas conquistas que virão.

Palavras-chave: Associação de Musicoterapia; AMT-RS; Rio Grande do Sul.

MUSIC THERAPY ASSOCIATION OF RIO GRANDE DO SUL – THE STORY TOLD THROUGH MUSIC THERAPISTS FROM RIO GRANDE DO SUL

The Music Therapy Association of Rio Grande do Sul was founded on November 11, 1968, making it one of the first associations in Brazil. This report aims to organize and document the history of the Rio Grande do Sul Association (AMT-RS) through the voices that have been part of this story over the years. The methodology used was structured interviews, conducted online, in direct contact with music therapists who were part of previous administrations and/or contributed historical accounts of the AMT-RS. It is concluded that much of the history did not fit within these lines and needs to be considered as a future project, so that new generations can appreciate the long journey that has been traveled and serve as inspiration for new achievements to come.

Keywords: Music Therapy Association; AMT-RS; Rio Grande do Sul.



O PIONEIRISMO E A EXPANSÃO DA MUSICOTERAPIA NO BRASIL: ANÁLISE HISTÓRICA DO SÉCULO XX

Viviane Barbosa de Magalhães

O presente artigo visa a registrar o mapeamento da musicoterapia no Brasil através de vídeo entrevistas, permeando o processo histórico de consolidação e expansão da profissão de musicoterapeuta no Brasil, desde seu início até os anos 2000. O artigo examina a evolução da musicoterapia, destacando o papel fundamental de figuras históricas, assim como os movimentos pioneiros em diferentes Estados brasileiros. Para tal, este estudo adota uma abordagem de história oral temática e qualitativa, detalhando os contextos de vanguarda na psiquiatria, o pioneirismo de mulheres como Dona Ivone Lara e Dra. Nise da Silveira, assim como a disseminação da musicoterapia em nove estados do Brasil 'pré regulamentação e pré Pandemia', sendo eles Rio Grande do Sul, Bahia, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e São Paulo, resultando na musicoterapia tal qual conhecemos hoje.

Palavras-chave: história da musicoterapia; pioneirismo; entrevista; ativismo; registro histórico.

THE PIONEERING AND EXPANSION OF MUSIC THERAPY IN BRAZIL: HISTORICAL ANALYSIS OF THE 20TH CENTURY

This article aims to document the mapping of music therapy in Brazil through video interviews, as well as to permeate the historical process of consolidation and expansion of the music therapist profession in Brazil, from its beginning until its consolidation around the year 2000. The study examines the evolution of music therapy, highlighting the fundamental role of historical figures, as well as the pioneering movements in different Brazilian states. To this end, this study adopts a qualitative, thematic oral history approach, detailing the avant-garde contexts in psychiatry, the impact of Dona Ivone Lara and Dr. Nise da Silveira, as well as the dissemination of music therapy in nine Brazilian states prior to regulation and the Pandemic - Rio Grande do Sul, Bahia, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e São Paulo - resulting in music therapy as we know it today.

Keywords: history of music therapy; pioneering; interview; activism; historical record.



AQUILOMBAMENTO NA MUSICOTERAPIA: CONSTRUÇÃO DO COLETIVO MUSICOTERAPRETS BRASIL COMO ATRAVESSAMENTO DECOLONIAL NA HISTÓRIA DA MUSICOTERAPIA

Wagner Junio Ribeiro, Kezia Paz

Este artigo descreve a criação e a trajetória do Coletivo Musicoteraprets Brasil, um movimento de estudantes e profissionais de musicoterapia autodeclarados negros, negras e indígenas. O coletivo emerge da necessidade de ampliar o debate racial na musicoterapia brasileira, um campo onde a abordagem sobre racialidade ainda é incipiente. Fundamentado no conceito de "Aquilombamento" como prática de resistência, fortalecimento comunitário e enfrentamento às opressões, o grupo visa criar um espaço seguro e protagonista para as identidades e culturas negras e indígenas. Surgindo em 2021 rapidamente se expandiu, tornando-se um movimento nacional que realiza encontros anuais, debates, publicações e outras ações em parceria com instituições como a UFMG, a APEMEMG e a UBAM, atravessando diferentes dimensões como formação profissional, ancestralidade, saúde mental e decolonialidade, consolidando o coletivo como uma plataforma essencial para a promoção de práticas antirracistas e a construção de novas narrativas no campo da musicoterapia no Brasil.

Palavras-chave: Musicoterapia; Aquilombamento; Saúde Mental; Relações Étnico-raciais

AQUILOMBAMENTO IN MUSIC THERAPY: CONSTRUCTION OF THE COLETIVO MUSICOTERAPRETS BRASIL AS A DECOLONIAL CROSSING IN THE HISTORY OF MUSIC THERAPY

This article describes the creation and trajectory of the Coletivo Musicoteraprets Brasil, a movement of self-declared Black and Indigenous music therapy students and professionals. The collective emerges from the need to broaden the racial debate within Brazilian music therapy, a field where the approach to racial issues is still incipient. Grounded in the concept of "Aquilombamento" as a practice of resistance, community strengthening, and confronting oppression, the group aims to create a safe and leading space for Black and Indigenous identities and cultures. Originating in 2021, it quickly expanded, becoming a national movement that holds annual meetings, debates, publications, and other actions in partnership with institutions such as UFMG, APEMEMG, and UBAM. The collective addresses various dimensions, including professional training, ancestry, mental health, and decoloniality, consolidating itself as an essential platform for promoting anti-racist practices and building new narratives in the field of music therapy in Brazil.

Keywords: Music Therapy; Aquilombamento; Mental Health; Ethnic-racial Relations.

Resumos simples

Apresentados em comunicação oral

REIS DE CONGO, O ÁLBUM: POR UMA MUSICOTERAPIA DECOLONIAL

Karine Freire Teles Alves

A presente pesquisa é um relato de experiência sobre a gravação do álbum sonoro musical “Reis de Congo: Mestre Aldenir, 90 anos”, numa perspectiva decolonial em musicoterapia. Com o objetivo de registrar um panorama das canções, sonoridades, ritmos e organologia do folguedo popular do Reisado de Congo, uma das expressões significativas da musicalidade do território do Cariri cearense. A obra elaborada a partir das memórias de Aldenir Aguiar, Mestre e brincante do grupo Reis de Congo há 70 anos, se posiciona como a memória de um brinquedo e de uma coletividade que partilha da mesma identidade sonora – ISO cultural. Num percurso etnográfico, a investigação do fazer musical de um brinquedo da cultura popular que emerge das populações rurais e periféricas do sul do Ceará, provoca reflexões quanto a utilização de repertórios diversos e dialógicos, que estão às margens das matrizes hegemônicas e homogêneas comumente manuseadas em musicoterapia. A disposição de repertórios que deem voz, protagonismo e empoderamento aos saberes e fazeres musicais ancestrais e de tradição, posicionam no centro do cuidado e da promoção de saúde conhecimentos subalternizados. Corroborando, assim, para uma musicoterapia decolonial, crítica, consciente, plural, militante e engajada, disposta a propor intervenções que se contraponham aos modelos terapêuticos coloniais e epistemicidas.

Palavras-chave: Musicoterapia, decolonização, memória.

Referências:

BENENZON, R. O. **Manual de Musicoterapia**. Tradução: Clementina Nastari. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985. 182p.

BRANDALISE, A. **Musicoterapia músico-centrada**: Linda - 120 sessões. São Paulo: apontamentos, 2001. 86p.

MIGNOLO, Walter D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Orgs.) **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global, pp. 25-46, Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

VALIDADE ECOLÓGICA DO MODELO CIRCUMPLEXO: CLASSIFICAÇÃO DE EMOÇÕES RELACIONADAS À MÚSICA COM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Yasmim Rezende, Suelen Silva, Ronnie Coelho, Frederico Pedrosa

Introdução: O Modelo Circumplexo (Russel., 1980) é um forte referencial na pesquisa sobre emoção e música. Sua validação contextual enfrenta o desafio da linguagem dinâmica dos usuários. Léxicos psicométricos estáticos são insuficientes para capturar gírias e contexto, exigindo alternativas de Inteligência Artificial (IA) para uma análise fidedigna. **Objetivo:** Validar ecologicamente o Modelo Circumplexo em comentários do YouTube sobre música brasileira, comparando a eficácia de um método de léxico estático - ANEW-Br (Kristensen et al., 2011) - com uma abordagem de classificação via IA (Zero-Shot). **Método:** Coletou-se um *corpus* de comentários (> 50.000) e aplicou-se duas abordagens: 1) Mapeamento por Léxico, com as palavras com a base ANEW-Br; 2) Classificação Contextual (IA), em que o modelo RoBERTa (Liu et al., 2019) analisou o conteúdo de cada comentário em escalas Likert de Valência e Excitação. **Resultados:** Ambos os métodos mapearam os fatores musicais no espaço circumplexo, mas a abordagem Zero-Shot foi superior, capturando o significado contextual e diferenciando melhor os centros afetivos. Notou-se um viés especial para expressões de alta energia e com menor intensidade para valência positiva. **Conclusão:** O Modelo Circumplexo possui validade ecológica, mas sua aplicação requer métodos contextuais. A classificação por IA provou-se metodologicamente superior, apontando para um futuro em que o musicoterapeuta poderá aliar sua prática clínica a tais ferramentas para aprimorar as análises e intervenções clínicas.

Palavras-chave: Música; Afeto; Inteligência Artificial; Musicoterapia.

Referências:

- Kristensen, C. H., Gomes, C. F. de A., Justo, A. R., & Vieira, K. (2011). Normas brasileiras para o Affective Norms for English Words. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 33(3), 135–146. <https://doi.org/10.1590/S2237-60892011000300003>
- Posner J, Russell JA, Peterson BS. The circumplex model of affect: an integrative approach to affective neuroscience, cognitive development, and psychopathology. *Dev Psychopathol.* 2005 Summer;17(3):715-34. Doi: 10.1017/S0954579405050340. PMID: 16262989; PMCID: PMC2367156.
- Liu, Y., Ott, M., Goyal, N., Du, J., Joshi, M., Chen, D., Levy, O., Lewis, M., Zettlemoyer, L., & Stoyanov, V. (2019). RoBERTa: A Robustly Optimized BERT Pretraining Approach. ArXiv, abs/1907.11692.

CONFIABILIDADE ENTRE AVALIADORES DO MANUAL DE INSTRUÇÕES DO INDIVIDUALIZED MUSIC THERAPY ASSESSMENT PROFILE (IMTAP)

Alexandra Monticeli, Cybelle Loureiro, Aline Moreira

O Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP) é capaz de analisar o desempenho de um paciente em 374 habilidades, e permite criar um comparativo de um mesmo paciente em dois momentos diferentes (Baxter et al., 2007). Em 2012, Silva traduziu o conteúdo das habilidades para o português e desde então identificamos uma significativa demanda de sua utilização no Brasil, que foi observada por meio de revisão integrativa (Monticeli e Loureiro, 2022). Entretanto, nota-se um número considerável de utilizações errôneas em sua aplicabilidade. Motivo que justificou a construção de um Manual de Instruções para direcionar sua aplicação de maneira correta. Objetivamos identificar se a utilização do Manual de Instruções é capaz de direcionar uma aplicação ilibada do instrumento através do procedimento de confiabilidade entre avaliadores. De modo metodológico, vinte juízes musicoterapeutas foram convidados e divididos em dois grupos, onde um grupo teve acesso ao Manual de Instruções e o outro, não. Os participantes assistiram a nove vídeos curtos de um atendimento musicoterapêutico e pontuaram o subdomínio “Fundamentos” do domínio “Musicalidade” do IMTAP de acordo com suas observações. A pesquisa foi provada pelo COEP, sob o número 69289523.0.0000.5149. Os resultados foram analisados de modo comparativo através do programa SPSS e calculado o índice ρ (rho) de Spearman. Sua interpretação foi baseada na proposta de Cohen (1988). A média das correlações daqueles que tiveram acesso ao Manual de Instruções alcançou o valor de 0,74, com 0,02 de desvio padrão, enquanto dos que não o leram foram de 0,58 e 0,04, respectivamente. Concluímos que os que tiveram acesso ao Manual de Instruções para conduzir suas avaliações obtiveram maior nível de concordância entre si do que aqueles que não tiveram acesso, apontando que suas observações foram mais estáveis, consistentes e apresentaram menos variações.

Palavras-chave: Musicoterapia, IMTAP, Manual de Instruções.

Referências

BAXTER, H. T., BERGHOFER, J. A., MACEWAN, L., NELSON, J., PETERS, K., ROBERTS, P. *The Individualized Music Therapy Assessment Profile: IMTAP*. London: Jessica Kingsley Publishers. 2007.

MONTICELI, A.; LOUREIRO, C. M. V. Manual de Instruções do Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP). In: 8º Nas Nuvens Congresso de Música, 2022. 8º Nas Nuvens? Congresso de Música: Anais (2022), v. 01. 2022. Disponível em: <<https://musica.ufmg.br/nasnuvens/wp-content/uploads/sites/5/2022/12/44-Manual-de-Instrucoes-do-Individualized-Music-Therapy-Assessment-Profile-IMTAP.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2025.

SILVA, A. M. *Tradução para o Português Brasileiro e Validação da Escala Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP) Para Uso no Brasil*. Dissertação para obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 2012. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/61729>>. Acesso em: 21 set. 2025.

ABORDAGEM SISTEMÁTICA SOBRE A INFLUÊNCIA DA VALÊNCIA EMOCIONAL NA MEMÓRIA MUSICAL, EPISÓDICA E AUTOBIOGRÁFICA

Ana Clara Nunes Bastos, Maria Fernanda Ferreira, Fernando Lopes Gonçalves, Marília Nunes-Silva

A música, enquanto estímulo emocionalmente saliente, tem papel na modulação de estados afetivos e funções cognitivas, entre elas a memória. No entanto, os resultados da literatura são divergentes quanto ao impacto diferencial de estímulos musicais positivos e negativos sobre a memória relacionada à música. Este estudo tem por objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura sobre a influência da valência emocional de estímulos musicais sobre a memória musical, e memórias episódicas e autobiográficas relacionadas à música. A revisão está sendo conduzida de acordo com as diretrizes do PRISMA 2020. As buscas foram realizadas nas bases Google Acadêmico, Mendeley, Web of Science, Scopus e PubMed, utilizando os descritores “emotional valence” AND “music memory”. Foram incluídos estudos empíricos publicados em inglês, a partir de 2020, que apresentem dados sobre a influência da valência emocional de estímulos musicais em memórias associadas à música. Foram encontrados 131 artigos no total (Pubmed; Mendeley: Google acadêmico; Scopus; Web of science). Na primeira triagem excluíram-se artigos duplicados, artigos teóricos e estudos que abordavam apenas a percepção emocional sem testar memória e estudos que não avaliara a valência de estímulos musicais, resultando em 29 artigos. Esta seleção realizou-se por três avaliadores independentes. O projeto encontra-se na etapa de seleção por elegibilidade realizada também por três juízes independentes. Análise de dados será qualitativa, buscando padrões e divergências em achados, considerando tipo de estímulo, tarefa de memória, amostras e resultados. Se houver dados comparáveis, uma meta-análise quantitativa dos efeitos será conduzida. Ao sistematizar os achados, o estudo visa aprofundar a compreensão dos mecanismos subjacentes à interação entre emoção e memória relacionada à música. Espera-se que os resultados ofereçam subsídios teóricos e aplicados para práticas educacionais e terapêuticas baseadas em música, além de orientar futuras investigações que ampliem o conhecimento sobre a cognição musical em diferentes perfis populacionais.

Palavras chaves: Música; Memória; Emoções.

Referências

- AUBÉ, W.; PERETZ, I.; ARMONY, J. L. The effects of emotion on memory for music and vocalisations. *Memory*, v. 21, n. 8, p. 981-990, 2013. DOI: 10.1080/09658211.2013.770871.
- CHONG, H. J.; KIM, H. J.; KIM, B. Scoping review on the use of music for emotion regulation. *Behavioral Sciences*, v. 14, n. 9, p. 793, 2024. DOI: 10.3390/bs14090793
- COWEN, A. S. et al. What music makes us feel: at least 13 dimensions organize subjective experiences associated with music across different cultures. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 117, n. 4, p. 1924-1934, 2020. DOI: 10.1073/pnas.191070411

MUSICOTERAPIA MUSICOCENTRADA: APROFUNDANDO NO MODELO POR MEIO DA ANÁLISE TEMÁTICA DE LIVES DE BRANDALISE E QUEIROZ

Thiago Félix, Marina Freire, Carolina Veloso, Isabela Sales; Karen Wiprich, Rodrigo Dias, Adriéli Baldin

INTRODUÇÃO: A Musicoterapia Musicocentrada (MTMC) é um modelo brasileiro que integra influências da Abordagem Nordoff-Robbins, do Método Bonny e de Victor Zuckerkandl. Entre seus marcos estão os trabalhos de André Brandalise (2001) e Gregório Queiroz (2003). Em 2020, Brandalise e Queiroz promoveram uma série de *Lives* sobre a origem e a filosofia da MTMC, cujos estudos culminaram neste projeto de pesquisa, de parceria entre o Instituto de Criatividade e Desenvolvimento e a Universidade Federal de Minas Gerais. **OBJETIVOS:** Aprofundar os estudos acerca do modelo MTMC, compreender suas bases teórico-filosóficas e sistematizar seus princípios de forma a torná-los mais acessíveis à comunidade musicoterapêutica e ao público geral interessado. **METODOLOGIA:** Analisar as 15 primeiras *lives* de Brandalise e Queiroz, realizadas em 2020, por meio da Análise Temática (Braun; Clarke, 2006), que busca identificar, interpretar e relatar padrões de dados qualitativos por meio de sete etapas: (1) Transcrição das *Lives*; (2) Familiarização com os dados; (3) Codificação individual das transcrições; (4) Busca por temas; (5) Revisão dos temas; (6) Definição e nomeação dos temas; (7) Produção de texto. **RESULTADOS:** Ainda em andamento, a pesquisa até o momento transcreveu 15 e codificou 5 *Lives*. O conteúdo já soma mais de 180 páginas, organizado como um Mapa dividido em Trilhas: (1) Origens históricas, (2) Nordoff-Robbins, (3) Pedras Preciosas, (4) O Modelo MTMC e (5) Novas Conexões dos Pesquisadores. A categorização contém subdivisões que refletem aspectos metodológicos que tornam possível alocar a variedade dos temas que emergem da transcrição, análise e discussão das *Lives*. **CONCLUSÕES:** O Mapa da MTMC constitui o cerne deste trabalho, estrutura os temas analisados e delinea a trajetória de fundamentação e sistematização do modelo. O processamento contínuo dos dados ocorre em encontros semanais do grupo de pesquisa, onde são discutidos e aprofundados temas que ampliam a compreensão da filosofia e da prática.

PALAVRAS-CHAVE: Musicoterapia; Música; Pesquisa Qualitativa

REFERÊNCIAS

- BRANDALISE, André. Musicoterapia músico-centrada: Linda – 120 sessões. São Paulo: Apontamentos, 2001.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101, 2006.
- QUEIROZ, Gregório J. P. Aspectos da Musicalidade e da Música de Paul Nordoff e suas implicações na prática clínica musicoterapêutica. São Paulo: Apontamentos, 2003.

MUSICOTERAPIA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DE ADOLESCENTES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Adriéli Baldin, Marina Freire

INTRODUÇÃO: O desenvolvimento socioemocional é fundamental para crianças e adolescentes aprenderem a gerenciar emoções e se relacionarem. No contexto educacional, a BNCC (Brasil, 2018) preconiza o desenvolvimento dessas habilidades desde a educação infantil. Portanto, a fim de executar atividades voltadas para o desenvolvimento da consciência emocional e psicossocial, faz-se necessária a proposição de novas práticas no ambiente escolar buscando alcançar estes objetivos, podendo ser um potencial campo de atuação musicoterapêutico. **OBJETIVOS:** Investigar o que tem sido produzido acerca da musicoterapia e desenvolvimento socioemocional de adolescentes com e sem neurodivergências e deficiências. **MÉTODO:** Foi realizada uma revisão sistemática qualitativa, embasada nos princípios do modelo PRISMA (Moher et al., 2015), em três importantes revistas de musicoterapia: Revista Brasileira de Musicoterapia, Journal of Music Therapy e Nordic Journal of Music Therapy. Também foram aceitos artigos da lista de referências dos artigos selecionados, que atendiam aos critérios de inclusão. Foi aplicada revisão por pares. **RESULTADOS:** Foram encontrados 8 artigos e todos apresentaram a musicoterapia como uma forma de intervenção acessível e promissora de prevenção, sobretudo no meio escolar, mostrando resultados positivos de suas aplicações nas habilidades de autoconsciência, autogestão, consciência social, habilidades de relacionamento e tomada de decisão responsável. Após análise dos artigos, identificamos a necessidade de intervenções estruturais que envolvam o ambiente físico escolar e todos os indivíduos pertencentes, transcendendo os muros da escola. **CONCLUSÃO:** Foi possível reunir uma diversidade de abordagens, técnicas e ferramentas avaliativas da musicoterapia no desenvolvimento de habilidades socioemocionais e refletir sobre a necessidade de um processo dinâmico e sistêmico, que abrace a escola em futuras pesquisas e práticas musicoterapêuticas. A musicoterapia é capaz de criar uma estrutura de ligação sólida entre as relações individuais, interpessoais, práticas e teóricas. Sendo assim, mais estudos irão corroborar o conhecimento acerca da musicoterapia no desenvolvimento das habilidades socioemocionais de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Habilidades socioemocionais; Musicoterapia com adolescentes; Musicoterapia na escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf.

MOHER D., LIBERATI A., TETZLAFF J. & ALTMAN D. G. **Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises:** A recomendação PRISMA. *Epidemiol. Serv. Saúde*, 24 (2), 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SIGNIFICADOS E SENTIDOS EXPRESSOS EM ENCONTROS MUSICOTERAPÊUTICOS POR IDOSAS QUE SOFRERAM VIOLÊNCIA

Hermes Soares dos Santos, Gislaine Vagetti, Valdomiro de Oliveira, Custódia Almeida
Martins

O objetivo deste trabalho foi compreender os significados e sentidos expressos em encontros musicoterapêuticos por idosas participantes de Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATIS) que sofreram e/ou sofrem violência. Essa forma de violência é caracterizada como etarismo e violência de gênero. Mesmo quando finalizada essa violência, algumas idosas ainda sofrem as consequências. Portanto, é urgente a construção de formas de enfrentamento a essa violência em espaços nos quais a construção de narrativas se caracterizem em enfrentamentos e empoderamentos. Trata-se de uma pesquisa exploratória e de campo. O método de pesquisa utilizado foi a pesquisa-ação. A coleta de dados foi realizada em uma UNATI localizada na cidade de Curitiba com sete participantes idosas de 60 anos ou mais durante 17 encontros. Os instrumentos para a coleta de dados foram: entrevista inicial, questionário sociodemográfico, ficha musicoterapêutica, relatórios das intervenções, diário de campo, entrevista coletiva no último encontro e sete entrevistas individuais finais. As experiências musicais utilizadas foram improvisação, recriação, audição e composição musicais. Na análise dos dados, foram utilizados os núcleos de significação. A partir das narrativas expressas, foram tecidas discussões com autores da área educacional, da Educação Não Formal (Silvestre, 2013), da Psicologia Histórico-Cultural (Vygotsky, 2009) e da Musicoterapia (Bruscia, 2016). As canções ouvidas e recriadas mobilizaram suas lembranças a partir das quais surgiram narrativas com sentidos e significados de diversos tipos de violência, como estrutural, física, psicológica e outras. O grupo compôs uma canção na qual expressavam o enfrentamento contra a violência contra a pessoa idosa. Constatou-se que as experiências musicais mobilizaram a expressão de seus significados e sentidos para que construíssem novos sentidos em torno do enfrentamento e empoderamento frente à violência e suas consequências.

Palavras-chave: Musicoterapia, violência contra a pessoa idosa, Educação Continuada.

Referências:

BRUSCIA, K. **Definindo Musicoterapia**. 3ª ed. Dallas: Barcelona Publishers, 2016.

SILVESTRE, C. A. S. **Educação e formação de adultos e idosos: uma nova oportunidade**. 3ª ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES MUSICAIS E MUSICOTERAPEUTAS NO CAMPUS CURITIBA II DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ

Manuela Ayres Caetano; Dra. Sheila Maria Ogasavara Beggiato; Dra. Solange Maranhão Gomes

A educação musical e a musicoterapia são profissões que utilizam a música como principal recurso de atuação, entretanto, se diferenciam em abordagens e objetivos. Este trabalho busca compreender e discutir aspectos da formação destes profissionais a partir da análise dos planos pedagógicos dos cursos de Licenciatura em Música e do Bacharelado em Musicoterapia do campus Curitiba II – Faculdade de Artes do Paraná (FAP), da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR. Utilizando a metodologia documental bibliográfica, serão analisados ofícios, memorandos, regulamentos, diretrizes, normas, entre outros materiais. A pesquisa será de caráter exploratório com o objetivo de se familiarizar com o problema: quais são as diferenças e semelhanças nas formações de educadores musicais e musicoterapeutas (GIL, 2002). A fundamentação teórica aborda a fundação da FAP (GOMES, 2008), o conceito de música e a sua funcionalidade na atuação dos educadores musicais e musicoterapeutas e as diferenças entre cursos de licenciatura e bacharelado (PARANÁ, 2001). Ao analisar os projetos pedagógicos, foi possível observar que o curso de Licenciatura em Música possui 415 horas a mais no processo formativo, entretanto, o Bacharelado em Musicoterapia conta com uma maioria quantidade de horas de estágio. Por tratar-se de um estudo em andamento, os resultados ainda estão sendo sistematizados.

Palavras-chave: Música; Musicoterapia; Universidades.

Referências:

GIL, Antonio Carlos. ***Métodos e técnicas de pesquisa social***. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Solange Maranhão. ***A formação de professores de música da Faculdade de Artes do Paraná: concepções filosófico-pedagógicas***. 2008. 181 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

PARANÁ. Lei nº 13.283, de 25 de outubro de 2001. **Dispõe sobre a criação, organização e funcionamento das universidades estaduais do Paraná**. *Diário Oficial do Estado do Paraná*, Curitiba, 25 out. 2001.

OUVINDO O SILÊNCIO: MUSICOTERAPIA COMO POSSIBILIDADE DE EXPRESSÃO E ALENTO PARA AS FERIDAS INVISÍVEIS DO TRAUMA DE VIOLÊNCIA EM MULHERES QUE SOFREM/SOFRERAM VIOLÊNCIA

Eduarda Schirmer, Sheila Beggiato

Este projeto de pesquisa foi subsidiado pela instituição de fomento Fundação Araucária, cujo apoio foi fundamental para sua realização e difusão dos resultados. O projeto de pesquisa teve como objetivo investigar o silêncio de mulheres em situação de violência em um setting musicoterapêutico, em processos grupais. A pesquisa parte da compreensão do silêncio em suas diversas formas e como a ausência de comunicação verbal pode assumir diferentes sentidos e funções dentro da prática musicoterapêutica. Em contexto de violência demarcadas estruturalmente e de gênero, o silêncio pode carregar significados específicos e reproduzir mecanismos de opressão não elaborados. Dessa forma, procurou-se compreender como o silêncio se presentifica como elemento expressivo e ferramenta terapêutica no campo da musicoterapia. A metodologia foi adotada como qualitativa, exploratória e descritiva, em consonância com Denzin e Lincoln (2006) e Minayo (2019), buscando compreender os sentidos atribuídos aos silêncios demonstrados durante encontros de musicoterapia. Os resultados apontam que o silêncio, longe de demonstrar ausência, configurou-se como um espaço de elaboração simbólica, escuta e ressignificação. As observações foram ancoradas em autores da área de musicoterapia que relacionam o silêncio dentro da musicoterapia e também com teóricos que problematizam as relações entre linguagem, gênero e poder. Também foram consideradas documentos normativos e legais que sustentam a relevância social do estudo. Conclui-se que o silêncio dentro de um setting musicoterapêutico, deve ser reconhecido como recurso terapêutico, a fim de ampliar a escuta clínica e favorecer a construção de narrativas subjetivas em mulheres que experienciaram violência. O estudo reforça a necessidade de práticas que considerem a expressão musical, bem como os atravessamentos sociais, políticos implicados nas vivências femininas.

Palavras-chave: Musicoterapia, Silêncio, Violência de Gênero.

USOS E VARIAÇÕES TERMINOLÓGICAS EM MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO CRÍTICA À LUZ DA TEORIA COMUNICATIVA DA TERMINOLOGIA

Isabela Sales, Marina Freire

INTRODUÇÃO: Muitas são as Orientações teóricas, Abordagens, Modelos, Métodos e Técnicas presentes e atuantes no contexto atual da Musicoterapia (McFerran *et al.*, 2023). Tais diferentes conceituações terminológicas são empregadas por diferentes autores, podendo gerar debates e incertezas quanto a seus usos de forma “correta”. A Terminologia é a disciplina que investiga o emprego de termos em amplitude, nos âmbitos de sua formação, usos, significações e evolução (Krieger; Finatto, 2004). Partindo da Teoria Comunicativa da Terminologia - TCT (Cabré, 2003), os termos existentes em um campo de conhecimento não mais se apresentam possuindo uma única compreensão, concepção ou definição, mas levam em consideração o caráter comunicativo, social e cultural presente no uso de um termo técnico-científico. **OBJETIVO:** Identificar as principais conceituações descritas por teóricos da Musicoterapia mundial nos usos dos termos Orientação, Abordagem, Modelo, Método e Técnica, visando traçar uma reflexão crítica sobre seus usos à luz da TCT. **MÉTODO:** Esta é uma revisão crítica da literatura. Foram selecionadas as principais definições e conceituações dos cinco termos destacados, em livros e artigos de musicoterapeutas reconhecidos na área. **RESULTADOS PRELIMINARES:** Os autores estudados foram Aigen, Barcellos, Bruscia, Edwards, Gattino, Kirkland e McFerran *et al.* Todos eles apontam pelo menos três dos cinco termos estudados e ressaltam a importância de sua conceituação dentro da Musicoterapia, porém sem consenso de definição. Observou-se que variações conceituais para um mesmo termo dependem do ponto de vista do teórico investigado. **CONCLUSÃO:** Compreender os diferentes empregos terminológicos descritos na literatura colabora na valorização da dinamicidade e diversidade de pensamentos coexistentes na Musicoterapia, em âmbito mundial. Conhecer os faz-se importante para o profissional musicoterapeuta poder escolher e utilizar a terminologia e o conceito que mais vá ao encontro de seus pensamentos e correspondências teóricas. **DESCRITORES:** Musicoterapia; Terminologia; Revisão crítica.

REFERÊNCIAS

- CABRÉ, Maria Teresa. Theories of terminology: Their description, prescription and explanation. **Terminology. International Journal of Theoretical and Applied Issues in Specialized Communication**, v. 9, n. 2, p. 163-199, 2003.
- KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. Editora Contexto, 2004.
- MCFERRAN, Katrina; CHAN, Vivian; TAGUE, Daniel; STACHYRA, Krzysztof; MERCADAL-BROTTONS, Melissa. A comprehensive review classifying contemporary global practices in music therapy. **Music Therapy Today**, v. 18, n. 1, p. 466-485, 2023.

A MUSICOTERAPIA EM PERSPECTIVA COMUNITÁRIA: ARTE, SAÚDE E EDUCAÇÃO NA EXPERIÊNCIA DE GRUPOS DE ESTUDO EM PERCUSSÃO DA REGIÃO DAS VERTENTES, MG

Juliana Milagres Tostes; Lindenberg Oliveira de Souza

O presente estudo teve como objetivo analisar a experiência de participantes de grupos de estudos em percussão na Região das Vertentes (MG) a partir da perspectiva da musicoterapia social-comunitária, investigando os efeitos da prática musical sobre pertencimento, vínculos afetivos, expressão, transformação subjetiva e dimensões espirituais e políticas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, com coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas e diário de campo. Participaram onze integrantes dos grupos Batucada Popular e Batucada Barbacena, localizadas em São João del rei e Barbacena, respectivamente, cujas falas foram analisadas por análise temática, organizando-se em seis eixos: pertencimento e vínculo; transformação subjetiva; expressão e escuta; espiritualidade e sentido; compromisso político e resistência cultural; relação com a música e o corpo. Os resultados evidenciam que esses grupos funcionam como dispositivo comunitário capaz de promover cuidado coletivo, reabilitação subjetiva e integração social, além de possibilitar o desenvolvimento de habilidades expressivas e corporais e o engajamento em práticas de resistência simbólica. Conclui-se que a musicoterapia, quando articulada a práticas comunitárias de percussão, contribui de forma significativa para o fortalecimento de vínculos, promoção de bem-estar, ampliação da participação social e valorização da experiência artística e cultural. Esses achados reforçam a importância de abordagens intersetoriais que conectem arte, saúde e educação e apontam para a relevância de políticas públicas que reconheçam a música como instrumento de transformação comunitária.

Palavras-chave: Musicoterapia, Grupo de estudo em Percussão, Saúde, Educação, Arte.

Referências

- Benenson, R. *Identidade sonora e musicoterapia*. Buenos Aires: Ediciones Médicas, 1988.
- Stige, B. & Pavlicevic, M. *Music Therapy in Community Contexts*. 2009.
- Zanini, C. *Musicoterapia Comunitária no Brasil: Perspectivas e Práticas*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

COMPOSIÇÕES MUSICAIS EM MUSICOTERAPIA VOLTADAS À EXPRESSÃO E AO RESTABELECIMENTO DE PESSOAS ENLUTADAS

Ariadne Gomes Vilero, Frederico Gonçalves Pedrosa

INTRODUÇÃO: A musicoterapia pode fornecer suporte às pessoas enlutadas, ao utilizar a música como um canal de expressão e agente ativo de transformação (Valgas, 2013). Este trabalho analisa como as experiências musicais, especialmente a composição, contribuem para a elaboração do luto, considerando a música como ferramenta terapêutica, capaz de refletir, processar e reorganizar a experiência interna do indivíduo enlutado. **OBJETIVO:** Investigar os efeitos e a relevância da musicoterapia no processo de restabelecimento de pessoas enlutadas, através da análise de aspectos musicais e líricos das composições grupais produzidas durante o processo musicoterapêutico. **METODOLOGIA:** Foi realizado um estudo de caso exploratório, de abordagem mista, com nove adultos enlutados que participaram de oito sessões de musicoterapia online. As intervenções, baseadas na abordagem musicopsicoterapêutica, focaram na composição, audição e recriação musical. Os dados qualitativos, obtidos por relatórios de sessão, foram analisados tematicamente com ênfase na estrutura lírica e harmônico-melódica das canções. Os dados quantitativos, oriundos do *Texas Revised Inventory of Grief* (Barros, 2008), aplicado antes e após a intervenção, foram avaliados pelo Índice de Mudança Confiável (Pedrosa, 2024), e por teste de Wilcoxon, para verificar a variação na intensidade do pesar. **RESULTADOS:** Os resultados indicaram redução estatisticamente significativa na intensidade do luto ($p = 0,01$), com 85,7% dos participantes apresentando mudanças positivas confiáveis. As três canções compostas pelo grupo demonstraram uma progressão terapêutica da dor à restauração, evidenciada pela passagem de harmonias tensas e andamentos lentos para tonalidades maiores e resoluções firmes, que, em consonância com a análise lírica simboliza esperança e reconexão com a vida. **CONCLUSÃO:** O estudo levantou evidências de que a composição musical em musicoterapia constitui o contexto de elaboração do luto, em que, as alterações nos elementos das composições refletem o processo de restauração, indicando que a prática musical ativa favorece a expressão, e o restabelecimento de pessoas enlutadas. **Descritores:** Luto, Musicoterapia, Música

Referências:

BARROS, E. N. **Tradução e validação do texas revised inventory of grief (trig): aplicação em pais enlutados pela perda de um filho por câncer pediátrico.** Dissertação de Mestrado em Ciências, Pós-Graduação em Ciências da Fundação Antônio Prudente, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://accamargo.phlnet.com.br/>>
PEDROSA, F. G. **Cálculo do Índice de Mudança Confiável (RCI).** [Software]. 2024. DOI: <https://doi.org/>. Disponível em: https://fredpedrosa.shinyapps.io/jt_pt/.
VALGAS, H. **A musicoterapia em situações de luto: possibilidades de intervenção.** Dissertação de Mestrado em Música, Pós-Graduação em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2013. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br>.

REFLEXÕES SOBRE OS IMPACTOS DA REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO DE MUSICOTERAPEUTA SOBRE A FORMAÇÃO E A PRÁTICA PROFISSIONAL

Bárbara Penteado Cabral, Marco Antonio Carvalho Santos

Introdução: A regulamentação de uma profissão, prevista na Constituição Federal, visa proteger a sociedade de riscos potenciais, exigindo qualificação específica. No Brasil, a Musicoterapia enfrentou um longo caminho até a promulgação da Lei 14.842/24, que, ao normatizar o exercício profissional, inaugurou um novo cenário. **Objetivos:** Analisar a trajetória da Musicoterapia no Brasil em relação à regulamentação profissional, destacando a relevância da Lei 14.842/24, e discutir o cenário pós-regulamentação, com foco nas indefinições legais e no impacto sobre a formação profissional. **Métodos:** Este resumo baseia-se em um método descritivo da trajetória da regulamentação da Musicoterapia, utilizando o texto da lei que aborda as implicações legais, elabora a distinção entre associações e conselhos profissionais, e as mudanças no panorama da formação pós-lei. A coerência teórico-metodológica da presente pesquisa é estabelecida pelo encadeamento lógico entre a necessidade de regulamentação e as consequências da legislação no cenário atual. **Resultados:** A Lei 14.842/24 representa um avanço crucial, reconhecendo a Musicoterapia e limitando seu exercício. Contudo, a não criação imediata de um Conselho Federal ou Regional e a indefinição de fiscalização, padrões éticos e registro profissional criam um "limbo legal". A legislação restringe a formação a nível de pós-graduação *lato sensu* a um período de transição, pressionando o pequeno número de cursos de graduação existentes, concentrados em poucas regiões, a suprirem a demanda nacional nos anos subsequentes ao indicado na lei. **Conclusões:** A regulamentação da Musicoterapia contribui significativamente para o desenvolvimento da profissão. O desafio imediato é superar as indefinições legais e estruturais pós-regulamentação, estabelecendo mecanismos de fiscalização e registro profissional, e garantindo a expansão da oferta de graduações em âmbito nacional. Pesquisas futuras são essenciais para investigar a adequação da formação e atualização profissional, o mercado de trabalho e a inserção no SUS, além de refletir sobre a produção científica e publicações na área.

Palavras-chave: Musicoterapia, Regulamentação, Prática Profissional.

Referências

GONÇALVES, Camila S. G. A.; NASCIMENTO, Lázaro C. S., DIAS, Magali F. P. Regulamentação da profissão musicoterapeuta no Brasil: perguntas, respostas e orientações. In: Caminhos, contribuições e estratégias para a musicoterapia na atualidade [livro eletrônico] / organização Maria Helenita Nascimento Bernál, Maria Helena Bezerra Cavalcanti Rockenbach. -- São Leopoldo: Associação de Musicoterapia do Rio Grande do Sul, 2021, p. 19-34.

CHAGAS, Marly (org). A regulamentação da atividade profissional do musicoterapeuta: uma conquista coletiva. Marly Chagas (organizadora) Colaboradores: Mt Clara Marcia Piazzetta Mt Dalmo Palmeira Adv Franklin Façanha Mt Lilian Engelmann Adv Luciana Lemgruber Mt Marly Chagas Adv Tharlen Nascimento. Brasília: Editora MTBR, 2004.

ENTREVISTAS SOBRE RONALDO P. MILLECCO: HOMENAGEM DA AMT-RJ AOS 30 ANOS DA UBAM

Antônio Carlos F. Lino, Barbara Penteado Cabral, Eduardo Pereira Camelo

A Musicoterapia no Brasil está ligada ao movimento associativo desde 1960, e em 1995 com a União Brasileira das Associações de Musicoterapia desempenhando um papel central na sua consolidação. Na celebração dos 30 anos da UBAM, este trabalho apresenta um resgate histórico e profissional da trajetória do musicoterapeuta Ronaldo Pomponet Millecco, reconhecido por suas contribuições acadêmicas, clínicas e associativas, especialmente na Associação de Musicoterapia do Rio de Janeiro (AMT-RJ) e na gestão inicial da própria UBAM. O objetivo é homenagear Millecco, descrevendo os marcos significativos de sua história e suas contribuições para o desenvolvimento e fortalecimento político-institucional da profissão no país, como sua atuação como Secretário Geral da UBAM (1995-1997). Em termos metodológicos, trata-se de um estudo qualitativo de caráter descritivo, empregando o relato histórico-biográfico por meio de entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistadas pessoas de seu círculo familiar, de amizade e trabalho que pudessem oferecer perspectivas sobre os momentos cruciais de sua vida pessoal e profissional. A análise dos dados foi guiada pela coerência teórica e metodológica, garantindo a lógica e a compreensibilidade do encadeamento narrativo. Os resultados obtidos revelaram a multifacetada influência de Millecco: musicoterapeuta, músico, poeta, teórico e político. Destaca-se sua participação ativa e essencial no movimento associativo e na construção da UBAM. Millecco teve, embora breve, uma trajetória intensa e diversificada, com forte atuação política, inicialmente no Diretório Acadêmico do Conservatório Brasileiro de Música, passando pela UBAM e chegando ao Comitê Latino-Americano de Musicoterapia. Conclui-se que a trajetória de Ronaldo P. Millecco é um referencial indispensável para o desenvolvimento da musicoterapia no Brasil e na América do Sul. Na pré-produção das entrevistas, foram consultados outros trabalhos e uma homenagem sobre Millecco já publicados. Esta memória atesta a relevância do seu legado para o avanço e desenvolvimento contínuo da profissão no Brasil.

Descritores: Musicoterapia; Entrevista; História.

Referências:

- CHAGAS, Marly. Homenagem a Ronaldo Millecco. *Brazilian Journal of Music Therapy*, [S. l.], n. 6, 2002. Disponível em: <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/324>. Acesso em: 23 out. 2025.
- MILLECCO, Ronaldo. Ruídos da Massificação na Construção da Identidade Sonora-Cultural. *Brazilian Journal of Music Therapy*, [S. l.], n. 3, 1997. DOI: 10.51914/brjmt.3.1997.139. Disponível em: <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/139>. Acesso em: 23 out. 2025.

DIÁLOGOS EPISTEMOLÓGICOS ENTRE MUSICOTERAPIA E GESTALT-TERAPIA: AS BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA GESTALT-MUSICOTERAPIA

Bárbara Penteado Cabral, Rafael Oliveira Queres

Introdução: Este artigo examina as bases teóricas da Gestalt-terapia (GT) e sua relevância para a prática do Musicoterapeuta. Partimos do questionamento: como esses campos dialogam para ampliar a fundamentação teórica da experiência clínica na prática da Musicoterapia? O trabalho situa a GT como "terceira força" emergente da psicologia, cujas raízes se coadunam com a natureza experiencial e artística da Musicoterapia como profissão da saúde. **Objetivos:** Descrever os fundamentos da GT e sua relação com a Musicoterapia, delineando a coerência epistemológica e teórico-metodológica dessa interlocução. Visa-se apresentar as bases teóricas, principalmente o Gestaltismo, a Teoria do Campo e a Teoria Organísmica, as bases filosóficas fenomenológico-existenciais e os conceitos centrais. Revisitar as contribuições brasileiras pioneiras nessa relação entre as áreas e as internacionais que possibilitaram tais articulações iniciais. **Métodos:** O trabalho utilizou a revisão de literatura. Assume-se uma postura fenomenológica, de descrição dos fenômenos pesquisados. Incluíram-se publicações que estabelecem a interface entre os campos, destacando as publicações sobre a abordagem gestáltica no contexto da Musicoterapia. **Resultados:** A GT articulada com a Musicoterapia nos trabalhos pesquisados revela o campo da Gestalt-Musicoterapia, de método fenomenológico-existencial, com um saber transdisciplinar e complexo, para uma prática ética-estética-política. A experiência musical de base gestáltica é compreendida como uma força na configuração do campo organismo-ambiente, como ampliação da *awareness* e como ajustamento criativo funcional ou disfuncional no contexto musicoterápico. Tal integração teórica permite um entendimento dos riscos iatrogênicos da música e dos processos de autorregulação do cliente no contato com a música e o musicoterapeuta. **Conclusões:** O diálogo revela profunda coerência teórica e metodológica, pois ambas as abordagens compartilham a ênfase na experiência imediata, no processo criativo e na relação corpo-expressão. A Gestalt-Musicoterapia ainda é pouco explorada, mas oferece um quadro epistemológico potente para a Musicoterapia, além de ampliar as práticas e profissões que atuam com a abordagem. **Descritores:** Musicoterapia; Gestalt-Musicoterapia; Epistemologia.

Referências:

CABRAL, Bárbara Penteado. Não é sobre a música, mas na música: a musicoterapia como experiência, em diálogos com a fenomenologia. (Mestrado em Psicologia). UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS. INSTITUTO DE PSICOLOGIA, 2019.

NASCIMENTO, Lázaro Castro Silva. Gestalt-musicoterapia no Brasil: explorando o campo. *Rev. abordagem gestalt.* [online]. 2020, vol.26, n.1, pp.53-62. ISSN 1809-6867. <https://doi.org/10.18065/RAG.2020v26n1.5>.

PEIXOTO, P. T. Música, Gestalt-Musicoterapia e a *awareness* do campo. in: *Recursos Criativos em Gestalt-Terapia*/ Org. Lilian Frazão, Karina Fukumitsu. - 1 ed. - São Paulo: Summus, 2021, p. 149-173.



UBAM

UNIÃO BRASILEIRA DAS
ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA

30 anos

*XXV Encontro Nacional de
Pesquisa em Musicoterapia
Novembro de 2025*

ISBN: 978-85-94394-13-2

CDL



9 788594 394132